

Uma Publicação da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR)
Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR)
VOLUME 4, 2022 · SALVADOR, BAHIA

REVISTA

Bahia

PRODUTIVA



**Assistência Técnica
e Extensão Rural
promove transformações
no rural baiano**



PROJETO
**BAHIA
PRODUTIVA**
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

REVISTA
Bahia
PRODUTIVA

Agentes da Transformação do Rural Baiano

O apoio à promoção do desenvolvimento rural sustentável exige alguns importantes pressupostos. Um deles é a oferta e o acesso, de forma sistemática e contínua, aos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), executada na Bahia a partir de uma estratégia inovadora e versátil e com muito trabalho.

São resultados efetivos desses serviços, prestados pelo Governo do Estado por meio do Projeto Bahia Produtiva, a mais de 34 mil famílias, que você irá conferir na quarta edição da revista Bahia Produtiva. Esses resultados representam uma amostra dos trabalhos realizados pelos mais de 300 profissionais de ATER e mais de 600 Agentes Comunitários Rurais (ACR) do Projeto Bahia Produtiva, que contribuem para a implantação e consolidação dos investimentos realizados no âmbito do Projeto, gerando os impactos sociais e econômicos esperados.

Nas próximas páginas você conhecerá como os profissionais de ATER inovaram com ações como a garantia da continuidade desse trabalho, mesmo no período de isolamento devido à pandemia da covid-19, quando foram produzidas e disponibilizadas na internet, gratuitamente, dezenas de videoaulas. Será possível conferir também outras iniciativas, como a adoção de práticas de produção de reserva alimentar para bovinos e caprinos por indígenas, as técnicas de subsolagem, calagem e adubação em comunidades quilombolas, e tecnologias digitais de gestão da produção de peixes junto a ribeirinhos.

Essa edição traz ainda a orientação para a implantação de sistemas de produção mais resilientes às mudanças climáticas no Semiárido, a utilização de tecnologias sociais para garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias atendidas, a elaboração de projetos de turismo de base comunitária em unidade de conservação, os avanços na certificação orgânica de hortaliças e frutas, o desenvolvimento de novos produtos, a aquisição coletiva de insumos, a articulação na luta pelo acesso à terra, e muitas outras experiências.



Esses resultados, que impactam na vida de tantas famílias e são promovidos pela atuação desses homens e mulheres – verdadeiros agentes da transformação que, diariamente, percorrem centenas de quilômetros pelas estradas, enfrentando as adversidades do campo com compromisso firme e diálogo –, vão te fazer vibrar de vontade de conhecer cada uma dessas experiências, que estão mudando a realidade do rural baiano.

São iniciativas que conciliam o conhecimento técnico e o popular, a partir de metodologias e estratégias adotadas pelas instituições de ATER, sempre respeitando os saberes de agricultores e agricultoras familiares baianos e povos e comunidades tradicionais, em toda a sua diversidade climática, ambiental, produtiva, econômica, étnica e cultural. São também múltiplos os desafios enfrentados pelas equipes do Bahia Produtiva, que alcançaram 342 municípios nos 27 territórios de identidade baianos.

É por meio do Bahia Produtiva, resultado do Acordo de Empréstimo entre o Governo da Bahia e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que está sendo possível fazer essa transformação e o sucesso alcançado é, dialeticamente, causa e fruto dos avanços obtidos pelas organizações produtivas (associações e cooperativas) financiadas por meio do Projeto. Essas boas experiências reafirmam, ainda, um caminho para essa importante política pública que é o serviço de ATER, que, executado em conjunto com as demais políticas públicas complementares para a autonomia das comunidades rurais, promove o desenvolvimento rural sustentável.

Uma ótima e produtiva leitura!

Assistência Técnica e Extensão Rural do Projeto Bahia Produtiva.

Inovação, versatilidade e compromisso com resultados.

Ivan Leite Fontes, Wecslei de Angeli Ferraz e Vladimir Oganauskas Filho.

A Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), por meio do Projeto Bahia Produtiva, tem implementado uma estratégia diferenciada de apoio ao processo de inclusão produtiva, aumento de renda e oportunidades no meio rural.

A partir de investimentos consistentes em infraestrutura, apoio à gestão e aquisição de insumos e equipamentos, e da prestação de serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), destinados a organizações produtivas de agricultores/as familiares e outras populações tradicionais do campo, foi possível, nos últimos anos, promover uma importante transformação na produção, beneficiamento e acesso a mercados para os produtos da agricultura familiar na Bahia, tornando o Projeto Bahia Produtiva uma referência nacional e internacional.

Dessa forma, chegamos à marca de 1.209 organizações sociais e produtivas (cooperativas e associações) apoiadas com investimentos aplicados/comprometidos da ordem de R\$ 685 milhões. No âmbito do projeto, estão sendo implantados, também, 174 sistemas de água, 24.378 ligações canalizadas e 5.297

sistemas de ligações de água canalizadas recuperadas. Até dezembro de 2022 o volume de recursos aplicados é de US\$ 260 milhões, resultado do Acordo de Empréstimo entre o Governo da Bahia e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD).

A oferta de serviços sistemáticos e continuados de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), por meio de diferentes estratégias, permitiu, a partir das orientações técnicas, as mudanças necessárias na base produtiva e a implantação de modelos de produção sustentáveis, com as condições adequadas para garantir a entrega de uma matéria-prima de qualidade para as unidades agroindustriais sob a gestão dos/as próprios/as agricultores/as familiares. O acompanhamento técnico chegou, também, às organizações produtivas, apoiando o processo de gestão e funcionamento dos empreendimentos.

Esse conjunto de ações governamentais, executado via Projeto Bahia Produtiva, que incluem o apoio ao processo de produção, agregação de valor e entrada e permanência dos produtos nos diversos mercados, está garantindo resultados exitosos que qualificam e potencializam o êxito das organizações produtivas.

O Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, apostou na diversificação dos serviços de ATER ofertados a agricultores/as familiares e suas organizações produtivas, a partir da compreensão de que devem existir diferentes soluções para desafios distintos. Essas diferentes soluções geraram a oferta continuada e sistematizada de serviços, com equipes multidisciplinares de Assistência Técnica, participação efetiva de jovens que atuam como Agentes Comunitários Rurais (ACR), e apoio ao acesso a mercados, à elaboração de planos de negócios e à gestão das agroindústrias.

Com as restrições e os desafios impostos à sociedade pela pandemia do Novo Coronavírus (covid-19), mais inovação e dinamicidade foram necessárias e o grande desafio para a atuação das equipes técnicas foi a realização de visitas às propriedades rurais, realização de dias de campo e atividades de formação coletiva. Assim, uma importante ferramenta foi desenvolvida e definitivamente incorporada à dinâmica dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural: ATER a Distância. Essa ação resultou na produção de 588 horas em videoaulas e teleconferências, 196 materiais técnico-pedagógicos, disponíveis na internet, além do atendimento remoto a agricultores/as familiares e a Agentes Comunitários Rurais (ACR).

Nos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), do Projeto Bahia Produtiva, estão ancorados os alicerces para a busca da integração entre o que é produzido no campo e o que chega à mesa de consumidores, com a inserção no mercado dos produtos das organizações produtivas apoiadas. Essa realidade foi concretizada a partir da adoção de estratégias customizadas e soluções específicas para cada

tipo de produto ou sistema produtivo, dentro de cada realidade local ou regional.

Um importante destaque é a contratação de Agentes Comunitários Rurais (ACR) para o apoio e multiplicação de conhecimentos, além das mobilizações e atuação nas áreas de comunicação social, segurança alimentar e nutricional, gestão e assessoria técnica. Esses/as jovens, selecionados/as nas comunidades rurais onde estão localizadas as organizações produtivas, favorecem a extensão rural, com a compreensão das tradições, problemas e potencialidades locais e a relação de confiança com agricultores/as familiares.

A partir dessa metodologia, os principais resultados alcançados são: a organização e o planejamento da propriedade e da produção em bases sustentáveis; a garantia da qualidade dos produtos; a regularidade e escala na entrega; o estímulo à inovação e à apropriação de novas práticas; utilização de insumos da própria propriedade; utilização de equipamentos; a garantia de segurança alimentar e nutricional; e o retorno econômico às famílias, que garante a permanência no campo, com melhores condições de trabalho e de vida.

Importante destacar que o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural prestado junto aos agricultores/as familiares e às organizações produtivas dialogam com os princípios contidos na Política Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar (Lei n.º 12.372/2011), principalmente no que diz respeito à promoção do desenvolvimento rural sustentável; adoção de metodologia participativa, com enfoque multidisciplinar, interdisciplinar e intercultural; enfoque para o desenvolvimento de sistemas de produção em bases sustentáveis; contribuição para a segurança e soberania alimentar e nutricional; entre outros.

Para entender melhor o relato das experiências destacadas nesta revista, em que são detalhados os serviços realizados, tecnologias utilizadas, os resultados e a interação entre os serviços de ATER e o público atendido, é fundamental entender os detalhes das diferentes estratégias adotadas pela CAR/Projeto Bahia Produtiva, visando ao financiamento, execução, monitoramento, acompanhamento e alcance dos resultados gerados pelos serviços de ATER.

Estão apresentadas aqui as estratégias e a participação de diferentes instituições parceiras, as formas de contratação, as tecnologias utilizadas e a relação dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural com outras políticas públicas complementares.

Assistência Técnica e Extensão Rural e Serviço de Assessoria Comunitária

Serviço de apoio técnico especializado a agricultores/as familiares, organizações produtivas e formação e acompanhamento de jovens Agentes Comunitários Rurais (ACR), responsáveis pela mobilização social, comunicação, apoio à gestão dos empreendimentos e multiplicação de tecnologias e práticas sustentáveis pela ATER. Esse serviço conta com 27 instituições parceiras, selecionadas por Edital Público, com 101 profissionais contratados, com formação multidisciplinar, 660 Agentes Comunitários Rurais (ACR), no atendimento a 18.420 agricultores/as familiares e 584 organizações produtivas.

Assessoria Técnica de apoio à base de produção e gestão de organizações produtivas

Serviço de Assessoria Técnica na produção e na gestão dos empreendimentos, com o objetivo de fortalecer as Alianças Produtivas, estabelecendo práticas e ações para a organização da base produtiva, melhorias nos processos de fabricação, relação do negócio com o mercado e profissionalização da gestão das cooperativas. Esse serviço conta com 96 profissionais que apoiam diretamente as unidades de produção familiar e a gestão de 52 organizações produtivas.

Assistência Técnica e Extensão Rural de apoio à produção, conservação e uso sustentável da sociobiodiversidade

Serviço de apoio técnico especializado para a valorização da biodiversidade, promoção de práticas e modelos produtivos e agroindustriais de baixo impacto, incorporação do conceito de integração dos investimentos ao uso racional e sustentável dos bens naturais. Esse serviço conta com uma instituição de ATER parceira, 12 profissionais contratados, e formação multidisciplinar, para o atendimento a 99 organizações produtivas apoiadas.

Uma das importantes diretrizes presentes nessas estratégias de ATER foi orientar os serviços para o atendimento da demanda de mercado por produtos com valor agregado, processados pelas agroindústrias que estão sob a gestão de associações e cooperativas atendidas por meio do Projeto Bahia Produtiva. Assim, busca-se alcançar o alinhamento entre a base produtiva, o beneficiamento realizado na agroindústria e o mercado, dentro dos principais sistemas produtivos estratégicos da agricultura familiar na Bahia e dos investimentos produtivos realizados.

Um importante aprendizado que está relacionado à execução do Projeto Bahia Produtiva está assentado na convicção de que a ATER deve se adequar e customizar os serviços prestados para atender de forma sempre qualificada às necessidades de agricultores/as familiares atendidos e promover a maturidade de suas organizações produtivas na participação no mercado. Para isso, é preciso investir ainda mais na formação de extensionistas e em tecnologias de promoção da informação, para cada

Assistência Técnica de apoio à implantação de sistemas de produção emergencial de alimentos

Serviço de apoio técnico emergencial para a produção de alimentos em comunidades com situação de risco social, para a produção de alimentos saudáveis e de ciclo curto, visando a aumentar a diversidade de produção e garantir a segurança alimentar e nutricional das famílias atendidas bem como o acesso a circuitos curtos de comercialização. Esse serviço é prestado por diferentes instituições (Prefeituras Municipais, Consórcios Públicos Territoriais, e SDR), por meio da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BAHIATER), de acordo com o termo de parceria firmado, e conta com 250 profissionais.

vez mais melhorar e ampliar a capacidade de atendimento e potencializar os diferentes aspectos da produção e inovação.

Nas experiências relatadas nesta publicação será possível perceber o comprometimento, resultados e impactos desse serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural prestado, como importante estratégia do Governo do Estado, por meio do Projeto Bahia Produtiva, na vida de pessoas, em suas propriedades rurais e nas organizações produtivas. Essas experiências demonstram, objetivamente, a relevância do trabalho desenvolvido por instituições, técnicos/as extensionistas e Agentes Comunitários Rurais, dentre outros, no desenvolvimento dos serviços de ATER. Apesar de ainda ser necessário avançar, essas experiências comprovam um caminho a ser seguido pelas políticas públicas de estímulo e promoção do desenvolvimento rural sustentável.

Sumário

GOVERNADOR
Rui Costa

VICE-GOVERNADOR
João Leão

SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO ESTADO DA BAHIA
Jeandro Ribeiro

DIRETOR-PRESIDENTE DA COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL (CAR)
Wilson Dias

COORDENADOR DO BAHIA PRODUTIVA
Fernando Cezar Cabral Oliveira

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Sílvia Costa

COORDENADOR DE ATER
Wecsllei de Angeli Ferraz

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Sílvia Costa
Marta Medeiros

TEXTOS
Karoline Meira
Rafael Barreto
Ivan Dias

FOTOS
André Frutuoso
Geraldo Carvalho
Juan Suzart

COLABORAÇÃO
Aldir Parisi
Carla Ornelas
Marcílio Cerqueira
Wecsllei de Angeli Ferraz
Vladimir Oganauskas Filho

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
P55 Edição – André Portugal e Marcelo Portugal

IMPRESSÃO
EMGRAF

TIRAGEM
1 mil exemplares gratuitos. Venda proibida.



BAHIA PRODUTIVA

Uma publicação do Projeto Bahia Produtiva executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), empresa pública vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural do Estado da Bahia (SDR). Novembro 2022.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL - CAR
Av. Luiz Viana Filho, 250 Conjunto Seplan
CAB, Salvador, Bahia - CEP: 41745-001



Implantação de sistema agroflorestal **fortalece agricultura familiar em Pintadas**

14



Produção e comercialização de alimentos saudáveis **são viabilizadas com o serviço de ATER**

24



Subsolagem amplia a produção e a renda de quilombolas na Chapada Diamantina

34



Segurança alimentar e nutricional é garantida em meio à pandemia

42



ATER a Distância garante assistência técnica qualificada durante a pandemia

52



Assistência técnica e a revolução do milho não-transgênico

62



Produção de laranja orgânica transforma vidas no Litoral Norte e Agreste Baiano

72



Certificação orgânica impulsiona atividade de agricultores familiares em Irecê

82



Tecnologias sociais levam água, aumentam produção e asseguram renda

90



Bovinocultura de leite promove rentabilidade para povos indígenas

96



Orientações técnicas fortalecem ovinocaprinocultura em comunidade indígena

106



Suporte alimentar com plantas do Semiárido incrementa produção de caprinos

116



Gestão comunitária em Várzea da Roça se torna referência no Território Bacia do Jacuípe

124



Fundo Rotativo Solidário leva autonomia financeira a grupo de mulheres agricultoras

134



Acesso à terra fideliza famílias agricultoras e amplia base de produção de agroindústria no Baixo Sul

144



Checkfish promove melhoria na produção de pescado

152



Artesanato de piaçava de mulheres quilombolas ganha mercado em Camamu

162



Turismo de base comunitária transforma a vida de famílias ribeirinhas em Canavieiras

170



Planejamento e gestão impulsionam as vendas de produtos derivados do leite

178



Cooperativa do Sertão Baiano eleva o faturamento com o desenvolvimento de novos produtos

188

*Implantação
de sistema agroflorestal
fortalece agricultura
familiar em Pintadas*



Por todo o mundo, especialistas de diversas áreas, representantes do poder público e ambientalistas vêm se reunindo para debater sobre temas relacionados às mudanças climáticas como aquecimento global, resiliência climática, conservação da fauna e flora, recuperação de áreas degradadas e agricultura de baixo carbono.



Fotos: André Frutuoso.

Em sintonia com esse relevante contexto mundial, a coordenação do Projeto Bahia Produtiva introduziu essa preocupação em sua execução, já atendendo à nova estratégia para o meio ambiente do Banco Mundial, definida em 2012, em que todos os projetos de investimento do Banco Mundial devem estimar as emissões de gases de efeito estufa (GEE), também chamada “pegada de carbono”. Para isso, o Banco Mundial adotou, da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), uma ferramenta denominada Ex-ACT (Ex-Ante Carbon-balance Tool), que tem sido desenvolvida para se tornar a principal ferramenta utilizada para estimar o balanço dos GEE em projetos.

O balanço de carbono é definido como o saldo líquido de todos os GEE, expressos em CO2 equivalente, que foram emitidos ou sequestrados devido à implementação do projeto, em comparação com um cenário usual dos negócios, ou seja, sem a implementação do projeto.

Por meio do projeto Bahia Produtiva estão em execução quatro projetos piloto, nos municípios de

Pintadas, Valente, Cansanção e Jeremoabo, todos no Semiárido baiano, que estão beneficiando 255 famílias, com investimentos da ordem de R\$ 2,7 milhões. Esses projetos estão entre os pioneiros no Brasil na aplicação dessa ferramenta para estimar cenários de emissões de GEE.

Uma dessas experiências está sendo desenvolvida em Pintadas, no território de identidade Bacia do Jacuípe, a partir de investimentos da ordem de R\$ 489 mil do Governo do Estado, via projeto Bahia Produtiva. A iniciativa trouxe de volta o verde em áreas desgastadas pela falta de conhecimento e de cuidado adequado com a terra, e ainda trazem oportunidade de crescimento para a agroindústria de polpa de frutas da Cooperativa Ser do Sertão.

A cooperativa, que tem mais de 270 cooperados e cooperadas, acessou dois editais do Bahia Produtiva. Um deles é este voltado para a implantação de sistemas de produção de baixo carbono, construído e executado com a presença atuante da equipe da própria cooperativa, que presta o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).



Fotos: Jorge Henrique | VR14

Em menos de um ano do início do trabalho de recuperação da área com a implantação do SAF, a propriedade de Marinalva já tem resultados ambientais e sociais impactantes.

“É muito presente aqui em Pintadas a convivência com o Semiárido. E as mudanças climáticas já têm impacto direto na nossa produção. A gente teve um período de estiagem de três anos, e dois anos foi sem chuva mesmo. Esse momento nos levou a pensar em como poderíamos potencializar as propriedades, principalmente dos colaboradores e dos cooperados da Ser do Sertão, para que, quando viesse outro momento desse, eles estivessem preparados para não terem essa dificuldade no período de estiagem”, conta a presidente da cooperativa, Valdirene dos Santos Oliveira.

A presidente da Ser do Sertão explica que buscou junto a organizações internacionais, como o WRI Brasil e também a Adapta Group, da qual ela é uma das sócias-fundadoras, parcerias para desenvolver em conjunto esse projeto voltado para a implantação de sistemas agroflorestais (SAF) para recuperação de áreas degradadas. Até que surgiu a oportunidade de se inscrever para esse projeto piloto no Bahia Produtiva, o que viabilizou a recuperação de 25 áreas de um a dois hectares, em um modelo focado na sustentação da família, das criações, e na produção para abastecer a unidade de beneficiamento de frutas da cooperativa. Dessas áreas, 9 foram implantadas em Pintadas e 13 no município de São Domingos, localizado no território Sisal.

Outro diferencial desse projeto é que, para efeitos de comparação, além da ferramenta Ex-ACT da FAO, também será aplicada outra ferramenta de cálculo para balanço de emissões de GEE, chamada de Protocolo GHG Florestas e SAF. O Bahia Produtiva viabilizou o planejamento produtivo dos imóveis, a inscrição no Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais (CEFIR) e Cadastro

Ambiental Rural (CAR), análises de solo, sementes e mudas, além de capacitações técnicas para o sistema de produção de baixa emissão de carbono. Para acompanhar esse processo, todos os técnicos e técnicas da cooperativa passaram por uma capacitação técnica com 380 horas, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), para quem tinha Curso Técnico, ou uma pós-graduação, para quem já possuía nível Superior.

Segundo Valdirene, os esforços vêm promovendo resultados positivos na vida de agricultores e agricultoras. São ações que incluem não só a construção dos sistemas agroflorestais, mas também sistemas de irrigação baseados no armazenamento de água a partir da construção de cisternas de ferro-cimento, equipamentos, ferramentas e ATER qualificada, que já começam a dar frutos, literalmente.



Fotos: André Frutuoso.



Fotos: André Frutuoso.

“Se eu pudesse dar nota 1.000 à assistência técnica, eu dava”, brinca a agricultora familiar Marinalva Mendes.

“Um projeto como esse pede, no mínimo, cinco anos para ter resultado, porque está ligado ao meio ambiente e à recuperação de áreas degradadas. Mas é possível ver resultados, por termos agricultores que começaram a trabalhar com hortaliças em volta das cisternas, o que possibilitou já terem uma renda superior ao que tiravam antes do projeto”, comemora Valdirene.

Uma das agricultoras satisfeitas com o projeto é Marinalva Mendes da Silva. “Eu aumentei a minha renda em 50%, vendendo as hortaliças nas feiras, e reduzi o meu trabalho em 70%, porque eu não pego mais na enxada como

antes. **Se eu pudesse, eu dava nota 1.000 para a assistência do projeto.** Foi uma benção, assim como a cisterna que eu recebi e tive um retorno. Eu já tirei 150 mói de coentro daqui. Desde quando chegou a cisterna, a gente não parou mais de ampliar os canteiros, porque tivemos resultados. De três, hoje são mais de 20 canteiros”.

Outro benefício dos sistemas agroflorestais na vida dos agricultores foi a produção de forrageiras, que são utilizadas para produzir silagem para armazenar alimentação para os animais, principalmente no período de estiagem. “Nós tiramos duas colheitas de milho e duas de capim, e fizemos a silagem. Temos 12 cabeças de gado e hoje estou despreocupada com a ração, graças a Deus. Antes eu trabalhava muito só para ter o dinheiro da ração”, comenta Marinalva.



Com o SAF, Enivaldo avançou e já entrega frutas na agroindústria para a produção de polpas.

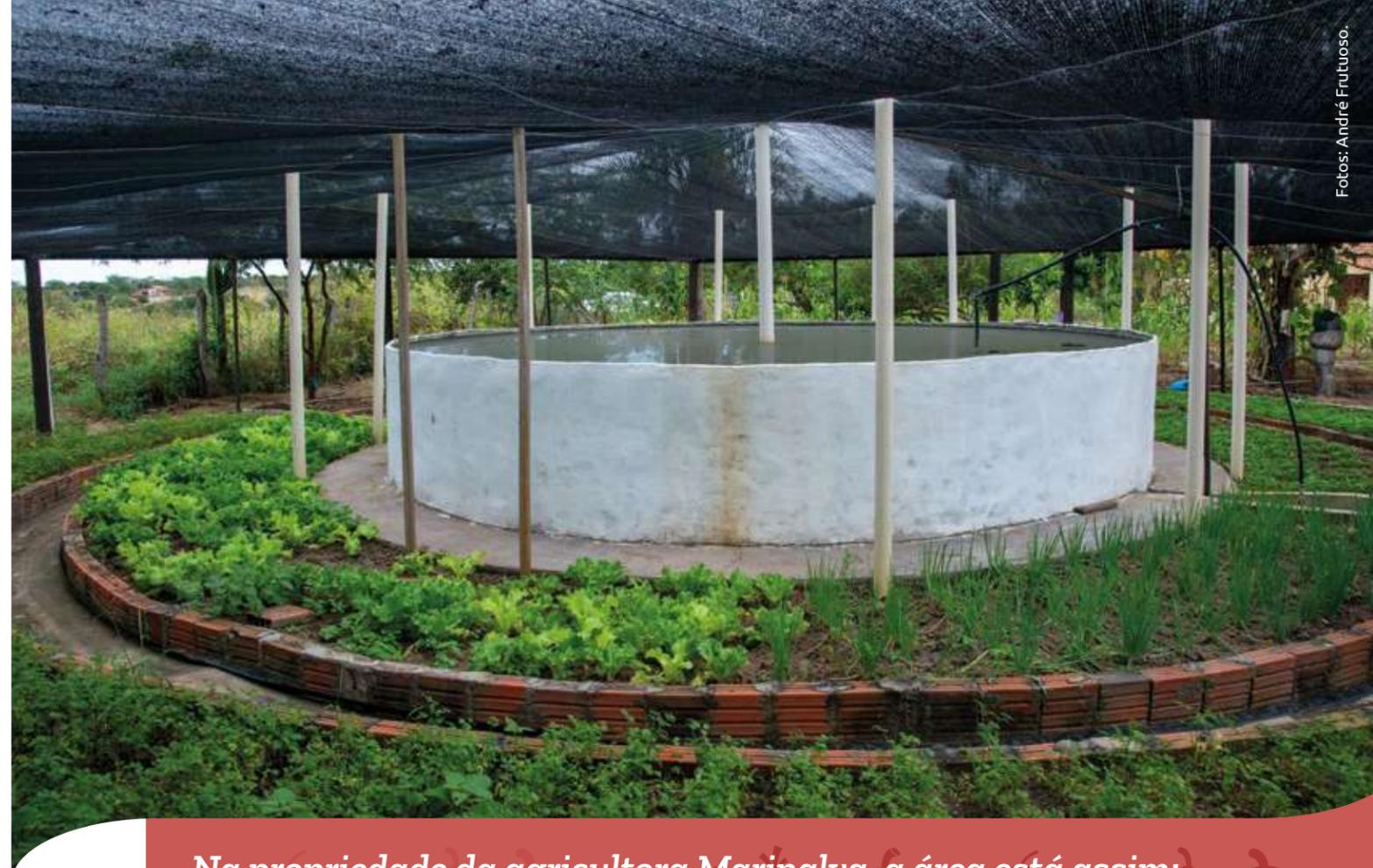
Estratégias agroflorestais

Os avanços entre agricultores e agricultoras são nítidos, porque existe um trabalho contínuo de ATER na base de produção. Para a equipe técnica da Cooperativa Ser do Sertão, a vontade do agricultor sobre o que plantar e onde plantar é sempre ouvida, já que é o agricultor que vai continuar na área após o projeto. Esse, inclusive, é apontado como um diferencial dessa ação, porque estimula o agricultor a cuidar da sua área.

“No momento inicial, a gente pensou e escreveu o projeto, mas não deixou ele fechado, porque o agricultor também participa e fala qual vai ser o foco da propriedade e se vai produzir alimentação para os animais no período de estiagem... É tudo bem livre para a participação deles”, ressalta o técnico Thiago Rios Lima.

O que os técnicos apresentam e conversam com os agricultores são as práticas que podem ser feitas em cada propriedade para a recuperação e preservação do solo. “Antigamente, não existia tecnologia de adubação, ninguém sabia que era importante deixar alguma cobertura de solo. Essas áreas degradadas são solos que estão sendo trabalhados há muito tempo. Então, acaba a matéria orgânica. No processo agroflorestal, você introduz algumas culturas que vão gerar matéria orgânica para o solo. Ou seja, ele não vai ficar exposto como antes. A gente vai colocando algumas culturas que vão se adaptando para, com o passar do tempo, elevar a cobertura de solo. Esse é o conceito da agricultura dinâmica”, explica Thiago.

O técnico da Ser do Sertão observa que, com o objetivo de garantir a cobertura do solo, algumas plantações são iniciadas dentro do planejamento da propriedade e do conceito dos estratos florestais, que são divisões baseadas nas alturas que cada planta alcança, facilitando o movimento de luz e sombra, pensando na questão solar, de passagem do vento e até da formação de chuva. “Os estratos são: emergente, alto, médio e baixo. Dentro do conceito agroflorestal, cada planta que será introduzida tem de ser pensada para ocupar o seu espaço nesses estratos”.



Na propriedade da agricultora Marinalva, a área está assim: cheia de canteiros com a crescente produção de hortaliças para consumo e comercialização.

O jovem Matias Santana, também técnico da Cooperativa Ser do Sertão, enumera outras ações continuamente realizadas nas propriedades, especialmente com o foco na baixa emissão de carbono. “A gente trabalha com a subsolagem para descompactar o solo; a adubação; o cultivo de plantas nativas; a análise de solo para verificar as deficiências dele; e a plantação das mudas/raquetes de palma adensadas, porque nós sabemos que o processo de absorção de carbono da palma é à noite, enquanto as outras plantas fazem durante o dia. Então, ajuda a equilibrar bastante na emissão de carbono”.

Matias cita ainda a prática, tradicionalmente indígena, da muvuca nas propriedades. “A muvuca é o plantio de sementes de várias espécies juntas para escolher futuramente qual está se desenvolvendo mais e qual vai ficar para a cobertura do solo”. Ele observa que essas ações visam à diversificação da produção e à recuperação dos solos, além de promoverem o extrativismo de frutas e a produção de alimentação para a criação dos animais.

Delícias do Sertão

Além de recuperar áreas degradadas com a implantação dos sistemas agroflorestais, por meio do Bahia Produtiva, também estão acontecendo outros avanços, especialmente na ampliação, qualificação e comercialização da produção de polpas de frutas na agroindústria de beneficiamento da cooperativa. E é aí que entra o edital Alianças Produtivas, acessado pela cooperativa.

“Hoje, o Governo do Estado tem um dos maiores editais de estimulação de cadeias produtivas, que se chama Alianças Produtivas. Foi um edital pensado para criar estruturas para as agroindústrias, tanto para produzirem quanto comprarem matéria-prima, processarem e comercializarem. Hoje, a gente está preparada para entrar no mercado graças ao Alianças Produtivas, que nos permitiu ter essa estrutura. Porque o nosso produto é diferenciado, é 100% natural, não tem adição de conservante e a gente quer viver da nossa produção. O edital Alianças Produtivas tem esse viés de fazer com que a gente entenda que a indústria tem que se sustentar com que ela produz”, ressalta Valdirene.

Isso acontece porque o Governo do Estado, via Bahia Produtiva, investiu em infraestrutura, maquinários e na contratação de um profissional em gestão (ATEG) e outro em ATER, especificamente para favorecer a produção de polpas de frutas na cooperativa, que têm a marca “Delícias do Sertão”. São equipamentos como a câmara fria de 52 toneladas, que facilita o armazenamento e o congelamento dos produtos e que deve dobrar a capacidade produtiva para quatro mil quilos de polpa por dia.

A Cooperativa Ser do Sertão começa a trabalhar do local para o global, acessando primeiro os mercados do município, como o Restaurante das Mulheres, gerido pela Associação das Mulheres Pintadenses (AMP). “A gente pega, em média, 80 quilos de polpa por mês e são bem aceitas no comércio. Inclusive, alguns clientes chegam e levam também para outros lugares, a exemplo de Feira de Santana e Salvador.

É um produto muito bom e, por ser sem agrotóxico, é um produto mais bem vendido. Nós trabalhamos com as polpas de umbu, acerola, manga, goiaba, abacaxi e umbu-cajá, nas embalagens de um quilo e de 100 gramas”, comenta Edileusa Coelho de Almeida, presidente da Associação.

Com a ATER, a Ser do Sertão pretende, cada vez mais, aumentar a sua produção e comercialização, tendo como prioridade o recebimento de frutas de cooperados como Enivaldo Mendes de Almeida, que tem um sistema agroflorestal em sua propriedade e já entrega frutas para a cooperativa. “As polpas chegando para os mercados, eu vou estar com o dinheiro na mão. Vou produzir e mandar direto para lá”, enfatiza o agricultor, que também consome e comercializa as frutas em barracas e quiosques de feira.

“Um projeto como esse pede, no mínimo, cinco anos para ter resultado, porque está ligado ao meio ambiente e à recuperação de áreas degradadas. Mas é possível ver resultados, por termos agricultores que começaram a trabalhar com hortaliças em volta das cisternas, o que possibilitou já terem uma renda superior ao que tiravam antes do projeto.”

Valdirene Oliveira,
presidente da SER DO SERTÃO



*Produção e comercialização
de alimentos saudáveis
são viabilizadas com
o serviço de **ATER***



Ao visitar a propriedade, é possível verificar uma plantação farta de abóbora, mamão, mandioca, hortaliças e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), entre outros cultivos. Tudo isso é resultado dos conhecimentos técnicos repassados por meio do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), ofertado pelo Governo do Estado, e colocado em prática pelas famílias atendidas.



Fotos: André Frutuoso.

Na comunidade Bomba, o acompanhamento técnico é viabilizado via projeto Bahia Produtiva e executado por meio do Centro de Convivência e Desenvolvimento Agroecológico do Sudoeste da Bahia (Cedasb), que, há três anos, realiza atividades voltadas para a valorização dos alimentos produzidos nos quintais, e para a introdução de novos. Essas iniciativas vêm promovendo a diversificação da alimentação, garantindo a segurança alimentar e nutricional e ampliando a renda das famílias.

O Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva, vem trabalhando para garantir o direito à segurança alimentar aos agricultores e às agricultoras familiares, com um Plano de Ação para a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), para assegurar um direito social fundamental, garantido pela Constituição Federal de 1988, por meio da Emenda Constitucional n.º 64/2010, que incluiu a alimentação em seu 6º Artigo.

O plano prevê intervenções temáticas nos territórios, coletivas e/ou individuais, com abordagem em educação alimentar e nutri-

cional, segurança e insegurança alimentar e nutricional, e alimentação saudável e biodiversidade regional. O objetivo é aumentar a diversidade dietética e melhorar a segurança alimentar e nutricional de agricultores e agricultoras.

Na comunidade Bomba, o Plano de Ação SAN, executado por meio de intervenções diretas das equipes de ATER, inclui iniciativas como visitas técnicas, encontros comunitários, intercâmbios e seminários. Entre os temas abordados, voltados à melhoria da produção vegetal e animal, estão o manejo adequado do solo e a diversificação da produção, resgate e multiplicação de sementes crioulas, PANC, alimentação alternativa animal, boas práticas na criação animal, acesso ao mercado e à comercialização, dentre outros. Além do serviço de ATER, a comunidade também recebeu investimento para a criação de galinha caipira, com a implantação de 20 galinheiros individuais com chocadeiras.



Fotos: André Frutuoso.

Conhecimento que transforma

Gleide foi uma das beneficiadas que soube aproveitar tudo o que aprendeu. **“Eu só tinha sete galinhas e não tinha plantação. Eu não tinha muita informação, conhecimento. Não sabia que seria tão bom para mim. Com a chegada do Bahia Produtiva, isso mudou. Chegou o projeto de galinha caipira e a assistência técnica, e eu me interessei, comecei a consumir produtos mais saudáveis e ainda ter uma renda, que antes não existia. Hoje, estou com cerca de 100 aves”**.

Com as orientações técnicas, a agricultora aprendeu a criar as galinhas com o manejo correto e já produz também a alimentação das aves. **“Antes, minhas galinhas ficavam no mato, comiam qualquer coisa, bicho matava. Agora, elas ficam em um local adequado. A ração eu produzo com palma, maniva e moringa, que aprendi a cultivar, o que diminuiu meu custo na alimentação desses animais, em cerca de 50%”**.

Entre os diversos cultivos que Gleide têm em sua propriedade e que servem não só para a alimentação animal, mas também para o consumo próprio, estão as PANC: taioba, ora-pro-nóbis e língua de vaca, utilizadas em suas refeições. Ela produz também, em seu canteiro, outros produtos como couve, coentro, alface, beterraba, cenoura. Mas o que chama a atenção mesmo é a plantação, toda feita de forma orgânica, de abóbora e mamão, que viraram o carro chefe de sua produção.

A variedade de alimentos, o melhor aproveitamento deles e a geração de renda que vem sendo promovida com os cultivos de agricultoras como Gleide são motivo de come-



Fotos: André Frutuoso.

moração, pois são o resultado esperado das ações desenvolvidas. Além de inserir alimentos de qualidade em suas refeições e fazer a própria ração para os animais, o excedente que é cultivado por Gleide é transformado em renda.

“Vendo cerca de 25 dúzias de ovos por mês para o município de Vitória da Conquista e a carne [das aves] na região de Belo Campo. Já cheguei a mandar 45 dúzias. Com as PANC melhorou a nossa alimentação e também a dos animais. Tinha coisa que a gente comprava fora e hoje planta aqui. Já a abóbora vendo cerca de 1.500 quilos e o mamão 500 quilos por mês”, comemora Gleide. A venda dos alimentos é realizada por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e para a rede Bem Viver, de Vitória da Conquista.

Com a renda, Gleide comprou três vacas de leite e já faz novos planos para melhorar e aumentar a produção. **“Quero seguir avançando. É muito bom poder viver e comer daquilo que a gente produz. Agora, já tenho o meu próprio leite, uns 22 litros por dia, consumo e ainda tiro um dinheirinho com a venda dele aqui mesmo na comunidade. Estou fazendo uma nova plantação de palma e uma capineira, para ajudar na alimentação das vacas, e ainda quero fazer muito mais”**.

Para Milena Mendes, engenheira agrônoma e coordenadora de campo do Cedasb, pela ATER, do Bahia Produtiva, Gleide é um caso de sucesso dentro das ações de ATER. **“Uma agricultora que é pura inspiração em nossa caminhada no campo. Uma das coisas que mais nos chama a atenção é que ela foi uma das agricultoras que mais aproveitou os intercâmbios que realizamos, pois, de cada vivência e experiência dos agricultores experimentadores visitados (em Ibiassucê, Bom Jesus da Serra e Manoel Vitorino), ela trouxe um aprendizado e colocou em prática. Hoje, ela é uma das nossas referências na criação de galinha caipira, com alimentação alternativa e comercialização”**.

Milena observa que as orientações técnicas foram de grande importância para melhorar a qualidade e perspectiva de vida das famílias agricultoras, por meio de novas tecnologias, informações e trocas de experiências. Ela observa que, nesse contexto, as equipes buscam identificar e direcionar as potencialidades de cada família e somar, juntas, o saber técnico aos conhecimentos e vivências do homem e da mulher do campo.

“Percebo, muitas vezes, que as atividades práticas de ATER sobre manejo adequado do solo, planejamento da unidade produtiva ou cuidados fitossanitários da criação animal já trazem um ganho significativo dentro dos sistemas de produção, que muitas vezes não é possível identificar na labuta diária da família ou sem um olhar técnico. Com essa junção de conhecimentos e ações em campo, percebemos um ganho significativo para as famílias que aderem a essas práticas, buscando dinamizar a sua propriedade e, conseqüentemente, obter uma produção mais sustentável, proporcionando segurança alimentar e nutricional e melhoria da renda”, ressalta Milena.



Fotos: André Frutuoso.

Qualificação da produção e comercialização

Na comunidade Bomba, os agricultores contam também com o acompanhamento do Agente Comunitário Rural (ACR) Carlos Barbosa Santos, que vem contribuindo para qualificar tanto a base de produção quanto a comercialização, apesar da pouca oferta de água. “As práticas de cultivo melhoraram muito com a adubação, cobertura de solo e fertilizantes naturais. Os conhecimentos que adquiri com o Cedasb coloquei em prática com os agricultores e absorvi, também, para colocar em prática na minha propriedade, para que eu também tenha a minha renda. Venho mobilizando a comunidade para realizar as vendas. Reúno os produtos na associação, organizo e levo até Belo Campo. Isso é um incentivo para os agricultores produzirem cada vez mais”.

Conhecimento e infraestrutura geram renda em Nova Canaã

Outra família que soube aproveitar as orientações passadas, a partir do serviço de ATER, e colocar em prática dentro de sua realidade foi a do agricultor Valdeci José de Brito e Normélia Brito, da comunidade Timorante, em Nova Canaã.

A família de Valdeci, conhecido como Gaé, está entre as famílias atendidas no projeto de implantação de aviários para a criação de galinha caipira. “Eu não criava galinha e passei a criar 100. A alimentação para elas é muito cara, mas a ATER ensinou uma ração alternativa e isso ajudou muito, principalmente durante a pandemia, que as coisas ficaram mais difíceis. A gente tinha aqui os ovos e a carne, sem custo. Antes da ATER, a gente não tinha conhecimento das coisas, de pegar a folhagem da banana e

misturar as folhagens. A gente melhorou a nossa produção de banana e de café, com adubação, que também serviu para as hortaliças. Tudo orgânico, que a gente aprendeu a adubar e a cuidar sem veneno nenhum. E ainda tem muito para melhorar”.

A propriedade tem, ainda, uma grande diversidade de hortaliças e frutíferas, como o abacate e também de PANC, que já fazem parte das refeições da família, como o peixinho, que ganhou destaque na comunidade, com uma receita saborosa que a família aprendeu nas atividades desenvolvidas pela equipe de ATER.

A plantação e a criação de aves deram tão certo que o casal se tornou fornecedor da PANC peixinho, para a equipe de ATER multiplicar em outras comunidades. Já os ovos, as hortaliças e as frutíferas são vendidos em feiras da região. Normélia conheceu as Plantas Alimentícias Não Convencionais nas atividades

realizadas pela equipe de ATER. “Temos no nosso quintal a ora-pro-nóbis, que a gente come muito na abóbora. O peixinho faço empanado, [e tem ainda] almeirão, orégano. Tudo isso já faz parte da nossa alimentação. Tudo fresquinho, tirado da horta. É muita felicidade ter essa fartura da natureza, que tem vitamina, traz mais saúde, e é uma riqueza para a gente”.

Normélia conta que, antes, a comunidade não dava importância para os cultivos. “A gente plantava umas coisas, mas não tinha muito interesse. Com a ATER a gente aprendeu. Participamos de oficinas que nos ensinaram a usar essas plantas, e isso deu ânimo para a gente produzir e consumir. Não imaginava que pudesse fazer tanta coisa, que a gente nem sabia que se comia”.

Milena explica que, quando chegou para prestar o serviço de ATER na comunidade, encontrou um cenário promissor e de muita potencialidade, pois as famílias já haviam acessado

outras políticas públicas, inclusive de ATER, mas ainda não tinham um planejamento da sua produção, não seguiam os cuidados básicos fitossanitários na parte da criação de galinha caipira, pois sempre foram criadas soltas. Na parte vegetal, muitos utilizavam o veneno e não tinham os cuidados adequados com o solo e o manejo da produção.

“Hoje, avançaram com a sistematização da produção agroecológica, fortalecendo o que já tinham, por meio do manejo adequado do solo, uso de uma adubação natural (biogeo, esterco, compostagem etc.) e, principalmente, com a melhoria na alimentação das famílias, que começaram a diversificar os plantios e aproveitar melhor as suas áreas. Além disso, fortaleceu o acesso às políticas públicas e às feiras regionais, e já têm famílias se destacando com o melhoramento genético, vendendo ovos da raça índio gigante, da própria comunidade”, explica Milena.



Comida de verdade nas mesas e nas feiras

As atividades voltadas para a segurança alimentar e nutricional renderam frutos. Segundo Milena, as famílias ficaram mais atentas e conscientes sobre o que é comida de verdade e sobre o entendimento da alimentação como um direito. Para a engenheira agrônoma, as mudanças são significativas na comunidade, especialmente, pela valorização da agrobiodiversidade local, do aproveitamento dos alimentos e também por se permitirem experimentar novos sabores, como é o exemplo das PANC.

“As PANC hoje fazem parte da alimentação de muitas famílias que participaram de oficinas, gostaram e já cultivam em seus quintais, por terem apreciado o gosto desses alimentos, pela rusticidade e pouca exigência no cultivo, bem como por meio do entendimento dos seus componentes nutricionais e funcionalidades em nosso organismo”.

O ACR Fabiano Pereira acompanha as ações na comunidade e reforça que a ATER trouxe o acesso a informações importantes para produzir melhor e com mais qualidade. **“A experiência do Cedasb trouxe luz para a comunidade. Multiplico tudo o que aprendo com os técnicos. São conhecimentos de produção que eu nem imaginava. Essa produção está sendo responsável pela promoção da qualidade de vida das famílias, com alimentos de qualidade, e o excedente que não é consumido pela família está sendo comercializado nas feiras, nos mercados institucionais, nos mercados locais e nas redes sociais”.**

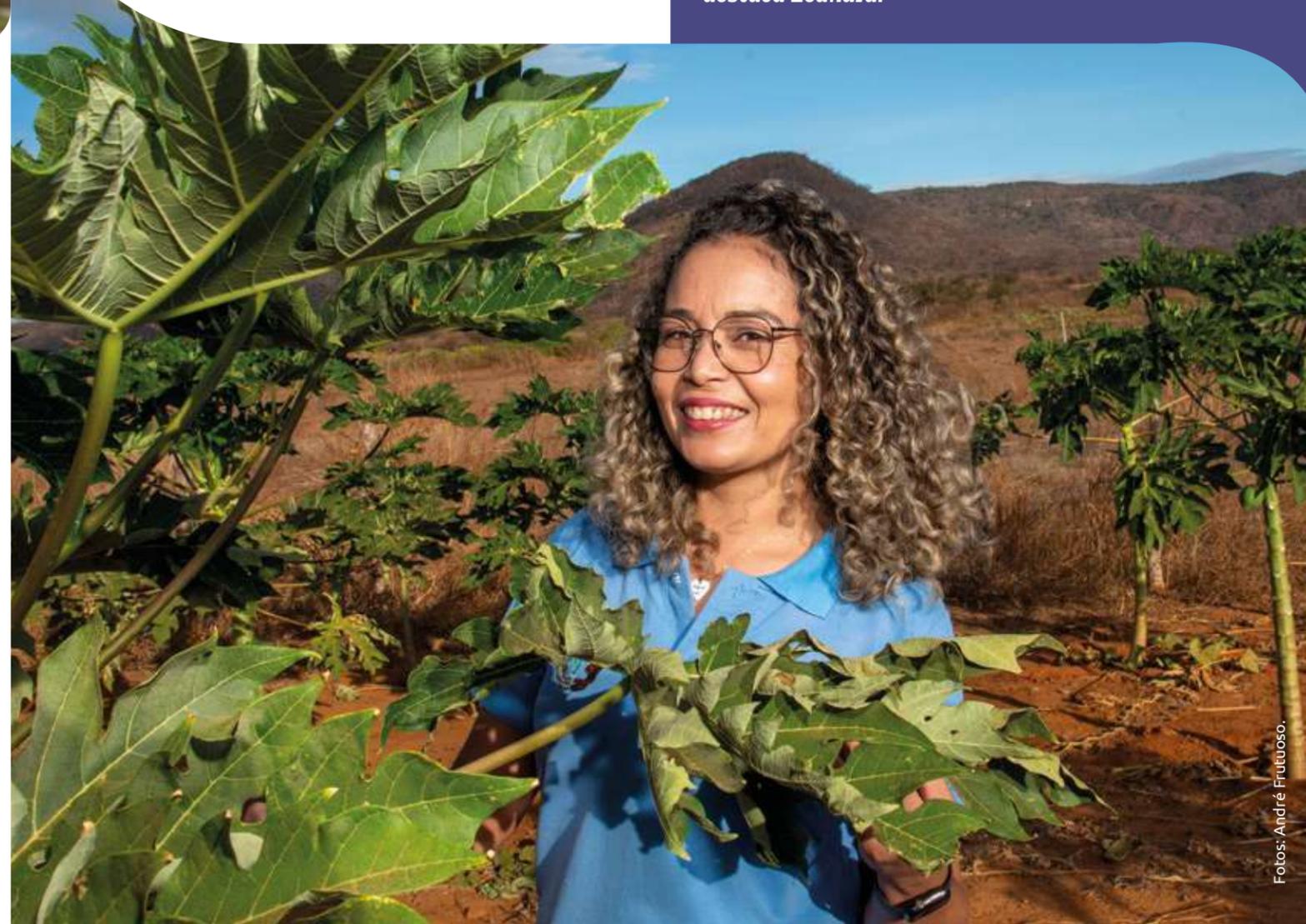


Fotos: André Frutuoso.

Leandra Pereira da Silva é economista e faz parte da equipe do Cedasb. Ela enfatiza a importância do serviço de ATER nas ações do projeto. **“O Bahia Produtiva é um projeto que possibilita a efetivação de investimentos necessários para que homens e mulheres do campo possam melhor desenvolver suas atividades produtivas. Além disso, promove o fortalecimento institucional de organizações da economia solidária e popular e de associações e cooperativas, responsáveis por gerir localmente os recursos. Portanto, os serviços de ATER são fundamentais para que possam assessorar essas organizações produtivas, acompanhar e orientar os agricultores e agricultoras nas atividades de gestão e nas atividades agrícolas e pecuárias, para que sejam bem executadas e alcancem os objetivos do projeto”.**

De acordo com Leandra, por mais que as comunidades estivessem organizadas, necessitavam do acompanhamento técnico. Ela explica que o Diagnóstico Comunitário foi a primeira atividade realizada nas duas localidades atendidas, para levantar as principais necessidades e potencialidades de cada uma delas, para, a partir dessas informações, desenvolver atividades, nas próprias comunidades, para superar essas dificuldades. Ela observa que foram realizados também intercâmbios para conhecer experiências exitosas de outras comunidades, não só para servirem de inspiração, mas para serem replicadas.

“Esse caminho metodológico adotado pelo Cedasb gerou resultados muito positivos, com as famílias produzindo de forma diversificada, melhoria da alimentação, redução da incidência de doenças nos animais, transição agroecológica em muitas Unidades Produtivas Familiares (UPF), geração de renda monetária e não monetária, autonomia econômica de muitas mulheres que foram beneficiadas pelos subprojetos e melhor relação com a natureza e seus recursos. Outro avanço percebido é a ampliação do mercado consumidor dos produtos, que não se limita mais ao atravessador e às feiras locais, também estão nos mercadinhos e lanchonetes dos municípios e em redes de economia popular e solidária”, destaca Leandra.



Fotos: André Frutuoso.

**Subsolagem amplia
a produção e a renda
de quilombolas
na Chapada Diamantina**



Solo: superfície sólida da crosta terrestre onde pisamos, chão da terra. Na agricultura familiar, o manejo e a conservação do solo são fundamentais para favorecer a produção de agricultores e agricultoras, e fazer com que o alimento chegue às mesas de todas as famílias. Um exemplo da importância desse cuidado é visto com clareza nas comunidades Quilombolas da Matinha, em Souto Soares, e de Queimada Nova, em Morro do Chapéu, no território Chapada Diamantina.



Fotos: Juan Suzart.

Nessas comunidades, a equipe que presta o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) identificou a necessidade do uso da mecanização agrícola, com um equipamento chamado subsolador, para preparar o solo vermelho compactado e favorecer o cultivo da mandioca, sistema produtivo estratégico que contribui para a segurança alimentar e nutricional e geração de renda das famílias. Pois esta é a matéria-prima da fabricação e comercialização de bolos, pães e outros derivados da mandioca.

“O solo era muito compactado, não tinha como as raízes da mandioca seguirem em frente, mas, depois do uso do subsolador, ficou bem diferente. O solo ficou bem mais apropriado para receber a mandioca. E agora elas produzem mais, elas crescem mais. Foi uma mudança significativa”, comenta a presidente da Associação dos Produtores Remanescentes do Quilombo Queimada Nova, em Morro do Chapéu, Maria de Jesus Macedo.

O engenheiro agrônomo Jessé Moreira, do Centro de Formação e Organização Comunitária (CEFORC), instituição contratada por meio do projeto Bahia Produtiva para a prestação de ATER, explica a importância do subsolador para a descompactação do solo. **“Pela característica desse solo argiloso, as partículas são mais finas e compactam com mais facilidade. E quando o solo está compactado, a água não filtra, tem apenas um escoamento superficial e ela evapora dali mesmo. Já com o subsolador, ele quebra o solo, faz essa descompactação, a água consegue chegar às partes mais profun-**

das, carregando os nutrientes, e, aos poucos, ela vai subir pelas forças de ação e coesão da água, infiltrando-se pelos poros do solo”.

Para Jessé, esse tipo de solo atingiu esse grau de compactação devido ao manejo sucessivo e inadequado, mas agora, com as orientações técnicas e depois da subsolagem, os agricultores e agricultoras passaram a cuidar melhor, que é o passo inicial do processo de conservação do solo.

“Os solos vermelhos têm uma fertilidade boa, mas é preciso manejar de forma correta. A subsolagem não é para ser usada sempre, porque também pode separar muito as partículas. Então, depois da subsolagem, é preciso fazer o manejo de conservação com cobertura do solo e adubação com matéria orgânica, para manter o ciclo de nutrientes e não compactar o solo novamente”, observa Jessé.

Em Souto Soares, Maria Rita Neta, presidente da Associação Renascer dos Agricultores Familiares do Povoado de Matinha e Região, conta as mudanças na plantação de mandioca após o início do serviço de ATER. **“A gente não sabia plantar. Antigamente, a gente abria a cova funda, apertava a maniva e, às vezes, já descascava, o que já estragava ela. Além disso, a gente colocava uma barreirinha por cima e ainda pisava, o que estragava mais um pouco. A gente ainda tinha o costume de queimar a roça depois do uso. E agora não. Melhorou bastante, porque clareou para a gente como é que se planta. Foi muito bom”**.

Do solo para a cozinha

As transformações na vida de agricultores e agricultoras das comunidades Matinha e Queimada Nova, em sua maioria mulheres, têm influência direta da prestação do serviço de ATER ofertado por meio do Bahia Produtiva. Com a evolução na base de produção, as mulheres estão ampliando a produção, e com menor custo.

“O nosso grande foco foi fazer esse trabalho para que as mulheres produzissem com a matéria-prima que elas têm aqui, para reduzir o custo. Nem toda beneficiária tinha a sua área individual de produção. Então, a área coletiva foi importante para que elas pudessem ter a raiz e os ovos para processar na cozinha comunitária”, destaca o engenheiro agrônomo Jessé Moreira.

O Agente Comunitário Rural (ACR), Reinivan Gomes, que atua na comunidade de Matinha e vem sendo formado por meio do CEFORC, com mais de 20 capacitações desde 2016, ressaltou a importância das áreas coletivas para a produção das mulheres quilombolas. **“Era uma área que estava parada, então, foi desenvolvido esse trabalho para que pudessem utilizar de forma coletiva. Hoje, elas já plantaram mandioca, colheram, processaram e venderam. Agora elas já estão plantando milho no processo de escalonamento da produção”**.

A agricultora Hildergard Anjos, da comunidade Matinha, comemora a evolução, tanto na área de produção quanto no processamento dos produtos, com os cursos de aperfeiçoamento das receitas oferecidos pelo CEFORC. **“Melhorou desde a raiz, da nossa matéria-prima, até o maquinário para desenvolver os produtos. Depois do Bahia Produtiva, passamos a produzir outros produtos, como o panetone de aipim.**

A virada de chave já surte efeito na renda das 20 mulheres da Matinha, que comercializam os produtos em feiras, por encomendas e de porta em porta nas comunidades próximas. Agora, buscam acessar os mercados. O alcance da produção aumentou também devido à chegada da nova cozinha comunitária e de maquinários, como o fogão industrial, a amassadeira e a descansadeira para a produção dos derivados da mandioca. No total, por meio do Bahia Produtiva, o Governo do Estado investiu R\$ 367 mil, o que proporcionou um aumento de 50% na produção das mulheres do local.

“Foi muito bom. A gente usava um forno a lenha, que era uma fumaça e queimava pão, bolo, biscoitinho. Com o forno a gás, a gente consegue controlar melhor a chama. Antes, a gente saía daqui 19h para fazer 500 pãezinhos. Hoje, a gente termina 500 pãezinhos ao meio-dia já”, comemora Maria Rita Neta.



“O terço superior da mandioca é onde tem a maior quantidade de proteínas, e a raiz, após seca, triturada e colocada na ração, tem uma quantidade maior de energia. Então, em vez de plantar o milho e a soja, a gente também desenvolveu essas rações com o terço da mandioca, para reduzir o custo com a compra da ração”.

Jessé Moreira
Engenheiro agrônomo do CEFORC

Produção sustentável

Além da renda que começa a entrar na casa das famílias quilombolas, uma outra estratégia que também favoreceu a redução de custos com a produção foi o aproveitamento do terço superior e da raiz da mandioca para a utilização como ração nos galinheiros, construídos via Bahia Produtiva na comunidade Queimada Nova.

“O terço superior da mandioca é onde tem a maior quantidade de proteínas, e a raiz, após seca, triturada e colocada na ração, tem uma quantidade maior de energia. Então, em vez de plantar o milho e a soja, a gente também desenvolveu essas rações com o terço da mandioca para reduzir o custo com a compra da ração”, comenta Jessé.

Para facilitar o trabalho, o CEFORC capacitou os Agentes Comunitários Rurais (ACR) das duas comunidades para acompanhar as agriculto-

ras no balanceamento correto do alimento. As orientações são seguidas por agricultoras como Faraildes Queiroz, que celebra os resultados. **“Melhorou bastante a minha vida, foi um sucesso e eu mesma faço as rações. Pego as folhas secas, as vagens, um pouco de leucena, um pouco de folha de andu, a mandioca, o milho. Aí mistura tudo e já tenho a ração pronta, sem precisar comprar. Porque comprar fora hoje em dia é caro”**.

Faraildes é uma das mais dedicadas ao cuidado do seu galinheiro, que está entre os 20 entregues a famílias pela comunidade de Queimada Nova. No total, contando com a entrega da nova casa de farinha, totalmente equipada, a implantação dos galinheiros e a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), foram mais de R\$ 912 mil investidos por meio do Bahia Produtiva no local.

A agricultora Faraildes Queiroz, de Morro do Chapéu, orgulha-se de produzir a ração que alimenta seu galinheiro.



“Antes, jogava o milho na terra, mas as galinhas só faziam adoecer. Depois do Bahia Produtiva, a coisa melhorou. Aprendi a limpar tudo e não perder mais nada para misturar na ração. Eu troco água todo dia, coloco remédio natural que eu mesma faço. Eu já assisti muitas aulas dos técnicos e tem dado certo. Esse galinheiro foi um espetáculo na minha vida, porque gerou renda. Hoje, eu tiro uns R\$ 800,00 em tudo, porque tem a galinha, os ovos, o aipim, o coentro, e, assim, eu vou vendendo. Eu me sinto tão alegre com esse galinheiro, porque ele é nosso e precisamos levar adiante”, celebra Faraildes.

O agricultor Eivaldo Rodrigues também comemora os resultados obtidos a partir da ATER. **“Eu aprendi como bem plantar a mandioca. Eu aprendi que a gente tem que cortar a maniva no lugar correto, porque se ela tem a possibilidade de dar 8, 10 raízes, se a gente quebra sem saber, a gente perde”**.

Os cuidados com as manivas também são temas apresentados por meio da assistência técnica em cursos e oficinas. **“Muitos deles utilizavam qualquer parte da mandioca como semente, mas não é usual elas se reproduzirem dessa forma. A semente da mandioca é a maniva, e não é toda maniva que serve, porque as manivas muito finas não têm reservas suficientes de nutrientes, e não dá para utilizar as mais grossas, porque fica muito lignificada. Cortar de forma correta também é importante para o material de plantio, porque se você bate no facão, pode machucar a gema e influenciar na quantidade de raízes”**, explica Jessé.

Após as orientações, o agricultor e a agricultora agora já sabem plantar a mandioca e utilizar a ração no seu galinheiro. **“A gente estava muito dependente da ração do milho. Agora, se a gente compra três quilos de ração, a gente já mistura com casca de ovo, raiz e folha de mandioca e leucena e já vai render uns 30 a 40 quilos. Então, a gente está se dando muito bem e produzindo melhor”**, elogia o agricultor Eivaldo Rodrigues.

*Segurança alimentar
e nutricional é garantida
em meio à pandemia*



A compostagem orgânica e a utilização da ração alternativa com plantas da Caatinga estão entre as práticas agroecológicas assimiladas pela comunidade, por meio do serviço de ATER, que vem contribuindo para que a base de produção se desenvolva. E os resultados já começam a aparecer.



"De tudo a gente tem um pouquinho, e a ideia é estender mais a produção. Hoje, nós temos coentro, beterraba, cenoura, tomate, pimentão, pimentinha, laranja, tangerina, mandioca, mamão, banana... Foi muito importante para a nossa alimentação, e também para entrar um dinheirinho extra".

Damiana Borges
Agricultora de Curaçá



Em março de 2020, foi decretada a pandemia do novo coronavírus e, com ela, chegaram também *lockdowns* e barreiras sanitárias, como parte do trabalho incansável dos estados e municípios para conter o contágio e o número de mortes. Na Bahia, além de todos os investimentos na área da saúde, o Governo do Estado se preocupou com a continuidade da produção de alimentos e a manutenção de projetos, para garantir que não faltasse comida na mesa de baianos e baianas. Para ampliar essa produção, lançou o edital emergencial do Bahia Produtiva, que destinou mais de R\$ 15 milhões em ações direcionadas para a segurança alimentar e nutricional das famílias.

A iniciativa contou com a parceria das instituições prestadoras de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que já atendiam associações e cooperativas da agricultura familiar, por meio das chamadas públicas da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiatel), também vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR).

Uma dessas instituições é o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). "O Edital 15, com foco na segurança alimentar e nutricional, veio muito a calhar, porque ele era mais simplificado e tudo poderia ser feito de forma on-line, a partir das análises documentais. Como a gente já fazia parte da chamada do ATER Agroecologia, pela Bahiatel, conseguimos dar esse retorno rápido para as famílias, com a construção de canteiros, com viveiros telados e galinheiros rústicos, para a produção de postura e corte", conta o Engenheiro Agrônomo que atua no eixo de Produção Apropriada do IRPAA, Alessandro Santana.

Para assessorar as famílias e atendê-las nas suas necessidades, o IRPAA visitou as comunidades para realizar um planejamento comunitário das atividades. "A gente fez um diagnóstico nas comunidades para entender qual era a aptidão das famílias. É uma metodologia participativa, em que a assessoria técnica é feita com base na necessidade deles, no que eles produzem e nas suas dificuldades".



Fotos: Geraldo Carvalho.

“ O IRPAA visitou as comunidades para realizar um planejamento comunitário das atividades. “A gente fez um diagnóstico nas comunidades para entender qual era a aptidão das famílias. É uma metodologia participativa, em que a assessoria técnica é feita com base na necessidade deles, no que eles produzem e nas suas dificuldades”

Alessandro Santana,
Engenheiro Agrônomo do IRPAA

Quintais Produtivos

Na Associação dos Pequenos Produtores e Agricultores das Fazendas Santana e Embiraçu, em Curaçá, a segurança alimentar e nutricional foi garantida com a construção de quintais produtivos e aquisição de equipamentos e insumos agrícolas para a produção e comercialização de hortaliças. No total, foram aplicados mais de R\$ 54 mil.

O técnico do IRPAA que acompanha a comunidade, Manoel Ribeiro, mais conhecido como Betinho, já reconhece os avanços na comunidade. “Tendo em vista o período da pandemia, as famílias já estão produzindo. Inclusive, como a gente viu que a produção já está maior do que o que a família consome, a gente já conseguiu organizar uma feira agroecológica na sede da associação, para colocar a produção excedente à venda na comunidade local e nas circunvizinhas. No sentido da segurança alimentar

e nutricional, os viveiros têm contribuído para diversificar a alimentação, melhorando, assim, a qualidade alimentar das famílias”.

E os agricultores e as agricultoras familiares estão rindo à toa com os novos produtos da terra. Na propriedade de Damiana Borges, é possível ver a mudança de vida dessa família. “De tudo a gente tem um pouquinho, e a ideia é estender mais a produção. Hoje, nós temos coentro, beterraba, cenoura, tomate, pimentão, pimentinha, laranja, tangerina, mandioca, mamão, banana... Foi muito importante para a nossa alimentação, e também para entrar um dinheirinho extra”.

O progresso chegou também para Filomena Donato, que sente no paladar as mudanças proporcionadas. “Hoje, eu não compro mais alface, coentro, cenoura, beterraba. Tudo é daqui, e cada dia faço uma coisa diferente com elas. Faço uma salada, tempero minha comida. É só ir lá no canteiro e tirar”.

Práticas agroecológicas

A compostagem orgânica está entre as práticas agroecológicas utilizadas na comunidade. “Na compostagem, a gente utiliza restos de cultura, palhadas, folhas, cinza e esterco natural, e trabalha por camadas até atingir algo em torno de meio metro de altura. A partir daí, molha por 10 dias, corta, rearruma e continua molhando até perceber que virou adubo. Pode ser pelo cheiro mesmo ou colocando um ferro dentro. Se o ferro tiver quente, é sinal de que a decomposição ainda está acontecendo, então deve esperar. O processo todo demora de 30 a 45 dias, e produz um adubo com alto teor nutricional para as plantas, que não têm adubo químico que se aproxime”, explica Manoel Ribeiro.

A agricultora Filomena colhe os resultados do composto na sua propriedade. “Antes, eu plantava direto no solo, aí as plantas não iam para frente. Agora, eu ponho esse adubo nos canteiros das plantas e melhorou bastante”.

Outra unanimidade entre os beneficiários do serviço de ATER, em Curaçá, foi o uso dos defensivos naturais para repelir os insetos e fertilizar o solo nas plantações. Na casa de Gildete Santos, por exemplo, o defensivo foi feito para matar as formigas que estavam invadindo as plantações. “Aprendi a receita que Betinho ensinou para matar a formiga, que foi uma calda com vinagre e cravo, e deu certo”.



Fotos: Geraldo Carvalho.

A agricultora comemora a chegada dos investimentos, feitos por meio do Bahia Produtiva, e conta como tem consumido e utilizado os produtos dos seus canteiros. “Hoje, eu prefiro ir lá no meu canteiro e tirar os itens para colocar na minha panela. Uso para o consumo da minha família e vendo também em Curaçá, na vizinhança e na nossa feirinha. Esses dias, eu fiz nove copos de extrato de tomate com os tomates-cereja que davam aqui, e tinha vezes que eu até deixava apodrecer. Agora, eu não perco mais um!”.

A técnica Daiane Dantas e a agricultora Marileide, unidas no mesmo objetivo: a geração de renda com a venda dos ovos excedentes, galinhas caipiras e hortaliças.



Fotos: Geraldo Carvalho.



Fotos: Geraldo Carvalho.

“No sentido de segurança alimentar e nutricional, os viveiros têm contribuído para diversificar a alimentação, melhorando, assim, a qualidade alimentar das famílias”.

Manoel Ribeiro,
Técnico do IRPAA

Avicultura caipira

Já na Associação Comunitária de Lagoa do Jacaré, Água Branca e Caldeirão do Gato, em Juazeiro, os recursos de R\$ 55,5 mil foram destinados para a construção de 15 galinheiros rústicos telados para a avicultura caipira, já tradicional na comunidade.

O acesso a esse edital foi resultado do processo de escuta do IRPAA junto à comunidade, quando foram apresentadas as dificuldades na criação das galinhas, que era extensiva e causava danos à plantação e à comercialização dos produtos. Por isso, a chegada dos galinheiros foi importante tanto na garantia da segurança alimentar e nutricional, quanto na comercialização do excedente.



“Como temos aqui um entreposto de ovos da Cooperativa da Agricultura Familiar de Massaroca e Região (COOFAMA), que tem também investimentos do Governo do Estado, a associação pode se organizar junto à cooperativa para a venda dos ovos excedentes. Eles também conseguiram se organizar e fizeram a primeira feira agroecológica do distrito com o nosso apoio, tanto para vender os ovos quanto a galinha caipira e a produção de hortaliças”, conta a técnica que acompanha a comunidade, Daiane Dantas.

Quem está animada com a construção do novo galinheiro é a agricultora Marileide Alves, que já comercializa os seus ovos para a cooperativa. “Toda segunda-feira eu levo, na minha motinha, entre 35 e 49 dúzias. Está melhorando muito a minha renda e quero pegar mais um lote de 100 pintinhos com esse novo galinheiro, que vai melhorar ainda mais para mim”.

Nas atividades de ATER voltadas para a criação de galinhas caipiras, estão incluídas técnicas de manejo para melhorar a produção, economizar na ração e prevenir doenças.

Entre as práticas está a de colocar limão ou alho, que possuem ação antibiótica nos bebedouros, além de fazer a limpeza dos bebedouros todos os dias com esponja apropriada.

Outra orientação passada por meio da assistência técnica é a utilização da ração alternativa com plantas da Caatinga. “Essas plantas contribuem para uma ração balanceada e não vai ter custo, porque são materiais que ela encontra aqui na comunidade mesmo, o que vai reduzir o gasto com a compra de insumos”, ressalta Daiane.

A presidente da Associação, Geisiane Alves, não vê a hora de finalizar a construção dos galinheiros para melhorar a sua vida, a partir dessa oportunidade via projeto Bahia Produtiva. “A estrutura já melhora bastante para a gente, porque quando criadas soltas, as galinhas acabam com as hortas. Aí não dá certo. Eu já tive um galinheiro de postura e vendia para a cooperativa, mas por conta do preço da ração, durante a pandemia, eu tive que vender emergencialmente, porque subiu tudo. Então, agora, eu vou comprar 50 pintinhos para poder vender na Feira e para a cooperativa”.

Nas atividades de ATER voltadas para a criação de galinhas caipiras, estão incluídas técnicas de manejo para melhorar a produção, economizar na ração e prevenir doenças.



*ATER a Distância
garante assistência
técnica qualificada
durante a pandemia*



O serviço de ATER a Distância extrapolou os limites da Bahia por meio das milhares de visualizações nos canais do YouTube. São 588 horas em videoaulas e 196 materiais técnico-pedagógicos disponibilizados gratuitamente na internet, levando conhecimento e informações qualificadas para agricultores e agricultoras.

Foto: André Frutuoso.



O ATER a Distância teve como uma de suas missões capacitar e formar os Agentes Comunitários Rurais (ACR), para que continuassem contribuindo com as famílias agricultoras. Em tempos de pandemia, quando a população precisou enfrentar o isolamento social e o trabalho presencial das equipes que prestam o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) estava impossibilitado, na Bahia os agricultores e agricultoras familiares continuaram contando com orientações técnicas para o manejo adequado de cultivos e criações.

Isso foi possível graças à estratégia construída pela Coordenação de ATER, do Projeto Bahia Produtiva, que contou com o empenho das equipes técnicas das Instituições de ATER, que superaram esse desafio e responderam à demanda desenvolvendo o ATER a Distância, uma estratégia metodológica inovadora que disponibiliza videoaulas de orientação técnica na maior plataforma digital do mundo.

O ATER a Distância, que extrapolou os limites da Bahia por meio das milhares de visualizações nos canais do YouTube, levou conhecimento e informações qualificadas para agricultores e agricultoras familiares não só de empreendimentos da agricultura familiar baiana apoiados pelo Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva, mas alcançou públicos nos estados de São Paulo, Piauí, Minas Gerais, Pernambuco e Rio Grande do Norte, o que pode ser verificado nos comentários dos vídeos.

A Cooperativa de Trabalho, Assessoria Técnica e Educacional para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar (COOTRAF), com sede em Caculé, e o Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), com sede em Juazeiro, estão entre as 27 prestadoras de ATER, contratadas por meio do Bahia Produtiva, que aceitaram esse desafio de gravar vídeos educativos para manter a assistência técnica continuada durante o período da pandemia da Covid-19.

Para cumprir com o objetivo de continuar levando as informações, as equipes técnicas superaram desafios, como explica a médica veterinária da COOTRAF, Jacione Silva. "Foi bem desafiador gravar esses vídeos porque, em meio à pandemia, a gente não poderia fazer visita, gravar na propriedade dos agricultores. Até no meio da minha família tinham propriedades em que o pessoal estava receoso de me receber, porque estava todo



Foto: André Frutuoso.

mundo apavorado. Aí eu fui fazer na propriedade do meu pai. Eu lembro de um vídeo em que eu fui fazer a drenagem no abcesso do bezerro e fui gravar. Arrumei o tripé, calculei o lugar para derrubar o bezerro, aí foi gravando pelo celular. Não tinha como olhar e fazer a atividade ao mesmo tempo. Mas deu certo”.

No caso do engenheiro agrônomo Eduardo Novais, da COOTRAF, o mais complicado foi ficar diante da câmera. “No primeiro vídeo que eu fui gravar, eu falava: meu nome é Eduardo, e travava. Simplesmente não ia. Eu já tinha feito várias palestras, mas quando bota uma câmera na frente é completamente diferente. Eu precisei organizar uma estratégia, montar um roteiro, e tudo isso foi complicado. Teve vezes que, para enquadrar, eu ficava a 10 metros de distância, e tinham galinhas próximas fazendo barulho. Eu tinha que ficar gritando, porque não tinha microfone”.

É de Eduardo o vídeo mais acessado do canal, com mais de 121 mil visualizações. Na videoaula, ele explica sobre como fazer o farelo de palma para a utilização na alimentação animal, importante orientação para a substituição do milho na formulação de ração nas propriedades.

Com o tempo, os profissionais não só passaram a gravar os vídeos, mas também aprenderam a editá-los. “Eu aprendi a mexer no programa de edição para editar os vídeos. Aprendi a colocar o símbolo do ATER a Distância, as logos e as legendas. No final, eu já estava editando e colocando no YouTube também”, comenta Jacione, que tem videoaulas com mais de 82 mil visualizações na plataforma.

“Eu recebi muitos convites nas redes sociais. Pessoas começaram a tirar dúvidas e agradecer pelo conteúdo. Foi muito gratificante ver que a informação chegou para tanta gente. Mas o sentimento é de muita responsabilidade, por estar passando a informação que está sendo veiculada em um canal aberto. Eu sempre parava para fazer os roteiros e agora tenho a sensação de dever cumprido, porque a gente deu conta do desafio”, narra Jacione.

Somente pela COOTRAF, o Bahia Produtiva produziu 35 horas em videoaulas, com um total de 72 vídeos disponibilizados no canal de YouTube da cooperativa, o que gerou um aumento no número de seguidores, passando de 28 para mais de 10 mil inscritos.

*Eduardo Novais, Engenheiro Agrônomo da COOTRAF, teve o vídeo mais acessado, alcançando acima de **121 mil visualizações na videoaula sobre a produção de farelo de palma.***



*Kelle Brito, ACR da Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores Rurais do Quilombo Santo Inácio, considera que a **ATER a Distância foi a saída para continuar prestando assistência técnica às famílias agricultoras.***

Estratégia conjunta

Dentro dessa perspectiva de o ATER a Distância ter entre seus objetivos capacitar e formar Agentes Comunitários Rurais (ACR), para que continuassem contribuindo com as famílias agricultoras mesmo nesses períodos de isolamento, foram adotadas estratégias de divulgação pelas prestadoras de ATER.

Uma das formas de disseminação dos conteúdos técnicos e informativos, em formato de vídeos, era o envio por meio de postagens em grupos de mensagens, para que os ACR/ACA encaminhassem para agricultores e agricultoras e fizessem esse acompanhamento on-line com cada família beneficiária.

Kelle Brito, ACR da Associação de Desenvolvi-

mento Comunitário dos Produtores Rurais do Quilombo Santo Inácio, em Ibiassucê, conta sobre essa experiência. “Eu avalio que foi a saída para a gente. A questão dos defensivos e dos adubos orgânicos, por exemplo, a gente passava para eles e eles mandavam fotos, perguntavam por mensagem e ligação. Chegou na hora certa e foi bem aceito pelos beneficiários e o pessoal da comunidade”.

Nessa modalidade a distância, inclusive, Kelle teve atendimento remoto da COOTRAF no parto de uma porca. “Eu nunca tinha feito um parto de uma porca. Aí eu consultei Jacione por ligação, ela foi me dando as dicas e eu pude ajudar a fazer o parto”.



Interação com os beneficiários

Apesar de dificuldades como a do acesso à internet em comunidades agrícolas mais distantes, agricultores e agricultoras familiares conseguiram receber os vídeos de ATER dos mais diversos temas.

“Eu acredito que a maior parte dos agricultores e agricultoras tenham tido contato com os vídeos. Foi uma tarefa difícil, mas a gente está feliz com o resultado. Hoje, em toda comunidade que a gente passa, o pessoal pede para assistir e acompanhar o canal”, informa a coordenadora da COOTRAF, Luciene Ribeiro.

Metodologia participativa

A metodologia do IRPAA incluiu enviar perguntas para agricultores e agricultoras sobre quais temas eles queriam receber mais informações, dessa forma direcionaram as ações para atender demandas mais específicas dos agricultores. “A gente enviou perguntas

para saber o que eles queriam nas videoaulas e nos planejamos para isso. Já que estava tudo fechado e só pelo WhatsApp às vezes não dava para sanar todas as dúvidas, as videoaulas ajudaram bastante para que as informações chegassem naquele momento mais crítico da pandemia”, observa o coordenador pedagógico do IRPAA, Ivonaldo Salvador Moraes.

Os vídeos mais assistidos do ATER a Distância pelo IRPAA foram os de contribuições do médico veterinário André Luís Lopes, especialmente sobre a criação de caprinos e ovinos, um sistema produtivo muito presente no território de identidade Sertão do São Francisco. André Luís foi o profissional responsável pelos sete vídeos mais populares da TV IRPAA no YouTube, e apenas eles totalizam mais de 258 mil visualizações.

“É gratificante ver que o trabalho e o esforço que a gente teve cumpriram o objetivo de garantir a melhoria da qualidade de vida das pessoas no campo. Às vezes eu passo na rua, aqui em Juazeiro, e as pessoas me reconhecem. Os vídeos serviram muito também para a formação da equipe. Hoje, quando a gente faz um encontro com a comunidade, a gente leva os vídeos e passa na reunião. E isso teve também outro impacto que a gente não esperava, porque hoje, uma família com uma dúvida vai em um aprisco, grava um vídeo e manda para o técnico, e a gente responde. Isso ajudou muito as famílias”, destaca André Luís.

No total, o IRPAA produziu e divulgou 27 horas de videoaulas no YouTube e teve um salto no número de inscritos na plataforma, de um pouco menos de 1.000 inscritos para mais de 10 mil, atualmente.



Foto: Geraldo Carvalho.



Foto: Geraldo Carvalho.

André Luís, veterinário do IRPAA, responsável pelos sete vídeos mais populares da TV IRPAA no YouTube, com mais de 258 mil visualizações.

Agricultores comemoram

Na Associação de Mulheres e Amigos Criadores Rurais de Lagoa do Boi e Vizinhanças, em Juazeiro, os vídeos foram bastante importantes para o desenvolvimento da ovinocaprinocultura na região.

A presidente da Associação, Riuzia Maria Ferreira, conta um pouco sobre os aprendizados. “A gente aprendeu muito com o ATER a Distância. Porque antes a gente botava os animais, não importava se estavam prenhas ou não, tudo junto no chiqueiro. Juntava prenha, reprodutor, filhotes. E aí perdia muitos burregos e cabritinhas porque eles morriam espancados pelos outros. Agora não, a gente separa as prenhas, dá alimentação

diferenciada e limpa o aprisco, porque eles adoecem menos e a gente ainda tira renda com a venda do esterco”.

Riuzia conta ainda outros benefícios gerados pelo Bahia Produtiva e a ATER. “Por aqui, foi tudo de bom também porque o Bahia Produtiva trouxe palma para a comunidade, a gente está plantando para fazer a silagem e muita gente estava vendendo o rebanho porque não conseguia mais manter a alimentação. Trouxe também mais união, porque os técnicos sempre falavam da importância de fazer as coisas em mutirão. Trouxe ainda o empoderamento das mulheres, porque 18 dos 20 beneficiados são mulheres, os homens só vieram depois que viram que estava dando certo”.

A Associação conta com investimentos da ordem de R\$ 519 mil, via Bahia Produtiva, destinados à construção de abrigos rústicos, aquisição de reprodutores de caprinos e ovinos e aquisição de 80 mil raquetes de palma forrageira, além do serviço de ATER contínuo e qualificado.

A agricultora Maria de Fátima Nunes foi uma das mulheres beneficiadas com essas ações. Ela, que conta que chama seus ovinos pelo nome, reforça a importância dos vídeos de ATER para a sua criação. “Eu aprendi que tem que cuidar, prestar atenção nesses dois meses de gestação, na hora de parir, porque elas sozinhas, às vezes, não conseguem. Vitória (como ela chama a ovelha), se eu não olhasse, ela ia morrer, porque na hora do parto saiu a cabeça e os pés não saíram. Arthurzinho (como é chamado o burrego), quando eu percebi, só tinha saído a cabeça e um pé”.

Orgulhoso com os cuidados da comunidade, o técnico André Luís ressalta a importância econômica do conteúdo desse vídeo veiculado no canal do YouTube sobre os cuidados com ovelhas e cabras prenhas. “Grande parte do lucro que a criação de cabras e ovelhas pode dar é justamente nesse espaço de tempo das prenhas até o desmame do animal, porque cabra e ovelha abortam muito. Então, o cuidado nutri-

cional neste terço final da gestação, de separar os animais para parir em uma área de Caatinga, é importante para a saúde das cabras, ovelhas e de suas crias”.

Fátima conta que complementa a sua renda com a venda dos animais e economiza utilizando-os para o consumo. “Agora está bom. Com a venda deles, tiro quase R\$ 1.000,00 por mês se vender dois. Sem contar na alimentação que melhorou, porque é um sabor muito bom”.

“A gente aprendeu muito com o ATER a Distância. Porque antes a gente botava os animais, não importava se estavam prenhas ou não, tudo junto no chiqueiro. Juntava prenha, reprodutor, filhotes. E aí perdia muitos burregos e cabritinhas porque eles morriam espancados pelos outros. Agora não, a gente separa as prenhas, dá alimentação diferenciada e limpa o aprisco, porque eles adoecem menos e a gente ainda tira renda com a venda do estercó”.

Riuzia Maria Ferreira – agricultora e presidente da Associação.

As agricultoras Riuzia Maria Ferreira e Maria de Fátima Nunes atentas às videoaulas.



Foto: Geraldo Carvalho.



Foto: Geraldo Carvalho.

*Assistência técnica
e a revolução do milho
não-transgênico*



Quando a produção de transgênicos estourou na região de Irecê, com a ampliação das plantações de milho e outras culturas geneticamente modificadas, a Cooperativa Agropecuária Mista Regional de Irecê (COPIRECÊ) da agricultura familiar, percebeu que o mercado seguia uma outra tendência: os consumidores estavam buscando produtos mais saudáveis e seguros, os não-transgênicos.



Foto: Juan Suzart.



Foto: Juan Suzart.

Os agricultores e as agricultoras familiares seguem todas as orientações técnicas, e o milho passa por testes baseados na umidade, na impureza e na transgenia. Tudo feito com muito cuidado e retirando amostras de todas as extremidades da plantação do agricultor.

Nesse mesmo período, entre 2013 e 2014, a COPIRECÊ já começava a comercializar o seu flocão Puro Milho, o carro-chefe da cooperativa. Foi aí que os mercados e clientes começaram a perguntar se aquele flocão era livre de transgenia, como explica a Engenheira Agrônoma Zene Vieira, profissional responsável pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) da cooperativa, a partir de contratação prevista no edital de Alianças Produtivas do projeto do Governo do Estado Bahia Produtiva.

“A gente começou a colocar o flocão no mercado e na alimentação escolar, com o Selo da Agricultura Familiar, e as pessoas começaram a perguntar se o nosso flocão era não-transgênico, porque tinha o Selo da Agricultura Familiar. E foi aí que a gente começou a buscar os testes de transgenia dos nossos milhos crioulos, para mostrar aos consumidores a qualidade do produto”, observa Zene.

Segundo a Engenheira Agrônoma, com um serviço de ATER conectado ao mercado, a COPIRECÊ enxergou uma oportunidade de negócios nesse nicho de produtos mais saudáveis. **“Foi uma alternativa para a gente mostrar o nosso diferencial. A partir daí, nós começamos a organizar a agroindustrialização, o processamento e a comercialização desses produtos, seguindo essa linha de produção de um alimento mais saudável”.**

O resultado do trabalho realizado ao longo desses anos é a produção de alimentos livres de transgenia, que são referência no mercado. São 120 toneladas de milho em grãos, por mês, e um salto para 4.000 cooperados, sendo 180 agricultores e agricultoras atuando diretamente na produção de milho não-transgênico. Esse avanço na base de produção chega também ao faturamento da organização, que registrou R\$ 4 milhões em 2021.

De ATER a Gerente-Geral

Em 2019, Zene, que já vinha contribuindo nesse processo de revolução do engajamento de agricultores e agricultoras de Irecê na produção do milho não-transgênico, chegou à Gerência-Geral da COPIRECÊ.

“Foi a partir do Bahia Produtiva que eu tive a oportunidade de mostrar o [resultado do] serviço da assistência técnica com a organização da base produtiva, e foi aí que a Diretoria viu que eu tinha capacidade de assumir a gerência da cooperativa”.

Certificações que agregam valor

Zene fala como o Bahia Produtiva impactou em todos os âmbitos do trabalho. **“Quando eu cheguei, eu fazia sozinha as visitas para esses produtores. Com o tempo, nós fomos vendo a necessidade e, hoje, já temos mais dois técnicos agrícolas e dois estagiários, também nessa orientação. Antes, nós tínhamos 20 produtores que plantavam milho não-transgênico e, hoje, nós estamos falando de 180 produtores organizados, que plantam milho irrigado e com uma semente de melhor qualidade. Então, nós conseguimos fidelizar esse agricultor”.**

São quase R\$ 2,9 milhões investidos em entrega de insumos, grãos não-transgênicos, equipamentos para irrigação de solo, kits para testes de transgenia e a ATER, tanto de Zene Vieira quanto da Assistente Técnica em Gestão (ATEG), Vamary Santos.

Outro importante diferencial que alavancou as vendas na cooperativa foi a Certificação de Conformidade de Produtos Não OGM

(Organismos Geneticamente Modificados) pelo Instituto Biodinâmico (IBD). Foram quase dois anos de trabalho na implantação de processos, procedimentos, manual de boas práticas e outras ações que padronizaram o sistema de agroindustrialização da cooperativa para o processamento de produtos não-transgênicos. Essas ações garantiram a certificação IBD e a certificação para milho orgânico.

A Engenheira Agrônoma explica ainda que as certificações não param por aí. Agora o trabalho é para implantação da ISO 9001, a ISO 14001 e do selo vegano. “Essas certificações vão nos dar a garantia de que a empresa tem processos e procedimentos que estão na linha de uma gestão de qualidade. E o selo vegano é para a agroindústria, que vai mostrar que, no nosso processamento, nós não industrializamos produtos de origem animal ou que sejam acrescidos de algum elemento nesse sentido”.



Foto: Juan Suzart.

“O trabalho realizado pela assistência técnica na base de produção, gestão e comercialização causou grande revolução na cooperativa”.

Jônatas Fernandes
Vice-Presidente da COPIRECÊ

Modernização e qualidade

“O projeto do Governo do Estado trouxe para a gente não só a gestão organizacional da base produtiva e da comercialização, mas trouxe também a qualidade do produto dentro da fábrica. Porque os nossos equipamentos não atendem mais ao mercado. Tem maquinários de 40 anos aqui, que precisam de manutenção com frequência. Então, com o Bahia Produtiva, temos a oportunidade de modernizá-los, o que vai significar maior qualidade do produto, uniformidade, melhor higienização dos equipamentos e uma temperatura ideal para o alimento. Isso vai quase dobrar a nossa fabricação de milho”, ressalta Zene.

O vice-presidente da cooperativa, Jônatas Fernandes, reforça que a qualidade do trabalho realizado pela ATER na base de produção, gestão e comercialização, foi o que causou grande revolução na cooperativa. “Todo esse trabalho unido nos dá uma condição muito grande de crescimento. Você vai ter uma assistência técnica funcionando, a indústria vai estar em pleno vapor com o maquinário novo e com a nossa comercialização em alta. A gente espera um aumento de 100% na produção, e um aumento de 100% também nas vendas. Vai ser uma coisa espetacular”.

Agora, como gerente, Zene tem trabalhado na gestão de novos processos na cooperativa. “Hoje, nós conseguimos fazer o organograma de funções de cada colaborador, e fizemos o planejamento e a divisão por departamentos. Eu avalio o cumprimento de metas e faço o monitoramento dos departamentos com o apoio dos colegas e da diretoria. É uma gestão participativa onde temos o setor de qualidade, o Departamento de Projetos, o Departamento de Comercialização e o Departamento de Assistência Técnica. Tudo isso anima o colaborador e ele se sente mais confiante em participar”.

Mais renda, mais saúde

O agricultor familiar e técnico agrícola, Adão Gaspar, já tem na ponta da língua e na ponta do lápis os benefícios que a plantação de milho não-transgênico trouxe para a sua vida. “Se o preço da praça é R\$ 65,00 a COPIRECÊ paga R\$ 85,00 no milho não-transgênico. Então, é um incremento de R\$ 20,00 por saca. E isso já faz toda a diferença”. No montante total de 50 sacas, a diferença no pagamento sobe para R\$ 1 mil.

Para manter esse rendimento, Adão e os demais agricultores familiares precisam ter cuidados importantes para evitar a contaminação da plantação. Uso de sementes crioulas, cuidados com a higienização dos equipamentos, manejo adequado do solo e, claro, passar os produtos por testes de transgenia.

“A COPIRECÊ sempre traz para a gente a importância de armazenar e utilizar uma semente nossa, porque ela não perde as suas características genéticas com o tempo. Quando a gente faz o segundo plantio de um milho transgênico, por exemplo, o milho já perde o vigor,

“A COPIRECÊ sempre traz para a gente a importância de armazenar e utilizar uma semente nossa, porque ela não perde as suas características genéticas com o tempo. A gente sabe que está produzindo saúde, produzindo com qualidade”.

Adão Gaspar – agricultor familiar e técnico agrícola

e aí você tem de ficar sempre indo na loja comprar. Aí a gente fica refém da loja. E com o milho não-transgênico, não. A gente sabe que está produzindo saúde, produzindo com qualidade”.

Na casa de dona Maria Aparecida Dias, além do benefício financeiro, o milho não-transgênico é bem utilizado na alimentação da família. “Tenho quatro filhos que moram aqui no mesmo sítio, e o milho serve à nossa alimentação. Quando a gente vende para a COPIRECÊ é bom também, o carro vem buscar os milhos”.

A entrega das sementes crioulas e da sacaria, bem como o transporte feito pela COPIRECÊ fazem parte da estratégia da organização para evitar a contaminação do milho, desde o início do processo até a entrega na agroindústria. Porém, os desafios continuam intensos nessa batalha contra a transgenia.

“De cada cinco amostras que chegam para a gente, quatro são transgênicas. Então, se o produtor não seguir as nossas orientações e contaminar o milho, vai tudo por água abaixo, e ele vai deixar de comercializar para a cooperativa e não vai ter um preço melhor no produto. Além dos cuidados, tem a contaminação não-intencional, quando os ventos carregam o pólen transgênico para as áreas não-transgênicas. Ainda mais na época das chuvas, quando todo mundo planta, transgênicos e não-transgênicos”, explica Zene.

Para tentar solucionar a problemática da contaminação, a COPIRECÊ tem participado de redes de debate com agricultores de Minas Gerais, São Paulo, México, Argentina e Chile. Além disso, Zene Vieira está finalizando um curso de mestrado em Produção Vegetal no Semiárido, no Instituto Federal da Bahia (IF Baiano),

campus Guanambi, com o sonho de encontrar alternativas para evitar a contaminação por transgenia.

“Os nossos agricultores acabam perdendo sementes que rodam na família há 40 anos por conta dessa contaminação não-intencional. Hoje, nós temos um experimento utilizando o sorgo, que pode chegar a quatro, cinco metros de altura, e pode evitar a contaminação do pólen do milho transgênico. Temos relatos de produtores que ficam realmente sentidos quando recebem a notícia do milho contaminado. Então, vamos fazer os testes neste experimento”.

Atualmente, os agricultores e as agricultoras familiares seguem todas as orientações técnicas, e o milho passa por testes baseados na umidade, na impureza e na transgenia. Tudo feito com muito cuidado, retirando amostras de todas as extremidades da plantação.



Foto: Juan Suzart.



Foto: Juan Suzart.

Dedicação que gera resultados

A dedicação da cooperativa com a produção dos não-transgênicos tem alcançado mercados graças ao apoio da administradora Vamary Santos. O avanço no faturamento tem a participação da ATEG, especialmente nos contatos comerciais feitos desde a sua contratação, via Bahia Produtiva, em 2019, e nas mudanças realizadas em relação ao marketing da cooperativa.

“Nós criamos novas embalagens com uma nova logo institucional da cooperativa, que trouxeram uma nova identidade visual para a COPIRECÊ acessar os mercados. Isso tudo deu uniformidade aos nossos produtos. Conseguimos entrar também em novos mercados, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Recife, Rio Grande do Norte, e regiões aqui da Bahia, como o Oeste baiano”, conta Vamary.

Outras mudanças internas foram realizadas, que melhoraram também as vendas dos nove produtos derivados do milho. “Quando cheguei aqui, uma dificuldade era a quebra na regularidade de entrega com o cliente final, porque o cliente fazia o pedido e a gente só conseguia entregar dentro de 10 a 15 dias. Aí, a gente se organizou melhor, começou a negociar prazo com os nossos fornecedores e começamos a entregar com mais regularidade”, avalia a Administradora.

Entre as ações implementadas por Vamary estão a aplicação de preços diferenciados para o varejo e atacado. “Hoje, nós temos uma tabela diferenciada de preços para tratar com atacado e varejo e, como a nossa melhor opção é a distribuição, a gente passou a negociar preços mais diferenciados para eles, que arcam com os custos de logística e vendas”.



Foto: Juan Suzart.



Foto: Juan Suzart.

O resultado dos ajustes está na felicidade dos clientes em encontrar os produtos da COPIRECÊ. No supermercado Coração, em Irecê, que inclusive colocou os produtos a pedido da clientela, o flocão Puro Milho, por exemplo, não para nas prateleiras. A professora Haga de Souza e seu filho, Ângelo, são clientes fiéis dos produtos. “Eu amei esse cuscuz porque meu filho come todos os dias, duas vezes ao dia, e adora. Eu peguei a primeira vez há alguns anos, porque me indicaram que era daqui, e hoje só consumo esse flocão”.

Para Zene Vieira, os resultados trazem alegria e ânimo para seguir com mais avanços. “O sentimento nosso é de alegria, mas nós precisamos de mais esforços. O nosso plantio de milho não-transgênico está em expansão, porque nós estamos conversando com cooperativas de outros territórios para formar novas parcerias. Hoje, eu não falo mais de organizar a produção do território Irecê, nós estamos falando de produtores de milho não-transgênico do estado da Bahia, e queremos organizar a comercialização. Esse é o nosso sentimento”.

*Produção de laranja orgânica
transforma vidas no Litoral
Norte e Agreste Baiano*



Um sorriso de orelha a orelha. É assim que os agricultores e agricultoras familiares do Litoral Norte e Agreste Baiano respondem quando a questão gira em torno do retorno financeiro com as vendas da laranja orgânica, certificada nacional e internacionalmente, a partir do apoio do Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva. Nessa ação tem destaque o reforço do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER).



Foto: Geraldo Carvalho.

“O sorriso vem fácil porque temos um bom retorno. Só na última colheita, foi para São Paulo 22,5 toneladas com um preço de R\$ 1.400 a tonelada. Quando eu comecei, era um pouco mais de um hectare de terra, e hoje já tenho seis. Comprei um carro, um trator e tive meu filho, Áthila Juliano. É um sentimento de muita gratidão, muita felicidade. Volta e meia os atravessadores chegam para buscar laranja e eu digo: não! Essa laranja eu exporto. Aí as pessoas me olham como se dissessem: como é que esse pretinho aqui do fim do mundo exporta laranja? Para onde? Aí eu conto a história. Tudo isso é fruto da roça”, celebra o agricultor Juliano Ribeiro.

O agricultor segue à risca as orientações da ATER prestada pelo Governo do Estado, por meio da Cooperativa Agropecuária do Litoral Norte da Bahia (COOPEALNOR), por onde conseguiu a certificação orgânica da sua produção, e da Cooperativa Agropecuária Mista da Região de Alagoinhas (COOPERA), onde pretende ampliar a produção, com a plantação de uma nova área de laranja orgânica.

Juliano é um dos 30 produtores orgânicos certificados pelo Instituto Biodinâmico (IBD), que percebe as diferenças entre produzir a laranja convencional e a laranja orgânica. “O convencional todo mundo tem no mercado e não dá um bom retorno financeiro, além de não ser um produto saudável. E o orgânico só me traz benefícios, porque é um alimento de qualidade. Aqui, a gente exporta saúde”.

Quebra de paradigmas

Quem vê os resultados e a alegria dos agricultores e das agricultoras familiares pode não enxergar os desafios de modificar completamente a sua produção para se adequar ao cultivo orgânico. A transformação foi possível graças às orientações do técnico em Agropecuária Antônio Marcos Dantas, que participou de todo o processo de transição dos agricultores da COOPEALNOR.

“Os agricultores foram vendo a viabilidade da cultura orgânica desde a experiência que tiveram, chamada de Produção Integrada de Citrus (PIC), que já diminuía o uso de agrotóxicos nas propriedades rurais. Depois que eles optaram pela certificação, nós fomos buscar uma certificadora para fazer o plano de manejo das propriedades, marcamos uma auditoria externa e, a partir daí, eles começaram o ponto zero da certificação. Desse ponto zero, pela legislação brasileira, ele já pode comercializar culturas anuais internamente. Com 18 meses, na safra subsequente, ele já pode comercializar culturas perenes. Já a legislação europeia é mais rígida, só com 36 meses é que eles podem comercializar esses produtos como orgânicos”.

De 2019 até os dias atuais, o grupo de produtores orgânicos cresceu mais de 200% em áreas convertidas na COOPEALNOR, o que impactou nos resultados da cooperativa. Com vendas de contêineres para Alemanha, Bélgica, Canadá, França e Suíça, além do mercado nacional, o faturamento com orgânicos da cooperativa subiu de R\$ 122 mil, em 2019, para R\$ 328 mil em 2021.

De volta às origens

Durante o processo de transição para o orgânico, os agricultores e as agricultoras familiares tiveram que iniciar uma mudança de hábitos. A principal delas se refere ao uso de agrotóxicos, que, na cultura orgânica, não é permitido.

“Os agricultores tiveram de voltar àquelas técnicas antigas de trabalhar com a enxada, com a roçagem, fazer o controle das ervas-daninhas da laranja, de forma manual. E, nesse processo, a patrulha mecanizada, adquirida por meio do Bahia Produtiva, trouxe viabilidade para que os produtores fizessem as suas intervenções dentro das propriedades, o que gerou aumento da produtividade e da qualidade do fruto”, observa Antônio Marcos.

A agricultora Alessandra Oliveira, do município de Esplanada, comemora a chegada desses equipamentos. **“O Bahia Produtiva foi um divisor de águas para os produtores. Facilitou muito para a gente em relação aos equipamentos, como os atomizadores, o sulcador e outros insumos”**.

Alessandra, que trabalhava na área química, enquanto técnica em petróleo no polo de Camaçari, tornou-se agricultora por uma opção de vida. Ela comemora os resultados na produção a partir do acompanhamento do serviço de ATER. **“Já passei de morrer várias vezes com vazamento de petróleo. E hoje eu tenho o maior prazer de dizer que sou produtora orgânica. Tomei alguns prejuízos iniciais por falta de experiência, mas quando o técnico Marcos chegou foi a melhor coisa que aconteceu na nossa vida, porque nos orientou sobre como fazer. Eu recebi a visita da certificadora, e, graças a Deus, estava tudo em conformidade”**.

Além das mudanças no campo, agricultores e agricultoras precisam ter um controle organizado das tarefas, com nota fiscal de tudo o que é utilizado na área. Outros cuidados também são seguidos pelos agricultores/as, como a devolução correta das embalagens, a anotação dos registros de comercialização e a contratação de mão de obra justa, quando necessária, e sem trabalho infantil.

“O convencional todo mundo tem no mercado e não dá um bom retorno financeiro, além de não ser um produto saudável. E o orgânico só me traz benefícios, porque é um alimento de qualidade. Aqui, a gente exporta saúde”.

Juliano Ribeiro, um dos 30 produtores orgânicos certificados pelo Instituto Biodinâmico (IBD).



Foto: Geraldo Carvalho.

Em transição para o orgânico

Pela COOPERA, o processo de transição para a produção orgânica está em fase de desenvolvimento com sete pessoas para a certificação. O intuito da cooperativa é formar um grupo final de 20 agricultores.

A ideia é apostar em resultados como o de Roniere Santos, do município do Conde. **“Meu pai queria desistir da produção antes de completar um ano e meio necessário para a venda nacional. Mas eu e meu irmão, que trabalhamos na roça com ele, insistimos e deu certo. Hoje, a gente vende a tonelada de laranja por R\$ \$ 1.400,00 enquanto a gente vê nossos vizinhos, que chamavam a gente de malucos, quando iniciamos o processo no final de 2019, vendendo um saco de laranja para comprar um saco de adubo. É uma diferença absurda”**.

Roniere e a família se preparam para exportar os produtos. **“A gente está se igualando às grandes empresas. A nossa expectativa é fazer 100 toneladas ao ano com apenas 2.500 pés de laranja. Isso graças à assistência técnica que nos orientou a como fazer a gradagem, a adubação, a análise de solo, as caldas agroecológicas para combater as pragas e fazer o controle de insetos, como a mosca negra. Todas as nossas decisões tomadas hoje são por orientação técnica”**.

Para chegar a esse ponto de comercialização, agricultores e agricultoras da COOPERA contam com as orientações e o acompanhamento técnico do Engenheiro Agrônomo Jânio Santana. Ele explica que já foram feitas formações individuais e coletivas, sobretudo quanto ao procedimento legal, da normativa do Ministério da Agricultura,



Foto: Geraldo Carvalho.

Pecuária e Abastecimento (MAPA), sobre os procedimentos de inspeção da certificadora e também sobre algumas etapas da própria comercialização.

“Temos feito visitas técnicas, dias de campo e oficinas no intuito de qualificar esse grupo para a inserção deles como sujeitos no processo. Porque o produtor orgânico, antes de estar certificado, precisa ser orgânico. Então, o foco da ATER é direcionar ao mercado também, com escala de produção e direcionamento de técnicas voltadas para a qualidade da fruta”, comentou Jânio.

O cuidado com o solo

A produção orgânica tem como um dos fundamentos dar a melhor nutrição possível às plantas, para que sejam saudáveis e tenham a produção ótima, ao invés da máxima, minimizando o stress das plantas e, consequentemente, a incidência de pragas e doenças. Para isso, cuidar do solo é primordial. Dessa forma, as análises física e química do solo são frequentes e fazem parte do Plano de Manejo Orgânico (PMO), na busca por avaliar as condições físico-químicas do solo e a disponibilidade de nutrientes para as plantas. Isso permite planejar eventuais ações corretivas de acidez ou de adubação, para manutenção, ampliação ou melhoria da qualidade da produção.

Jânio Santana explica a importância desse procedimento para a certificação. “A gente retira a amostragem de solo em partes diferentes do pomar, envia ao laboratório credenciado para realizar a análise, do ponto de vista químico e físico, da composição do solo. Quando chega o resultado, a gente faz a interpretação junto com o agricultor e tomamos a decisão certa na hora de fazer a calagem e adubação”.

Uma das beneficiadas com a ATER da COOPERA é a agricultora familiar Maria Antônia Dias, que está em fase final de transição para o modo de produção orgânica. Na sua propriedade, os cuidados já incluem desde a análise de solo até a colheita dos frutos. **“Antes, a gente tirava os frutos, deixava todos no chão e depois voltava para pegar. Agora, não. A gente já tira do pé e coloca direto em uma caixa limpa”.** Dessa forma, a colheita não dá prejuízos fisiológicos às plantas e ainda facilita no escoamento da produção, com uma colheita organizada para atender ao mercado.

Maria Antônia explica como mudanças no modo de produção estão gerando resultados positivos. **“Antes, a gente pegava todo o mato seco que a gente limpava na enxada e queimava. Hoje não. Hoje a gente deixa na terra porque serve de adubação para laranja”.**

O técnico Jânio Santana explica que esse tipo de atitude dá oportunidade para a ciclagem de nutrientes no solo, porque a matéria orgânica que fica serve de adubo para o próprio solo, além de protegê-lo do sol e da chuva excessiva. Ele destaca que a diversificação da produção é outro diferencial da propriedade de Maria Antônia, localizada no município de Inhambupe. “Aqui temos de 8 a 10 tipos diferentes de cultivos cítricos: limão, tangerina e laranja, de épocas de colheita diferentes. Isso é o ideal tanto para garantir as vendas quanto para manejar melhor as pragas e doenças, porque uma cultura pode conter um inimigo natural de uma praga, evitando assim o desequilíbrio em todo o sistema”.

A análise do solo é uma das técnicas aplicadas no campo para favorecer a produção orgânica das laranjas. O processo faz parte do Plano de Manejo Orgânico (PMO), que busca avaliar o potencial nutricional e físico do solo e planejar ações corretivas ou de manutenção da produção, do ponto de vista nutricional.



Qualidade de vida

Uma vida mais sadia, consumindo e vendendo produtos orgânicos como a laranja e o maracujá; a utilização de caldas agroecológicas feitas com produtos da própria casa, ou biofertilizantes, ao invés de utilizar agrotóxicos que causam danos potenciais à saúde humana; e a construção de barreiras ecológicas como de capim de corte e outras plantações, para evitar a contaminação da produção pelo vento. Tudo isso tem sido realidade na vida de agricultores do Litoral Norte da Bahia, como Jailton Fonseca, que já exporta os seus produtos para a Europa.

“Os convencionais [produtores] estão vendendo a tonelada de laranja por R\$ 450,00 reais em média e nós estamos vendendo a R\$ 1.400,00 a tonelada. Isso é um orgulho para nós. Nem tanto pelo dinheiro, mas porque a gente vende um produto saudável, de qualidade, que vai fazer o consumidor viver mais dias. O preço do orgânico é sustentável também, porque não oscila e o agricultor pode fazer o seu planejamento de produção. Eu já comprei carro, trator, grade, roçadeira, sulcador, reboque, bate-

deira de milho e feijão. Antes, a terra aqui não era valorizada. Agora, uma tarefa custa R\$ 15 mil reais”, comemora Jailton.

Por meio do projeto Bahia Produtiva, 61 famílias são beneficiadas com os investimentos em ATER, aquisição de máquinas, equipamentos para a base de produção e um novo Packing House para seleção, lavagem e armazenamento das laranjas orgânicas da COOPEALNOR, em um total de R\$ 3,2 milhões em recursos.

Pela COOPERA, a mudança de vida vai melhorar ainda mais com o início do funcionamento de uma agroindústria de beneficiamento de frutas, que será importante para que as 83 famílias beneficiadas possam aproveitar e agregar valor às frutas que, atualmente, não são utilizadas. Foram mais de R\$ 3,6 milhões já investidos em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), aquisição de veículos, fundamentais para logística, e de outros equipamentos fundamentais para qualificar a base de produção.

“Antes, a gente tirava os frutos, deixava todos no chão e depois voltava para pegar. Agora, não. A gente já tira do pé e coloca direto em uma caixa limpa.”

Maria Antônia Dias
Agricultora associada a Coopera



Foto: Geraldo Carvalho.



Foto: Geraldo Carvalho.



Foto: xxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Foto: Geraldo Carvalho.

**Certificação orgânica
impulsiona atividade
de agricultores familiares
em Irecê**



A agricultura familiar da Bahia vem se qualificando e avançando para, cada vez mais, estar próxima do público consumidor com seus produtos diferenciados. O segmento segue uma tendência de mercado pela busca não só por uma alimentação saudável, mas que tenha origem em uma produção mais sustentável e mais consciente quanto ao uso dos recursos naturais.



Fabiano Soares, técnico de ATER do Núcleo Raízes do Sertão, celebra os resultados: “São os conhecimentos transformados em prática”.

Foi para atender a essa demanda de mercado que agricultores e agricultoras familiares da Cooperativa de Trabalho Agropecuária Mista de Barro Alto (AGROCOOP), território de identidade Irecê, começaram a produzir vegetais e hortaliças, de forma orgânica, em um processo que culminou na certificação orgânica desses produtos.

A agricultora Paula Ferreira, cooperada certificada há seis anos, conta sobre a sua mudança de renda com a certificação. **“Eu passei 15 anos da minha vida levando os produtos para a feira agroecológica de Irecê, de ônibus, e a certificação mudou completamente a nossa renda. Hoje, eu não digo que tenho um carro de luxo na minha porta porque a opção foi investir na minha agroindústria”.**

O processo de certificação tem a parceria do Núcleo Raízes do Sertão, entidade de produtores do território Irecê vinculada à Rede de Agroecologia Povos da Mata, como comenta o presidente da AGROCOOP, Luís Carlos Viana. **“Sem a parceria do Núcleo, seria muito difícil, porque são eles que fazem o acompanhamento dos agricultores para a certificação e as visitas de pares”.**

O técnico que presta o serviço de ATER a esses agricultores e agricultoras, Fabiano Soares, do Núcleo Raízes do Sertão, comenta sobre o início dessa trajetória para chegar à certificação orgânica. **“Alguns agricultores aqui do território já resistiam ao modelo de agricultura convencional, pois trabalhavam de forma natural, ecológica. E, eles já comercializavam esses produtos como orgânicos, limpos, mas os clientes estavam cobrando a certificação do orgânico. E como também aumentou a produção e eles queriam vender para fora, tinham essa demanda de mercado pela certificação”.**

A partir daí, agricultores e agricultoras passaram a buscar a certificação junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e iniciaram o processo de certificação participativa, que acontece quando a fiscalização é feita pelos próprios grupos de produtores, nas visitas de pares. A certificação é baseada diretamente na Lei dos Orgânicos (Lei nº 10.831), e é seguida à risca, porque se um agricultor ou agricultora descumprir alguma regra, pode penalizar todo o grupo de produção.



Foto: Juan Suzart.

O jovem Antônio Aloísio, certificado como produtor orgânico há quatro anos, comemora o aumento de renda, que fica em torno R\$ 1.000,00 e R\$ 1.500,00 por semana.

Práticas Agroecológicas

Quando o assunto é produção orgânica, um dos agricultores mais desenvolvidos é o jovem Antônio Aloísio, certificado como produtor orgânico há quatro anos. Graças à dedicação e à ATER, Antônio já comercializa, por semana, entre R\$ 1.000,00 e R\$ 1.500,00 com a sua produção, o que resultou, inclusive, na saída de sua esposa de um emprego fixo para seguir com ele nos cuidados com a propriedade.

“A certificação fez a diferença na minha vida, porque me incentivou a diversificar a produção e a me preocupar mais com o preparo e o manejo do solo. Eu recebo duas visitas anuais [de pares] e ainda a visita de olhar externo, que acontece quando outro grupo de produtores vêm fazer a verificação na minha área. E é muito gratificante trabalhar assim. Eu plantava um canteiro por mês e hoje estou plantando de 8 a 10 canteiros, só de hortaliças, e comercializo tanto no delivery quanto para colegas que pegam para a revenda ou para o consumo próprio”, ressalta Antônio Aloísio.

Ao visitar a propriedade do jovem agricultor fica evidente o nível de cuidado que ele tem com as plantações, a exemplo do espaçamento adequado entre as fileiras, produção diversificada, utilização de compostagem, irrigação por gotejamento, cobertura morta para conter a umidade e barreiras para a contenção do vento entre as plantações. Outro diferencial

que está um pouco mais invisível aos olhos é a qualidade das sementes crioulas utilizadas no local.

Os conhecimentos transformados em prática são motivo de comemoração para o técnico Fabiano. “Hoje, o quilo da semente da cebola roxa é R\$ 1.000,00 no mercado convencional, e a alface é R\$ 600,00 o quilo. Além do diferencial dessa semente que ele usa, por ser mais resistente e adaptada à região, ao clima e ao solo, as sementes híbridas vão exigir mais adubo e água, e o ataque de pragas é bem maior. Os agricultores podem também fazer dessas sementes crioulas uma fonte de renda, já que podem vendê-las para quem não tem tanto esse manejo”.

Antônio Aloísio ressalta que a ATER apresentou as caldas agroecológicas, que qualificaram a sua produção. “Eu não conhecia a biocalda, micronutriente eficiente (E.M.), e isso foi um dos principais pontos de evolução, porque minhas plantações passaram a se desenvolver melhor”.

O E.M. utilizado por Antônio Aloísio, foi obtido a partir da captura de fungos e bactérias naturais no arroz branco cozido, sem tempero e sem sal, em uma região de sombra na mata, utilizando como cobertura galhos, palhas e lonas, para preservar a umidade e facilitar a decomposição orgânica. Após o período de 8 a 10 dias, esse arroz fica todo colonizado de fungos coloridos que servem tanto de matéria-prima para as biocaldas quanto para a pulverização direta na planta.

A partir das orientações dessa técnica, o preparo finalizado deve ser colocado em uma embalagem fechada (geralmente garrafa plástica), alimentado com caldo de cana, melaço ou rapadura, e aberto todos os dias.

Viabilidade e agregação de valor

Além das mudanças proporcionadas na vida dos agricultores e das agricultoras familiares pela certificação orgânica, uma nova página de sucesso foi aberta para os produtos orgânicos com a recente inauguração do novo entreposto de seleção e fracionamento dos vegetais da AGROCOOP. O equipamento, que tem o investimento de R\$ 402,8 mil, via projeto Bahia Produtiva, vai viabilizar o processamento do que é produzido pelos agricultores e agricultoras, a logística e a comercialização dessa produção.

Luís Carlos Viana, presidente da AGROCOOP, destaca que o entreposto vai incentivar ainda mais os agricultores a se tornarem orgânicos, e vai dar mais saída aos produtos. **“Os produtos são entregues no entreposto do Núcleo Raízes do Sertão, em Irecê, mas alguns não têm condições de levar, devido aos gastos com transporte. Com esse entreposto, vai ficar mais próximo para eles. Vai melhorar também, porque antes a gente tinha a preocupação de que se o produto não saísse hoje, ele ia perder. Agora, temos uma câmara fria e veículos refrigerados para fazer esse transporte e manter a segurança do produto”.**

O presidente da cooperativa ressalta também que a inauguração do entreposto vai fortalecer a prestação do serviço de ATER junto aos cooperados, que devem ficar mais interessados em seguir as orientações técnicas dadas pelos profissionais. **“Vai ser muito bom para organizar e incentivar mais os agricultores novatos, e vai ajudar também a abrir as portas para a comercialização”**



Foto: Juan Suzart.

Agroindústria no quintal

A agricultora Paula Ferreira tem boas expectativas com a chegada do novo entreposto. “Trabalho com o processamento de geleias, doces, temperos, desidratados, farinhas, mas, para mim, hoje, é um sofrimento mandar o produto para fora. Então, o entreposto vai ser muito importante para essa parte de comercialização dos produtos, porque é difícil, para nós produtores, fazermos tudo. Por isso é que eu tenho uma esperança muito grande com o entreposto de que os meus produtos possam chegar aos mercados. Porque eu tenho produto em estoque para colocar em qualquer rede de supermercado”.

Desde 2017, Paula e seu irmão começaram a construir uma agroindústria familiar no quintal de casa, com recursos próprios. Foi daí que surgiu a marca certificada Orgânicos do Quintal, atualmente com 56 itens certificados, do extrato de tomate tradicional ao tempero seco de sete ervas.

“A agroindústria nasceu com a cara e a coragem, pegando a legislação, lendo, ligando para o Ministério, perguntando à nossa fiscal do MAPA como é que funcionava os alvarás sanitários. Eu sempre processei os produtos: fazia extrato de tomate, tempero pronto, geleias, doces, tudo o que dava para aproveitar a gente aproveitava”, conta Paula.

A criatividade em processar os produtos do seu próprio quintal veio da necessidade de sustentar a família no período de chuva. Os primeiros produtos foram feitos de forma artesanal, como a pasta de alho e os cortadinhos de abóbora e couve. Agora, o principal desafio é fazer com que os produtos cheguem às prateleiras dos mercados.

“A nossa possibilidade é real. Se o entreposto receber lá 10 caixas de tomate e duas amadurecerem demais, manda para cá para agregar valor na nossa agroindústria. Se a cenoura não está no padrão de bandeja ou da venda em atacado, manda para cá, que a gente fileta

e vende no pacotinho embalado a vácuo. Para a gente é muito desafiador produzir orgânico na quantidade e na escala que a gente tem. Então, se há a possibilidade de fazer essa agregação de valor, nós vamos fazer”.

E não é só Paula que está animada com a implantação do entreposto construído a partir dos investimentos do Governo do Estado. Antônio Aloísio também já tem planos de aumentar a sua produção.

“Vai aumentar a minha renda, vai melhorar a confiança do consumidor. Eu vou aumentar o plantio e posso até contratar uma mão de obra porque, se o entreposto estiver absorvendo bem, eu vou aumentar a minha produção. Por exemplo, eu gosto de trabalhar com o aipim e perde fácil na prateleira se eu vender *in natura*, mas com o entreposto, descascando e embalando a vácuo, eu sei que vai ficar armazenado até chegar à demanda de mercado. Aí eu posso investir mais no aipim”, observa Antônio Aloísio.

*Tecnologias sociais levam
água, aumentam produção e
asseguram renda*



A implantação de tecnologias sociais de acesso à água, como as cisternas de produção, associadas ao serviço qualificado de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), levou novas perspectivas para agricultores e agricultoras familiares de comunidades rurais dos municípios de Botuporã e Macaúbas, no território de identidade Bacia do Paramirim.



Fotos: André Frutuoso.



Fotos: André Frutuoso.

Iniciativas como essas vêm proporcionando o aumento da produção nos quintais das famílias atendidas pelo Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva e, conseqüentemente, possibilitando a garantia da segurança alimentar e nutricional e a geração de renda, com a comercialização da produção. Para essa ação, foram aportados investimentos da ordem de R\$ 480 mil.

Na Associação dos Pequenos Produtores Rurais e Mulheres Camponesas das Comunidades de Baixão do Zé da Silva, Sítio, Rancharia e Lagoa da Pedra, de Macaúbas, a chegada das 31 cisternas, além de levar água de qualidade para a produção, possibilitou a instalação de outras tecnologias sociais que trouxeram melhoria para a produção de agricultoras como Waldite de Oliveira. **“Antes, a gente tinha mais trabalho do que resultado e tinha que ir nos tanques distantes onde tinha água. Agora, com a cisterna e a horta econômica, o trabalho é o mesmo, mas a gente produz mais. Aí favoreceu demais.”**

Canteiros econômicos

O canteiro econômico, como o da propriedade de Waldite, é uma tecnologia social que utiliza uma pequena quantidade de água para a produção de hortaliças. O diferencial desse canteiro é que a água não é fornecida por meio de rega comum, por cima da leira, mas de forma subterrânea por meio de tubos perfurados em um fundo impermeável, em que a água sobe por capilaridade. Dessa forma, pode-se dizer que quase não existem perdas por evaporação. Assim, a família gasta menos água para produzir do que em um canteiro convencional.

A tecnologia foi acessada e ensinada à comunidade a partir das orientações da equipe técnica da Associação do Semiárido da Microrregião de Livramento (Asamil), nas formações e dias de campo realizados com os agricultores e agricultoras familiares. A Asamil é a organização contratada, via projeto Bahia Produtiva, para prestar serviço de ATER a essas comunidades.

“O mais marcante do nosso trabalho foi a adoção, por parte das famílias, dos canteiros econômicos, que contribuíram no uso racional da água. Os canteiros trazem o benefício porque utilizam a lona para evitar que a água desça para o solo. Ela fica retida naquele substrato. Então, é um consumo de água menor que o canteiro convencional”, destaca Jucimar Araújo, técnico da Asamil.

Para Jucimar, as mudanças proporcionadas a partir da chegada das cisternas e das tecnologias sociais, implementadas nas comunidades, são transformadoras. “Com as cisternas, as famílias passaram a produzir mais nos quintais produtivos. Hoje, eles já têm essa autonomia de consumir e, com o excedente, comercializar a produção.”

A prática deu muito certo para a agricultora Irany Sousa, que conta os benefícios do canteiro econômico. **“Às vezes, eu passo quatro dias sem jogar água, porque a água dura mais tempo na lona. Então, melhorou muito para mim, porque antes eu quase não plantava, por causa da dificuldade de água.** A gente tem em casa o cheiro verde, a alface, a abóbora. Tudo isso a gente deixou de comprar”.

O canteiro econômico é uma tecnologia social simples, de baixo custo e adaptada para regiões semiáridas, pelo reduzido consumo de água durante todo o tempo de produção das hortaliças.

Cobertura morta

Outra tecnologia social implementada pela Asamil e amplamente utilizada pelas comunidades atendidas é a cobertura morta, desenvolvida a partir da utilização de materiais como capins e plantas roçadas colocadas sobre a superfície, para manter a umidade do solo e melhorar as suas condições, o que reduz ainda mais a necessidade de água e amplia a produtividade e a qualidade do que é cultivado.

“A gente coloca essa cobertura com cisco, palha e outros compostos para fazer sombra e segurar a umidade na planta”, explica o agricultor Antônio Francisco, casado com Waldite há 47 anos. Juntos, o casal constata os benefícios do serviço de ATER.

O técnico da Asamil observa que também podem ser utilizados outros materiais na cobertura morta. “Pode colocar também um biogel junto com a cobertura morta, para conservar a umidade, ou corta a palma e coloca junto da cobertura. Essa palma produz tipo um gel e, junto com a água, conserva mais umidade. Assim, a demanda por recurso hídrico do agricultor é menor”.

O casal de agricultores Antônio Francisco e Waldite também utiliza a tecnologia social batata da salvação, que utiliza uma garrafa pet com algodão molhado, cheia de furos, no terreno, próxima às raízes das plantas, para fazer a irrigação por capilaridade.

“Na batata da salvação, a garrafa pet fica no fundo do terreno, com os furos, para que a água possa irrigar o solo. Tem também a moringa da salvação, que é a técnica do gotejamento, pendurando uma garrafa pet com um furo no meio, onde a água vai irrigando o solo, aos poucos”, explica Jucimar Araújo.

Inseticidas naturais

Nessas comunidades rurais, o solo também é bem-cuidado e sem agrotóxicos. Isso é resultado das orientações da equipe de ATER, que também apresentou às comunidades o uso de inseticidas naturais. O agricultor Damião Severiano, um dos 30 beneficiários com cisternas de produção, da Associação dos Pequenos Produtores da Comunidade Boa Vista, em Botuporã, está satisfeito com o uso desses defensivos naturais.

Damião Severiano explica como prepara o seu defensivo natural e quais os benefícios na sua produção. “Na garrafa pet tem urina de gado, esterco, detergente. Deixei curtir durante uns 30, 40 dias, em um local de sombra e fiz o uso nas plantas. O composto é bom, porque não traz danos à saúde e é repelente de insetos, aí não dá mais bichos nas plantas.”

O agricultor Emílio dos Santos também aderiu ao uso dos defensivos naturais. “Agora, a gente não precisa mais comprar agrotóxicos e o resultado foi bom para evitar o pulgão, por exemplo. Na minha propriedade, hoje, tem pé de mamão, de goiaba, bananeira e a gente já colheu muita verdura boa depois do projeto da cisterna.”

Comercialização

Com a chegada das cisternas de produção, e colocando em prática as orientações da equipe técnica, para melhorar a produção, os agricultores e agricultoras familiares estão sendo incentivados a fortalecer a comercialização em feiras livres da região. Para isso, eles contam com o apoio do Agente Comunitário Rural (ACR), Ronilton Batista, que atua nas comunidades de Macaúbas e do ACR, Reginaldo Sousa, que acompanha as comunidades de Botuporã. Ambos, jovens contratados por meio do Projeto Bahia Produtiva e orientados pela Asamil.

“Estamos agora fortalecendo esse movimento com o resgate da nossa feira agroecológica na comunidade, aos domingos. Incentivamos às famílias a produzirem aqui e comercializarem na comunidade mesmo”, comenta Ronilton.

O agricultor Damião Severiano aprova a iniciativa. “Eu gosto muito de horta, porque desde pequenininho meu pai era lavrador e eu me interessava por essas coisas. Com a cisterna, eu já tenho muita coisa que não dou conta de consumir. Tem pé de mandioca que está dando mais de seis quilos já. Então, agora, eu vou experimentar vender para complementar a renda.”



*Bovinocultura de leite
promove rentabilidade
para povos indígenas*



Quando se pensa em produção indígena, o que vem primeiro na sua cabeça? Cerâmica, pintura corporal, máscaras, cestaria e arte plumária? Sim, essas são algumas das produções artesanais mais comuns à maioria das etnias indígenas do Brasil, e presentes na essência do povo brasileiro. Mas, na Bahia, os povos indígenas também se destacam em diversos sistemas produtivos estratégicos da agricultura familiar, entre elas a bovinocultura de leite.



Fotos: Juan Suzart.

A pecuária leiteira é uma das atividades mais tradicionais do meio rural brasileiro e, na Bahia, é uma das principais geradoras de renda da agricultura familiar. São 108 mil produtores de leite no estado. Destes, 97 mil são agricultores familiares, incluindo povos indígenas, que buscam a diversificação de suas produções.

De acordo com levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2017), 3.689 áreas de produção agrícola indígena ocupam o equivalente a 74 mil campos de futebol, ou 22% dos cerca de 327 mil hectares de área indígena no estado. A maioria das áreas são coletivas e nelas há plantações de banana, mamão, feijão, goiaba, cacau, cupuaçu, seringa, milho, mandioca, caju, pimenta-do-reino, urucum, café, coco, bem como a criação de gado de leite.

A bovinocultura de leite da agricultura familiar, de povos indígenas e de outras comunidades tradicionais, ganhou reforço com os investimentos do Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva. São recursos da ordem de R\$ 62,6 milhões destinados à segurança alimentar do rebanho, com distribuição de raquetes de palma e aquisição de máquinas agrícolas e equipamentos para a produção de ração. Os investimentos são aplicados ainda em logística e incluem a aquisição de tanques resfriadores e caminhões para a coleta de leite, além da construção e requalificação de agroindústrias, entre outras ações.

Para qualificar esses investimentos e agregar conhecimentos e experiências de campo, visando o aumento da produtividade de maneira sustentável e rentável, o projeto investe também em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) para agricultores e agricultoras.

108 mil produtores de leite no estado

97 mil

deles são agricultores familiares

o equivalente a **89,8%** do total de produtores



Fotos: Juan Suzart.

Um novo cenário

Na Associação Ybityra Porang Tupinambá, do município de Pau Brasil, no território de identidade Litoral Sul, o serviço de ATER, viabilizado por meio do projeto Bahia Produtiva, mudou o cenário da atividade de bovinocultura de leite nas aldeias indígenas de Água Vermelha, Ourinho, Caramuru, Toucinho e Rio Pardo, que enfrentavam problemas para a criação de gado, a exemplo das inúmeras perdas em período de seca. Essas aldeias recebem o acompanhamento técnico da equipe do Instituto Mãe Terra.

A coordenadora pedagógica do projeto de ATER do Instituto Mãe Terra, Valtiângeli Moitinho, conta que a primeira vez que esteve na comunidade indígena, no fim de 2019, estava tudo muito seco, e era nítido como a ausência de água prejudicava o manejo do gado. **“Percebemos que eles realmente precisavam de uma orientação técnica e começamos a fazer o nosso trabalho. Eles vinham sofrendo de anos anteriores, de secas extremas, e nunca tinham pensado em reserva de alimentos. O gado chegava a andar um quilômetro para beber água, o que traz um impacto muito grande para a produtividade do animal”.**

Valtiângeli conta que, com as orientações, foram feitos os piquetes e o gado começou a pastar em áreas menores. Essas áreas passaram a ter oferta de água, o que aumentou o fluxo na produção leiteira. **“A gente fica feliz quando vê que o grupo conseguiu colocar em prática aquelas técnicas que foram oportunizadas. É uma troca, o produtor sabe o que fazer, mas precisa de uma orientação, um incentivo. O serviço de ATER disponibiliza o fazer junto, com a troca de experiências. É uma troca**

muito rica. Eles sabem muita coisa e a gente vem mostrar novas técnicas, que já fizemos em outros lugares e deram certo”.

Para o técnico em Agropecuária, Everaldo da Conceição Junior, o serviço de ATER proporcionou também uma interação entre os produtores. **“Antes, ficava cada um em seu canto e um não sabia o que outro fazia, mas nós reunimos todos e compartilhamos as práticas. Antes as pessoas não davam muita importância para a nutrição animal. O pasto não**

tinha o manejo adequado para proporcionar o devido valor nutricional. Com o tempo, mostramos que é alimento e também precisa ser bem-cuidado e fazer correção de acidez do solo e adubação para ter mais qualidade e quantidade de nutrientes no capim. Assim, a vaca estará melhor nutrida e ganhará maior produtividade, tanto em peso vivo quanto no leite”.

Everaldo explica que o alimento influencia também na reprodução dos animais. **“As vacas só dão crias com boa regularidade e desempenho quando estão bem nutridas. Antes não tinha uma regularidade na questão do nascimento dos animais. Demorava até três anos para reproduzir. Geralmente, quando o gado é bem manejado, todo ano nasce uma nova cria. Nas localidades, havia grandes perdas em produtividade”.**



Boas práticas que geram resultados positivos

Os produtores e as produtoras, acompanhados pelo serviço de ATER do Instituto Mãe Terra, já contabilizam o resultado no aumento da produção de leite e, conseqüentemente, no aumento da renda. Na propriedade de Silvan Santos da Silva, os pastos verdes e os gados viçosos confirmam que as orientações foram seguidas pelo produtor. A produção, que antes era de 80 litros de leite/dia, aumentou para 130 litros/dia, e já está sendo vendida para dois laticínios do município.

“Minha expectativa é chegar a 180 litros/dia com os mesmos animais. Isso é possível se colocar em prática tudo que os técnicos ensinam. O resultado é certo. Meu solo estava muito degradado, os técnicos orientaram bem e consegui fazer a recuperação. Coloquei calcário e, hoje, dá para ver a qualidade. O gado já está passando no mesmo piquete pela terceira vez, e a pastagem continua boa. Temos mais controle do gado, de não deixar pisotear demais o solo. Tudo que aprendi coloco em prática”, ressalta Silvan.

Com as instruções técnicas, os produtores implantaram capineiras em suas propriedades para a produção de silagem, fundamental para suprir a dieta dos animais em períodos de seca, quando as pastagens perdem o valor nutricional ou quando falta alimentação. Antes, alguns produtores tinham capineira, mas não existia o manejo nutricional adequado da área, com isso o capim tinha baixa produtividade, algo que só melhorou com a introdução da prática de análise do solo, correção de acidez e adubação.

A capineira de Silvan dá gosto de ver. **“Temos alimento para o gado, o gado tá bonito, produzindo mais leite, fazemos silagem e, hoje, não vamos mais perder gado e nem produção por causa de comida para os animais”.**

Na reserva indígena Ourinho, a produtora de leite Maria de Fátima também comemora as melhorias na produção.

“A gente, na verdade, não entendia muito bem da criação de gado, mas criava. Depois da ATER, nossa criação melhorou 100%. Agora, temos conhecimento da criação. Com os técnicos, vieram os ensinamentos, e agora sabemos como alimentar, como manter, como cuidar. Foi um enriquecimento para os produtores. A minha produção triplicou, e estamos crescendo”.

Maria de Fátima
Produtora de leite
da reserva indígena Ourinho



Técnicas e ferramentas potencializam produção

As orientações técnicas aliadas à utilização de máquinas e equipamentos agrícolas específicos estão potencializando a produção de leite das famílias da associação. Lá, o Governo do Estado, por meio do Bahia Produtiva, vem investindo recursos da ordem de R\$ 747,6 mil no desenvolvimento da bovinocultura de leite.

Entre as máquinas e equipamentos adquiridos estão máquina forrageira, roçadeira, grade niveladora, grade aradora e trator com implementos. Para Silvan, a tecnologia também traz avanços para as comunidades. **“A gente depende do maquinário para ter uma produção mais ampla. Na mão bruta, a gente demora dias para fazer um serviço que pode ser feito em apenas uma hora”**.

Os produtores de leite da Associação Ybityra Porang Tupinambá também são acompanhados pelo serviço do Agente Comunitário Rural (ACR), que exerce as funções de suporte à ATER e à execução e gestão dos investimentos feitos via Bahia Produtiva. Os Agentes Comunitários são jovens da própria comunidade ou do entorno das associações e cooperativas, contratados por elas mesmas com recursos do projeto, e capacitados, continuamente, pela instituição de ATER, para mobilizar as famílias, mediar e multiplicar os conhecimentos técnicos e de gestão junto às agricultoras e agricultores dessas comunidades rurais.

“A mudança é nítida desde quando o trabalho começou a ser feito. O gado tem comida e está bem alimentado. O pasto está bem cuidado e os produtores satisfeitos. Pelo Bahia Produtiva, tive acesso a materiais de escritório que ajudam na organização da produção; ao aparelho de GPS, para marcar a geolocalização das unidades familiares, fazer croquis das lavouras e medir terras; e a uma moto para visita às propriedades. Como sou da comunidade, eles sempre estão assessorados”.

Leandro Muniz Lima Pataxó
Agente Comunitário Rural

O ACR Leandro Muniz Lima Pataxó destaca que vem aplicando e intensificando os ensinamentos aprendidos com os técnicos de ATER. **“A mudança é nítida desde quando o trabalho começou a ser feito. O gado tem comida e está bem alimentado. O pasto está bem cuidado e os produtores satisfeitos. Pelo Bahia Produtiva [além das formações] tive acesso a materiais de escritório que ajudam na organização da produção; ao aparelho de GPS, para marcar a geolocalização das unidades familiares, fazer croquis das lavouras e medir terras; e a uma moto para visita às propriedades. Como sou da comunidade, eles sempre estão assessorados”**.



Fotos: Juan Suzart

Leite e a Segurança Alimentar e Nutricional

A produção de leite desempenha papéis importantes: econômico, por ser uma das atividades que mais gera empregos no país, mas também social e nutricional, por contribuir para o crescimento e a manutenção de uma vida saudável. É um alimento que possui cálcio, é rico em proteína e contém inúmeros nutrientes, como o magnésio e a vitamina B12, que contribuem para a redução de diversas doenças.

O leite está entre os seis primeiros produtos mais importantes da agropecuária brasileira. De acordo com a Associação dos Produtores de Leite da Bahia, a produção anual do estado é de aproximadamente 1,1 bilhão de litros, e a agricultura familiar corresponde a 60% do volume de leite produzido no estado anualmente.

**Orientações técnicas
fortalecem ovinocaprinocultura
em comunidade indígena**



Saberes tradicionais e conhecimentos técnicos agora andam juntos na comunidade indígena Tuxi, localizada no município de Abaré, território de identidade Itaparica. Por meio do serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), indígenas da comunidade Tuxi estão empenhados no fortalecimento da principal atividade local, a ovinocaprinocultura.



O indígena José Severino de Menezes é um dos mais satisfeitos com a troca de experiências a partir da ATER. **“É só olhar a saúde dos meus animais para ver o resultado. A ATER ajudou demais, porque a gente não está mais sozinho. Ensinou a fazer o remédio com a folha da catingueira, o vermífugo, a castração e a vacinação dos animais”.**

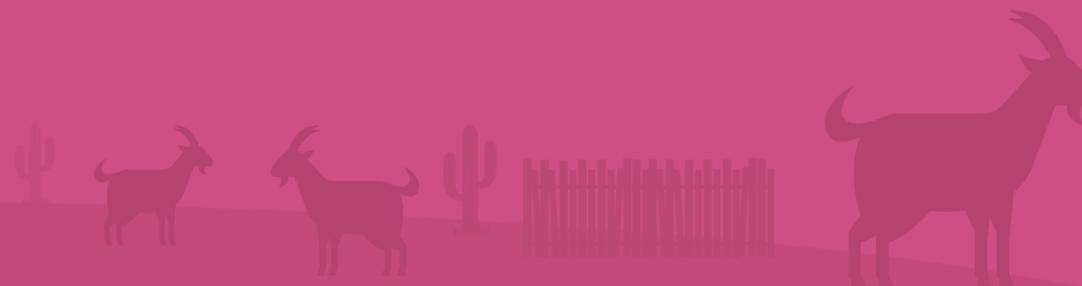
O Agente Comunitário Rural (ACR), Deivi Nascimento, também elogia os momentos de troca com os indígenas, que têm o conhecimento tradicional e as práticas ancestrais. **“Eu aprendi muito durante esses quatro anos de ATER. São coisas que não aprendemos na faculdade. A gente vem com um plano, mas quando chega aqui encontra outro nível de realidade, por causa do conhecimento ancestral que é passado de bisavô para avô, para pai e para filho. Muitas das receitas que são apresentadas aqui, por exemplo, o vermífugo natural, o iodo e a pulverização natural, quem ensinou foram os agricultores, e a equipe de ATER adotou”.**

No aldeamento Tuxi, a ATER, ofertada pelo Governo do Estado via projeto Bahia Produtiva, e realizada pela equipe da Assessoria e Gestão em Estudo da Natureza, Desenvolvimento Humano e Agroecologia (AGENDHA), atuou no planejamento da produção e manejo sanitário, reprodutivo e alimentar dos caprinos e ovinos, além do controle de doenças, tanto nos cultivos quanto na criação dos animais, respeitando todo o processo histórico e de costumes da comunidade.

O engenheiro agrônomo da AGENDHA, Ataciano Souza, enumera os resultados do trabalho realizado. **“Ao longo do processo [de assessoria], eles melhoraram o suporte forrageiro com o próprio olhar para a atividade, e isso só foi possível com as visitas [técnicas] e as experiências dos indígenas. Eu acompanhei a produção de silagem e foi bastante exitosa dentro das unidades”.** Só em 2021, foram mais de 3.400 sacos de silo produzidos na comunidade para a época da estiagem, além da evolução na multiplicação das mudas de palma, fornecidas por meio do Bahia Produtiva.

“É só olhar a saúde dos meus animais para ver o resultado. A assistência técnica ajudou demais, porque a gente não está mais sozinho. Ensinou a fazer o remédio com a folha da catingueira, o vermífugo, a castração e a vacinação dos animais”.

José Severino de Menezes
Agricultor indígena da etnia Tuxi de Abaré



Manejo alimentar e acesso à água

Foram investidos, por meio do Bahia Produtiva, R\$ 605 mil na Associação Tuxi. Além do serviço de ATER para a comunidade indígena, foram entregues também 1.000 raquetes de palma para cada beneficiário; construídos apriscos rústicos; adquiridos, entre outros equipamentos, máquinas forrageiras para produção de silagem; e também tecnologias de armazenamento de água nas propriedades, com a construção de 22 cisternas de consumo e 41 barreiros.

As tecnologias de armazenamento da água favoreceram, além do fornecimento de água para animais, a produção de hortaliças na comunidade, assegurando o consumo pelas próprias famílias. A presidente da Associação, Elisângela Barbosa, por exemplo, iniciou a produção de hortaliças graças ao barreiro construído na sua propriedade. **“Eu comecei essa horta depois do barreiro e, a cada visita, a gente vai ganhando conhecimento também nessa parte do orgânico. A gente já aprendeu também a fazer os biofertilizantes e os vermífugos naturais”.**

Na avaliação do ACR Deivi Nascimento, as mudas de palma e o suporte forrageiro adquirido estimularam os agricultores a aumentarem a sua produção. **“O que mais me impressiona no pessoal é a capacidade de resiliência. No projeto, a gente pensou em dois fatores: água e comida para os animais. Mas o agricultor conseguiu transformar ainda mais essa paisagem com a produção de abóbora, feijão, capim, leucena, maxixe e leite de cabra... Ou seja, a partir do que receberam, eles conseguiram transformar em mesa farta para o consumo [próprio] e para alimentação dos animais, melhorando a qualidade de vida da família e do rebanho”.**

Na propriedade do casal indígena Gildenir Dantas e Gilvanira da Silva, o conhecimento técnico é bem aplicado e dá resultados. **“O Bahia Produtiva foi um pontapé para o nosso desenvolvimento. Estamos muito satisfeitos, temos o barreiro para pegar a água da chuva e temos o plantio da palma, que serve para alimentar a criação na época do Verão. E o rebanho está melhorando a cada dia. Ano passado, eu perdi a produção porque não tinha o aprisco, e só fiquei com seis cabritos. Hoje, eu tenho uma faixa de 600 animais dentro do cercado”**, comemora Gildenir, que atualmente economiza na compra de alimentos como feijão e abóbora, já que iniciou a produção dessas em consórcio com a produção de palma. **“A gente já guarda feijão para o ano todo”**, conta Gildenir.



Fotos: Geraldo Carvalho.



Fotos: Geraldo Carvalho.

Na propriedade do casal indígena foram aplicados os conhecimentos técnicos transmitidos por meio da equipe da AGENDHA, a exemplo do aproveitamento do esterco da criação dos caprinos e plantio da palma miúda. **“A inserção do esterco na [adubação de] fundação da plantação da palma miúda que Gildenir faz ninguém aqui tinha usado. É uma nova técnica implementada com muita paciência aqui na comunidade. É um trabalho de dia a dia da ATER”**, comenta Ataciano Souza, que é também especialista em Georreferenciamento, Geoprocessamento e em Tecnologia de Baixa Emissão de Carbono.

Entre as orientações passadas pela equipe técnica está a aplicação do detergente neutro e do óleo mineral para o combate da cochoilha de escama, praga comum na palma forrageira. **“A receita que resolve o problema da cochoilha de escama é um copo de 190 mL de detergente neutro para um copo de óleo mineral misturados. Ai, em contato com o sol, a cochoilha se desgruda da palma e morre, porque ela se alimenta da ‘seiva da palma’”**, explica Ataciano.



Indígenas avançam na produção

Com o conhecimento técnico, as famílias indígenas se desenvolvem cada vez mais na base de produção e evoluem na convivência com o Semiárido. **“O Bahia Produtiva foi o primeiro projeto que implantou essa forma de edital com a manifestação de interesse das associações, sem a necessidade de intermediação de políticos. Foi de grande valia, tanto pelas cisternas e pelos equipamentos para fazer a silagem quanto pela troca de experiências com os técnicos. O nosso foco foi o melhoramento e a suplementação alimentar, porque antes a gente dividia a alimentação com os animais na seca. Eles ficavam tão magros que não dava nem para vender. A gente alimentava eles com a rama das quixabeiras, mandacarus, juazeiros (plantas nativas), mas hoje estamos satisfeitos com a melhora e o crescimento dos animais”**, constata o cacique Alcindo Feliciano, que valoriza todo o processo de adesão dos indígenas ao Bahia Produtiva.

O indígena José Severino, que comemorou a saúde dos animais, também é só felicidade ao falar do projeto. Primeiro por causa do consumo da carne de bode, preferência no paladar de seu José; depois porque agora ele e sua família conseguem ser independentes na vacinação e castração dos animais, graças às capacitações e aos *kits* veterinários entregues aos produtores. **“Sabe o que me dá uma emoção danada? É ver os meus bodes assim nos meus pés para eu guiar para o aprisco! E as visitas dos técnicos ajudaram demais nisso. Foi através do Deivi, que veio aqui, ensinou como é que castra e nos deu o alicate do projeto para fazer a castração dos bodes. Outra coisa foi a vacinação, que agora a gente mesmo tem a pistola para vacinar. É rápido demais, adorei e foi coisa que a gente viu que deu resultado nos animais. Achei foi bom”**.

O adequado manejo sanitário de caprinos e ovinos, que vem gerando resultados positivos entre os indígenas da etnia Tuxi, é reflexo do conhecimento técnico que chega à comunidade. **“Todos os momentos de formação que nós tivemos na AGENDHA foram importantes para agregar conhecimento para que, nos dias de campo e nos encontros comunitários, a gente pudesse colocar em prática. E, hoje, agricultores e agricultoras estão independentes, controlando os animais mais novos na cobertura das fêmeas e o melhoramento genético do rebanho. Outro exemplo são as vacinações, porque antes eles não vacinavam e o rebanho morria, mas agora há um aumento da imunidade nos rebanhos de alguns agricultores. São mudanças que vamos construindo aos poucos”**, explica o ACR Deivi.

No aldeamento Tuxi, a ATER atuou no planejamento da produção e do manejo sanitário, reprodutivo e alimentar dos caprinos e ovinos, além do controle de doenças, tanto nos cultivos quanto na criação dos animais, respeitando todo o processo histórico e de costumes dentro da comunidade.



Ataciano lembra que o desenvolvimento da ovinocaprinocultura na comunidade Tuxi tem como objetivo diminuir o tempo de abate, diminuir a mortalidade e aumentar a produtividade do rebanho. Ele observa que é por isso que as técnicas são tão importantes para alavancar a renda das famílias. **“Os indígenas são produtores de carne e a gente trabalha para que esses animais produzam o mais rápido possível e em menor tempo. Por isso, tem de fazer a vermifugação, o controle da anemia e das demais doenças e buscar o suporte forrageiro na estiagem”.**

O melhoramento do rebanho e a venda dos animais vêm impactando diretamente a renda das famílias indígenas, como a de Josino Augusto dos Santos, que celebra as conquistas. **“Eu já consegui mais de R\$ 6 mil com a venda dos carneiros, o que dá para comprar as coisas de casa, roupa e ração para os animais. Com essa venda, vou ganhando mais tempo para a criação se preparar para uma nova temporada. Sem contar na riqueza que veio do Bahia Produtiva: um barreiro que a gente recebeu, que custa, vamos supor, R\$ 10 mil. A gente não tinha esse recurso para investir. Se a gente não tivesse a palma, eu ia ter que comprar ração. Um saco de farelo de algodão, por exemplo, custa R\$ 120,00. Aí teria que vender mais caprino ou fazer outros serviços, porque, sem criar, não tem como sobreviver aqui. Por isso, esse projeto do Bahia Produtiva melhorou muito para nós. É uma riqueza para o criador”.**



Foto: Geraldo Carvalho

“Esse projeto do Bahia Produtiva melhorou muito para nós. É uma riqueza para o criador”

Josino Augusto dos Santos
Agricultor e criador indígena
da etnia Tuxi de Abaré

*Suporte alimentar
com plantas do Semiárido
**incrementa produção
de caprinos***



Incó, catingueira, juazeiro, malva branca, quixabeira e mandacaru. O que essas plantas têm em comum? São plantas nativas da Caatinga, o maior bioma dentro da Bahia e aquele com o qual a agricultura familiar convive há décadas. Essas vegetações crescem livremente nas propriedades de agricultores e agricultoras familiares do município de Monte Santo e região, especialmente as dos vinculados à Cooperativa Regional de Agricultores e Agricultoras Familiares e Extrativistas da Economia Popular e Solidária (COOPERSABOR), beneficiários do projeto do Governo do Estado, Bahia Produtiva.



Mas nem sempre foi assim. Segundo o agricultor José Elias Andrade, conhecido como Zito, com a execução do projeto houve uma transformação na forma de tratar a terra, graças ao serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), prestado pela equipe técnica do Movimento de Organização Comunitária (MOC).

“No tempo dos nossos pais, era pouca gente e a terra era muita. Aí, cada um pegava um espaço, derrubava tudo da Caatinga e queimava. No outro ano fazia igual com outro roçado. E, assim, nós herdamos uma terra muito improdutivo. De uns tempos para cá, de acordo com os conhecimentos, a gente percebeu que o que faz com que a terra tenha vida é o mato que ela cria para ela mesma comer. Então, a terra não é um troço, uma base que não precisa de nada, que naturalmente produz. Ela só produz se você continuar dando vida a ela”, comenta Zito.

Essa conscientização é que tem sido a base dos esforços da ATER na região, e o que tem incentivado o melhor aproveitamento das plantas nativas da Caatinga, especialmente na alimentação dos caprinos. O armazenamento dessa alimentação, para o período de estiagem, contribui para a criação desses animais. E é essa alimentação armazenada que vem garantindo a produção de leite de cabra, mesmo em período de estiagem.

“A assistência técnica é um dos pontos primordiais do projeto. Sem ela, o projeto nem nasceria, porque o que faz a Bahia Produtiva dar certo é a assistência técnica continuada como uma política pública de Estado”.

Charles Conceição
Presidente da COOPERSABOR

“A gente descobriu, nessa caminhada com a assistência técnica, que Deus faz a parte dele, mas a gente precisa fazer a nossa. Com a assistência técnica, a gente sabe que, para o bode pastar no verão, é preciso de uma grande quantidade de alimento da Caatinga. O resto a gente complementa com a palma, o milho. Antes, a gente tinha que comprar 100% de ração. Agora, não mais. A gente sabe que a Caatinga é importante e ajuda a economizar com a ração”, comemora Zito.

Zito conta que os animais se deram muito bem com o aproveitamento de plantas da Caatinga, como o incó. **“Com o incó e o pau-de-rato (catingueira), eu percebo que eles se dão muito bem, porque eu não vejo a criação dar diarreia, e não se vê adoecer o leite. E essa é uma ração que é difícil faltar na propriedade, porque o incó, por exemplo, dificilmente cai a folha e ele não precisa de chuva, pode estar o verão [a estiagem] que for, ele vai crescer normalmente. Então, você consegue baratear a ração”.**

As estratégias da cobertura morta, adubação e aproveitamento das plantas nativas da Caatinga em propriedades, como a de seu Zito, têm gerado bons resultados na vida dos agricultores e das agricultoras familiares, como explica o técnico do MOC, Ivamberg Silva. **“A gente está vendo grandes resultados no melhoramento do rebanho e no melhoramento alimentar, com as técnicas que estão sendo passadas para o estoque dos alimentos e com as plantas da Caatinga, para a utilização dos medicamentos naturais no rebanho. Com o Bahia Produtiva, não só Monte Santo, mas toda a região está sendo beneficiada, melhorando a qualidade de vida e a renda das famílias”.**

Investimentos e novas alternativas de produção

Por meio dos investimentos de mais de R\$ 3,4 milhões, via Bahia Produtiva, as 61 famílias beneficiadas da COOPERSABOR tiveram acesso, além da ATER, a cisternas de produção, abrigos rústicos, máquinas forrageiras. As famílias, em breve, passarão a contar também com um laticínio, que irá beneficiar o leite de cabra produzido nas propriedades.

Outro grande benefício associado à alimentação dos animais é bastante celebrado na região, foi a chegada, para cada beneficiário(a), de 3.500 raquetes de palma, o que aumentou também o suporte alimentar dos animais. O Agente Comunitário Rural (ACR) José Reis, filho da comunidade, percebe as mudanças na criação dos animais após a chegada do Bahia Produtiva.

“A maioria dos agricultores, por exemplo, não tinha nem o abrigo para confortar os animais. A aquisição da forrageira serviu para o pessoal processar a ração da folha de mandioca, da catingueira, enfim, de tudo que é produzido. E teve a palma, que é uma planta com um potencial forrageiro significativo, porque ela tem um valor significativo de energia e também é um vermífugo, aí, misturando com a leucena, a folha da mandioca e o próprio milho, o animal consome muito bem”, observa José.

Com a evolução na alimentação, melhorou também a produção do leite de cabra. **“Quanto mais você diversificar a ração, com mais diversidade de plantas, tanto o leite quanto a carne de bode se tornarão produtos mais enriquecidos. Então, é muito importante aproveitar o que a gente tem aqui na Caatinga, porque o agricultor economiza e ainda consome um produto de excelente qualidade”,** conta José.

O agricultor Leôncio Manoel de Andrade só elogia as novidades que vieram com o projeto Bahia Produtiva. **“É uma satisfação para mim e para o Zito, que já viemos de muitos anos de sufoco, saber que o Governo do Estado nos valorizou. Porque, antigamente, os projetos só vinham através de deputados. E, agora, é uma coisa mais concreta, mais transparente. Quem tem o produto já pode ter a sua renda, independente de que lado é. Na questão da alimentação, não tem muito mais o que você comprar se você souber aproveitar a palma, a mandioca, o milho e outras coisas, e José é muito dedicado, porque ele quer ver esse resultado. Ele dá o ânimo que a gente precisa”.**

O presidente da COOPERSABOR, Charles Conceição, reforça a importância da assistência técnica, unida à estruturação da produção de agricultores e agricultoras familiares na caprinocultura de leite. Para Charles, com a implantação do novo laticínio e o suporte da ATER, a caprinocultura irá avançar ainda mais, abrangendo produtores e produtoras de todo o Sisal e viabilizando a comercialização.

“Eu acredito que vamos atender mais de 100 famílias, e a nossa expectativa é que o leite de cabra possa ser transformado em iogurte, manteiga, queijo e possa alimentar as crianças da região com um produto de qualidade e nutritivo”.

Charles Conceição
Presidente da COOPERSABOR



Fotos: Geraldo Carvalho.

“A assistência técnica é um dos pontos primordiais do projeto. Sem ela, o projeto nem nasceria, porque o que faz o Bahia Produtiva dar certo é a assistência técnica continuada como uma política pública de Estado, que faz com que a agricultura familiar se transforme, assim como tem transformado não só a produção, como a vida das famílias. Porque, muitas vezes, o agricultor trabalha, mas tem muita perda pelo fato de não saber onde vender, onde processar, e a cooperativa vem justamente para isso. O laticínio que está sendo

construído tem capacidade de produção de até cinco mil litros de leite por dia, e vai atender não só Monte Santo, mas outros municípios como Cansanção, que tem também um projeto de apoio à caprinocultura de leite. Então, eu acredito que vamos atender mais de 100 famílias, e a nossa expectativa é que o leite de cabra possa ser transformado em iogurte, manteiga, queijo e possa alimentar as crianças da região com um produto de qualidade e nutritivo”, destaca Charles.



Diversificação da produção e geração de renda

A COOPERSABOR, além da caprinocultura de leite, possui investimentos do Governo do Estado, via Bahia Produtiva, nos sistemas produtivos da fruticultura e de oleaginosas, e já está presente em mercados de mais de 26 municípios baianos, com mais de 70 itens, além de comercializar os produtos em lojas próprias.

A COOPERSABOR contabiliza um faturamento de R\$ 1,5 milhão em 2021. A cooperativa se prepara para chegar ao mercado com os produtos derivados do leite de cabra, tradicional na região. **“O forte aqui é a pecuária. Toda a vida existiu leite, mas não tinha onde comercializar esse leite. Foi aí que os agricultores tiveram a iniciativa de buscar a gente para beneficiar esse leite, para que eles tenham um local certo para poder produzir e comercializar”,** completa Charles.

A expectativa é grande por parte de agricultores e agricultoras. Maria Milene dos Santos, que é uma das funcionárias da loja Monte Sabores, em Monte Santo, e criadora de caprinos, comenta a evolução do seu rebanho. **“Antes, a gente criava apenas cabra para corte e algumas para o nosso consumo. Com a chegada do projeto e da assistência técnica, a gente melhorou o manejo e estamos ampliando a produção, com a perspectiva muito grande de estar entregando leite para o laticínio. Vai ser muito gratificante ver o nosso produto na prateleira”.**



Fotos: Geraldo Carvalho.

“Antes, a gente criava apenas cabra para corte e algumas para o nosso consumo. Com a chegada do projeto e da assistência técnica, a gente melhorou o manejo e estamos ampliando a produção, com a perspectiva muito grande de estar entregando leite para o laticínio. Vai ser muito gratificante ver o nosso produto na prateleira”.

Maria Milene dos Santos
Agricultora, criadora de caprinos
e uma das funcionárias da loja
Monte Sabores, em Monte Santo

“É uma satisfação para mim e para o Zito, que já viemos de muitos anos de sufoco, saber que o Governo do Estado nos valorizou”.

Leôncio Manoel de Andrade,
agricultor e cooperado da COOPERSABOR



Gestão comunitária em Várzea da Roça se torna referência no Território Bacia do Jacuípe



A Associação Comunitária Lagoa da Preta e Capoeira do Milho, do município de Várzea da Roça, que completa 30 anos no início do ano de 2023, atualmente, é referência na agricultura familiar do território de identidade Bacia do Jacuípe quando os temas são: criação de ovinos, produção de farinha e de outros subprodutos da mandioca e, especialmente, gestão comunitária de excelência feita pelos agricultores e pelas agricultoras familiares dessas comunidades.



O processo de organização e o comprometimento da Associação têm sido essenciais para que a comunidade se desenvolva em diversas frentes de atuação, entre elas a do acesso a políticas públicas importantes de incentivo à agricultura familiar, a exemplo da seleção no edital do projeto Bahia Produtiva. Por meio do edital, a Associação teve acesso a máquinas e equipamentos e ao serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que vem permitindo a elevação da produção e da renda e, conseqüentemente, proporcionando melhor qualidade de vida para as famílias das comunidades.

Quem presta esse serviço de ATER à comunidade é a Fundação de Apoio à Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia (Fatres). A técnica em Agropecuária da Fatres, Tainan Fernandes, explica a importância da organização e da gestão comunitária para o sucesso de Capoeira do Milho.

“Eles têm uma autonomia muito bacana e uma área coletiva de trabalho. Realizam mutirões para produzir a mandioca, para o manejo da planta e para o processamento e beneficiamento. Todos os participantes se envolvem na produção. Então, a comunidade tem um empoderamento muito bacana e torna o processo muito mais fácil. Capoeira do Milho, hoje, é referência para a assistência técnica. Eles têm um processo de autogestão que poderia ser replicado em outras associações. Então, para o processo associativo, isso é fantástico”, ressalta Tainan.

Trabalho coordenado

O diferencial de Capoeira do Milho é a gestão compartilhada, realizada a partir da formação de comissões para cada frente de atuação. Na comunidade, tem coordenação do grupo de mulheres, para a produção de biscoitos e sequilhos; coordenação focada na roça de mandioca; na casa de farinha; na plantação de palma forrageira; e no fundo rotativo solidário da Associação. Toda essa organização tem proporcionado um melhor aprendizado das orientações técnicas transmitidas às famílias atendidas.

“Eu me sinto parte da Associação, porque sou filha de agricultor beneficiário do projeto e a gente tem trocado muita experiência. Temos muitos agricultores experimentadores, que gostam de propor, e isso soma conhecimento. Porque não é a prestadora de ATER que conquista resultado nenhum, é a própria comunidade. São as famílias que estão melhorando de renda, elas que estão tendo a autonomia de produzir o próprio alimento e comercializar”, comemora Tainan.

Dois agricultores familiares, que são pai e filho, têm papel fundamental na gestão compartilhada da Associação: José Santana, mais conhecido como seu Zó, liderança reconhecida na comunidade, e Gerivaldo Santana, atual vice-presidente da cooperativa, que gerenciou o processo de formação das comissões na Associação.

“Como meu pai já estava há um bom tempo na gestão, muitos não assumiam por medo, pois já se colocavam como se não tivessem capacidade. O presidente era o tesoureiro e o secretário, e as pessoas se apegavam a isso. Aí, quando eu cheguei na presidência, eu não tinha condições de fazer tudo, então eu demonstrei para eles

que tinham condições de assumir. Todos tiveram autonomia para que pudessem contribuir, e eu fiquei apenas na gerência das coordenações, o que fluiu muito mais do que antes. A Associação avançou, despertou mais pessoas para assumirem as coordenações. E, hoje, a gente chega no espaço deles e quem toma conta são eles”, ressalta Gerivaldo.

Com essas mudanças, a arrecadação anual da Associação está entre R\$ 15 e 20 mil, provenientes do beneficiamento dos produtos da área coletiva de mandioca, especialmente da casa de farinha. E seu Zó, mesmo depois de 18 anos na presidência da Associação e 67 anos de vida, continua atuante. Além de ser um conselheiro para os mais jovens, é coordenador do fundo rotativo solidário da Associação e continua produzindo e criando os seus carneiros.

“Eu sou coordenador do fundo rotativo, onde o associado pode fazer empréstimo direto ao fundo, sem taxa de juros. Hoje, a Associação tem R\$ 12 mil nesse fundo rotativo, onde cada associado deposita o que puder. Tudo lançado, registrado e prestado conta, ano a ano. É uma gestão organizada onde o associado tem o prazo de 30 dias para a devolução do dinheiro, que é retirado de uma conta específica do fundo”, se orgulha seu Zó.

Investimento em tecnologia

Uma das frentes de atuação de Capoeira do Milho, a ovinocultura, avança, cada vez mais, graças ao trabalho de ATER, realizado na comunidade, e aos investimentos do Governo do Estado, via Bahia Produtiva. Foram mais de R\$ 300 mil investidos na unidade multiplicadora de palma adensada com um hectare,



Fotos: André Frutuoso.



Fotos: André Frutuoso.

a entrega de 100 matrizes e quatro reprodutores, para o melhoramento genético do rebanho, um veículo tipo pick-up, máquinas e equipamentos, como a máquina forrageira com reboque e uma máquina para pesagem dos animais.

Seu Zó conta como foi a evolução na plantação de palma adensada. “Eu não conhecia os tratamentos culturais e as práticas da assistência técnica em economizar mão de obra com a utilização dos maquinários recebidos pelo Bahia Produtiva. Essa foi uma das coisas mais importantes do projeto. A gente vendeu na área coletiva mais de R\$ 50 mil em mudas de palma, produzidas de forma adensada aqui. Teve também a cobertura morta, que foi orientação do projeto e reduziu mão de obra, custo de esterco e também economizou água, porque acumula no solo por mais tempo”.

Participação ativa da comunidade

Tainan conta que os beneficiários sempre foram ativos nas atividades realizadas, a exemplo de formações, intercâmbios, encontros e visitas técnicas. “Foram feitos muitos balanceamentos de ração tentando introduzir produtos da própria comunidade na ração; **fizemos formações na área de segurança alimentar, de empoderamento na comunidade, de manejo na produção de ovinos e outros intercâmbios com as demais comunidades do território. Então, hoje a gente tem uma assistência técnica bem incisiva, voltada para essa questão dos ovinos. Capoeira do Milho hoje é referência no rebanho de ovinos. Agricultores de outras comunidades sabem que aqui tem reprodutor bom e pegam muitos animais aqui para recriar**

em suas próprias propriedades. Aqui, eles sabem da importância de ter um controle sanitário e ter uma reserva de ração legal, que é uma estratégia de convivência com o Semiárido.”

Atualmente, os agricultores e agricultoras deixaram de plantar em espaçamentos de um metro para plantar em espaçamentos de 10 centímetros, com as técnicas da palma adensada. E, além dos resultados com a palma entregue e multiplicada, a partir do projeto, também passaram a aproveitar a parte aérea da mandioca, para o balanceamento da ração, além de outras técnicas mais voltadas ao manejo reprodutivo, como a estação da monta.

“A estação de monta é um manejo em que as matrizes ficam separadas do reprodutor e elas são sincronizadas, inicialmente, na primeira estação, para elas terem um cio próximo uma da outra e o reprodutor fazer a monta, nesse caso natural, facilitando todo o manejo sanitário do lote, com cordeiros na mesma faixa etária. Assim, as matrizes vão secar próximas e a aparação dos cordeiros será também na mesma época, e já faz um lote só para a vermifugação, tudo sob a nossa orientação”, explica a técnica.

Tainan avalia, ainda, que esse manejo facilita também a alimentação adequada do lote, com o uso da técnica *cripfield*, que é quando o cordeiro, ao mesmo tempo em que mama em uma estrutura dentro do curral, também se alimenta da ração proteica. Isso gera ganho de massa magra ideal para o abate precoce e venda, já que cordeiros com 150 dias já conseguem ter 20 quilos de carcaça para o abate.

Todo esse trabalho garante bons resultados para os agricultores. **“Se não fosse**

a estação de monta, nascia um burrego hoje, um burrego daqui a 30 dias, outro daqui a 60 dias, e vender um por um, o curral fica cheio de animal e o nosso bolso fica vazio. Então, foi de grande importância, para fazer um dinheiro maior em uma única venda. Desde que começamos no projeto, já consegui tirar mais de R\$ 23 mil e cheguei a ter 80 animais”, comemora seu Zó.

O líder comunitário celebra também a chegada de maquinários como a balança para pesagem dos ovinos. “Antes, a gente pesava no olho e perdia bastante. Tinha cordeiro que pesava 35 quilos e o atravessador dizia que eram 28 quilos. Agora não, a gente já sabe o peso correto, e isso tem grande importância para a gente.”

Trabalho em conjunto

Os frutos do trabalho em conjunto, equipe de ATER e Associação de Capoeira do Milho, são evidentes na transformação de vida de todos na região. Uma dessas experiências é do Agente Comunitário Rural (ACR), Leandro Oliveira, que retornou de São Paulo para contribuir com a sua comunidade de origem.

“Eu fui um exemplo de jovem que não pensava que aqui eu poderia encontrar a minha independência financeira e a minha liberdade, e fui trabalhar em São Paulo. Fiquei lá por cinco anos, trabalhando de forma braçal, cortando cana e colhendo laranja. Aí, eu consegui o trabalho como ACR, aqui em Capoeira do Milho, que foi uma faculdade para mim. Fui capacitado através do Bahia Produtiva e aprendi algumas técnicas sobre os animais, as plantações e aprendi muito

“Desde que começamos no projeto, já consegui tirar mais de R\$ 23 mil e cheguei a ter 80 animais”, comemora seu Zó.



"Fui capacitado através do Bahia Produtiva e aprendi algumas técnicas sobre os animais, as plantações e aprendi muito ouvindo os agricultores."
Leandro Oliveira

ouvindo os agricultores. Foi a melhor coisa do mundo ter voltado para casa, para estar perto da família, dos amigos e colegas. Hoje, eu não pretendo mais sair daqui. Capoeira do Milho é o meu lugar", conta Leandro.

Além das orientações técnicas, Leandro também coordenou o encontro dos reprodutores com as matrizes adquiridas por meio do projeto, o que facilitou a multiplicação do rebanho. "Em média, a ovelha, se tiver bom manejo, tem parição duas vezes ao ano. Então, nesses cinco anos, nasceram 10 vezes a quantidade de animais que cada um ganhou. Eu dei uma cartilha para cada beneficiário para a anotação dos ovinos e o levantamento mostra que teve agricultor tirando mais de R\$ 20 mil com os ovinos e, os que venderam menos, tiveram renda de R\$ 7 mil".

Gerivaldo, um dos que mais lucraram com os ovinos, ressalta que Capoeira do Milho foi premiada com o melhor carneiro da Bahia, em 2018, pelo *ranking* da Associação de Criação de Caprinos e Ovinos da Bahia. "Eu ganhei muitos prêmios. Teve carneiro meu vendido a R\$ 8 mil. E isso tudo foi fruto de conhecimento, do melhoramento genético e das formações que tivemos."

Outro exemplo de sucesso dentro da Associação é o do agricultor e coordenador da Casa de Farinha, Josemir Ferreira. O agricultor começou do zero, sem criação alguma e sem uma terra própria, mas hoje já cuida com qualidade de ovinos, galinhas e porcos, além de contribuir com a plantação na área coletiva.

"A minha renda ficou bem melhor depois que comecei a trabalhar na farinha e entrei no projeto Bahia Produtiva, com cinco matrizes. Trouxe qualidade de vida e facilitou colocar

o pão na mesa. No início do projeto, eu até falei para Zó que eu nem me interessava, porque eu não tinha onde criar. Aí ele me concedeu um lugarzinho para eu manter os meus animais presos e depois me liberou uma área de terra, onde eu fiz um piquete de pasto e um curral. E, hoje, eu tenho 11 cabeças, fora as 12 que eu já vendi", avalia Josemir.

A oportunidade aflorou também o trabalho na casa de biscoito da comunidade. A agricultora Vanessa da Cruz coordena esse processo com as mulheres, que traz um ganho extra para complementar a renda das famílias, por meio das vendas via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e nas feiras livres de Mairi e Várzea da Roça. "O nosso forte está sendo o biscoito, o bolo de puba, o bolo de milho e a tapioca fresca. A gente tem aceitação na feira de Mairi. Lá é bem tranquilo para poder vender".



Fotos: André Frutuoso.

**Fundo Rotativo Solidário
leva autonomia financeira
a grupo de mulheres
agricultoras**



A FASE/BA, no âmbito do projeto Bahia Produtiva, além de ter constituído o Fundo Rotativo, assessora o Grupo, formado por 20 mulheres, com intervenção socioeducativa, rodas de conversas, encontros comunitários, visitas de assessoria técnica, intercâmbio entre comunidades e experimentos agroecológicos específicos para mulheres.



Fotos: Juan Suzart.



Fotos: Juan Suzart.

O desenvolvimento econômico de associações e cooperativas da agricultura familiar é resultado da organização desses grupos produtivos e das políticas públicas destinadas ao meio rural executadas na Bahia de forma intensa nos últimos anos. Entre essas políticas está a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), que qualifica esses processos de organização da produção e gestão dos empreendimentos, e viabiliza o acesso a outras ferramentas que potencializam a atividade de homens, mulheres e a juventude rural, que buscam independência financeira e maior participação nos processos de decisão dos empreendimentos da agricultura familiar aos quais pertencem.

Na comunidade de São Paulinho, localizada no município de Teolândia, no território Baixo Sul da Bahia, o grupo de Mulheres

Mais Direito e Saúde, vinculado à Associação dos Moradores e Agricultores de São Paulinho (AMASP), conquistou a tão almejada autonomia financeira a partir da criação do Fundo Rotativo Solidário (FRS) do Baixo Sul, uma ferramenta que possibilitou, a partir do acesso ao crédito, a democratização das inovações agroecológicas das famílias agricultoras, além de garantir a continuidade e ampliação da produção de sequeiros e de outros derivados da mandioca.

O Fundo Rotativo Solidário é uma ação inovadora promovida pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE/Bahia), no âmbito do serviço de ATER, ofertado pelo Governo do Estado, via contrato com o projeto Bahia Produtiva, e executado junto a organizações selecionadas no Baixo Sul.

Recurso que incrementa a produção

A educadora técnica da FASE/BA, Aline de Sousa, explica que o Fundo Rotativo Solidário do Baixo Sul foi constituído a partir de uma intervenção socioeconômica da FASE/BA com o grupo de mulheres, no sentido de permitir mais poder econômico para elas. “A ação buscou a autonomia econômica [do grupo] para o enfrentamento da situação de subserviência típica do patriarcado que impera, principalmente, nas comunidades rurais”.

Aline salienta que o Grupo Produtivo de Mulheres da Comunidade São Paulinho passou a integrar a coordenação colegiada e gestora desse Fundo. A Associação capta

esses recursos do Fundo Rotativo para a produção de alimentos processados, que são comercializados via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e em Feiras da Agricultura Familiar e Economia Solidária. Além disso, o grupo tem a possibilidade de acessar o recurso para proporcionar melhorias nos plantios de ciclos curtos.

Para acessar o Fundo Rotativo Solidário, o grupo solicita um valor e o devolve em um prazo determinado, com retenção de uma taxa para a manutenção da conta e, conseqüentemente, o aumento de recurso no Fundo. “Elas passaram a gerenciar o dinheiro delas. Antes, não tinham recurso para poder gerenciar e usufruir, já que na produção agrícola familiar quem faz a gestão é o homem. Possibilitou às mulheres

cuidar da saúde e da beleza, o que elevou a autoestima, [e também possibilitou] a aquisição de eletrodomésticos e a construção da cozinha [comunitária] etc.”, observa Aline.

A coordenadora da FASE/BA, Rosélia Batista, explica que o Fundo Rotativo foi idealizado para custear as atividades produtivas das mulheres. “O objetivo foi impulsionar a comercialização dos grupos assessorados pela FASE, que alegavam dificuldades de produção e comercialização diante da ausência de capital de giro para custear a participação das mulheres nas políticas públicas de comercialização e nas feiras. O acesso ao Fundo Rotativo fomentou a participação das mulheres da [Associação] São Paulinho em vários espaços de comercialização, tanto via acesso a políticas públicas, quanto em feiras municipais, regionais e estaduais”.

O Grupo da Associação de São Paulinho, ao longo dos anos, vem acessando o Fundo Rotativo também para viabilizar a participação em atividades, como a Feira Agroecológica das Mulheres Contra a Violência, com as presenças de representantes do território Baixo Sul, Vale do Jiquiriçá e Litoral Sul, e as feiras Agroecológicas, realizadas no município de Teolândia e Presidente Tancredo Neves. Os recursos potencializaram ainda o acesso a programas como o de Aquisição de Alimentos (PAA) e de Alimentação Escolar (PNAE), no período de 2015 a 2019, além da comercialização direta na comunidade.

“O objetivo foi impulsionar a comercialização dos grupos assessorados pela FASE, que alegavam dificuldades de produção e comercialização diante da ausência de capital de giro para custear a participação das mulheres nas políticas públicas de comercialização e nas feiras. O acesso ao Fundo Rotativo fomentou a participação das mulheres do São Paulinho em vários espaços de comercialização, tanto via acesso a políticas públicas, quanto em feiras municipais, regionais e estaduais”.

Rosélia Batista, coordenadora da FASE Bahia

Cada operação do Fundo Rotativo Solidário pode ter o valor máximo de R\$ 2.500,00. Ao quitar o empréstimo, o grupo pode acessar, imediatamente, um novo empréstimo, que tem, no máximo, o prazo de três meses para a quitação, podendo ser prorrogado, de acordo com a justificativa apresentada.



Fotos: Juan Suzart.

Produção

Com esses recursos, o grupo ampliou a produção de sequilhos, aqueles famosos biscoitinhos doces que derretem na boca. A trajetória para a produção desses biscoitinhos foi longa e, segundo a sócia-fundadora do Grupo de Mulheres, Vilma de Souza Santos, no começo houve dificuldades que, aos poucos, foram sendo superadas. “Resolvemos montar a associação para começarmos a nos organizar para produzir e gerar renda. Participamos de um curso de produção de sequilhos, construímos um galpão com o apoio da comunidade e colocamos nossa cozinha dentro”.

Mas foi a partir do serviço de ATER, disponibilizado a partir da execução do projeto Bahia Produtiva, que tudo começou a mudar. “Foi a FASE que constituiu o Fundo Rotativo Solidário, criado pelas próprias mulheres. Rotativo, porque ele roda em todos os grupos, e Solidário porque ele não tem tantos juros. Melhorou muito. Se de repente surge um pedido grande, agora a gente sabe que tem um dinheiro para as compras dos insumos. Antes, a gente não tinha a garantia, tomava emprestado de alguém e ficávamos nesse compromisso e responsabilidade. Hoje, não temos dificuldade. Foi um marco para o nosso grupo e o nosso empoderamento”, ressalta Vilma.

Extensão Rural

Além de ter constituído o Fundo Rotativo Solidário, a FASE, no âmbito do projeto Bahia Produtiva, assessora o empreendimento do Grupo, formado por 20 mulheres, com intervenções socioeducativas, rodas de conversas, encontros comunitários, visi-

tas de assessoria técnica, intercâmbio entre comunidades e experimentos agroecológicos específicos para mulheres.

Essas iniciativas possibilitam também as trocas de saberes, com temáticas variadas sobre produção, estudo de viabilidade econômica, manejo agroecológico de frutíferas e hortaliças, prática de produção de defensivos naturais para a prevenção de pragas e doenças, além do incentivo para o plantio e as orientações para a utilização das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) na alimentação das famílias.



Fotos: Juan Suzart.



Fotos: Juan Suzart.

“Eu vejo que para o jovem que ingressa hoje, começar já com esse Fundo Rotativo é um grande avanço, bem diferente de como começamos. Se tínhamos um evento para expor, por exemplo, para levar os nossos biscoitos para a feira, cada uma tinha que tirar dinheiro do próprio bolso. Produzia por conta própria. Os jovens que entrarem, hoje, sabem que têm recursos garantidos para a produção, que não vai faltar recursos para comprar os insumos”.

Vilma de Souza,
sócia-fundadora do Grupo de Mulheres

Mais ações

O serviço de ATER, prestado via FASE/BA, tem enfoque na assessoria técnica diretamente ligada à produção agroecológica e de promoção da Segurança Alimentar e Nutricional. No caso das associações que estão na fase de agroindustrialização da produção, também são realizados trabalhos específicos, de acordo às necessidades.

Na comunidade de São Paulinho foi realizada, de forma participativa, a Elaboração do Plano Operacional de Procedimentos da Agroindústria;

Elaboração do custo de viabilidade econômica da produção; Trabalhos para a padronização dos produtos; Formação sobre panificação artesanal e fermentação natural, além da elaboração do Manual de Boas Práticas de Fabricação na Agroindústria Comunitária.

Rosélia ressalta que a ATER é fundamental nesse processo de desenvolvimento da comunidade.

“Todo o recurso acessado deve estar aliado à ATER, para planejar e executar a ação programada, seja ela na cozinha comunitária ou no campo”. Segundo a coordenadora da FASE/BA, a ATER possibilita: estudo de viabilidade econômica; organização e padronização da produção; embalagem; criação de marca; acesso a mercados; escala de produção; entre outras ações.

Renilda dos Santos de Jesus também faz parte do Grupo de Mulheres e está com grandes expectativas com a produção de sequilhos. “Já tiro um dinheiro da produção dos biscoitos. Ainda é pouco, mas estamos crescendo. É muito emocionante poder ganhar dinheiro com o que a gente produz. Começamos do nada, trabalhamos em cozinhas de vizinhas, e estamos nesse processo. Tenho certeza que vamos crescer, fazer nossa padaria [cozinha comunitária] e seguir em frente. Estamos expandindo, e o nosso lema é crescer”.

“Falo com orgulho que trabalho na agricultura familiar, um segmento que pode levar alimento para a cidade. Vimos isso na pandemia, que o campo abastecia a cidade. Para mim, é uma honra, um orgulho, e eu pretendo continuar trabalhando com a agricultura familiar até o fim da minha vida. Quero ter o meu sítio, ajudar no desenvolvimento da fábrica e dos outros jovens que estão chegando, agregando mais pessoas e levando o nome da associação para frente”.

Renata de Jesus da Silva,
técnica em Agropecuária e
presidente da AMASP



Fotos: Juan Suzart.

Atuação da Juventude

Para Vilma, a FASE fez com que as mulheres redescobrissem seu valor, seus direitos, tivessem mais conhecimento, além de possibilitar que a juventude da comunidade desse o pontapé inicial para ingressar na atividade. “Comprar e vender têm dificuldades, nem sempre a gente recebe tudo no mesmo dia, e como vai pagar? Eu vejo que para o jovem, que ingressa hoje, começar já com esse Fundo Rotativo é um grande avanço, bem diferente de como começamos. Se tínhamos um evento para expor, por exemplo, para levar os nossos biscoitos para a feira, cada uma tinha que tirar dinheiro do próprio bolso. Produzia por conta própria. Os jovens que entrarem, hoje, sabem que têm recursos garantidos para a produção, que não vai faltar recursos para comprar os insumos”.

Renata de Jesus da Silva, presidente da AMASP, é a mais nova do grupo e formada em 2020, na Casa Familiar Rural de Presidente Tancredo Neves, no curso técnico em Agropecuária, entrou para o grupo de mulheres disposta a somar. Seus pais fizeram parte da fundação da Associação, em 2009, e seus irmãos também fizeram parte. Em 2017, foi a vez dela. “Me tornei sócia e me envolvi no processo. Comecei a desenvolver atividades que aprendi na escola e, em 2019, fui indicada para ser presidente. Uma responsabilidade grande. Eu aprendo mais do que eu ensino. É uma grande parceria”.

Para Renata, a ATER foi fundamental no desenvolvimento da comunidade. “Com o passar do tempo, as pessoas vão crescendo, os alunos vão indo embora, os jovens querem ir para a cidade, morar fora, estudar, não têm uma consciência que podem mudar a história daqui. Com a ATER, foi chegando novidades, incorporando os jovens e, hoje, o êxodo está muito menor”.

Mais investimentos

Por meio do Bahia Produtiva, a Associação dos Moradores e Agricultores de São Paulinho vai contar, além do serviço de ATER, com a construção da unidade de processamento de alimentos para a produção dos sequilhos, pães e bolos. Para isso, estão sendo investidos recursos da ordem de R\$ 320,3 mil.

Renata destaca que a expectativa é que o grupo consiga ter uma indústria de qualidade profissional. “As mulheres já trabalham com excelência, mas uma agroindústria sempre tem o que melhorar para gerar emprego e renda e levar alimentos de qualidade para a comunidade em geral”.

Para a presidente da Associação, viver da agricultura familiar é um orgulho. “Falo com orgulho que trabalho na agricultura familiar, um segmento que pode levar alimento para a cidade. Vimos isso na pandemia, que o campo abastecia a cidade. Para mim, é uma honra, um orgulho, e eu pretendo continuar trabalhando com a agricultura familiar até o fim da minha vida. Quero ter meu sítio, ajudar no desenvolvimento da fábrica e dos outros jovens que estão chegando, agregando mais pessoas e levando o nome da associação para frente”.



**Acesso à terra fideliza
famílias agricultoras
e amplia base de produção
de agroindústria
no Baixo Sul**



No município de Presidente Tancredo Neves, no território de identidade Baixo Sul, o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) foi transformador para agricultores e agricultoras familiares filiados à Cooperativa de Produtores Rurais de Presidente Tancredo Neves (COOPATAN).



Desenvolvida pela profissional responsável, Gilmara Melo, a assistência técnica atua no acompanhamento direto junto a agricultores e agricultoras, com visitas técnicas às propriedades a fim de orientá-los quanto ao manejo mais adequado das culturas. A ação inclui análise de solo, manejo de pragas e doenças, nutrição de plantas, emissão do receituário agrônomo e orientação personalizada para a aquisição de insumos, de forma coletiva e individualizada, suporte para a emissão e renovação da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), além de práticas menos comuns, como a articulação e suporte no acesso a políticas públicas como a do acesso à terra.

Essa estratégia inovadora de incluir no serviço de ATER os instrumentos necessários para viabilizar o acesso à terra já trouxe resultados positivos. Ampliou e fidelizou a base de produção da agroindústria da cooperativa, além de garantir as vendas a preços justos e renda para as famílias agricultoras. Grande parte dos cooperados da COOPATAN não possuem terras, são arrendatários, meeiros ou comodatários. Os que possuem, em sua maioria, têm área insuficiente para gerar renda para sua família.

Gilmara de Melo é engenheira agrônoma e foi contratada por meio do edital Alianças Produtivas, do projeto Bahia Produtiva, para atuar no acompanhamento técnico da COOPATAN. Ela explica que esses produtores trabalham com uma espécie de parceria agrícola com produtores maiores. **“Como a cooperativa é de pequenos produtores, a gente viu que faltava terra para eles terem produção própria. Acontecia, muitas vezes, de o produtor, que era parceiro [na terra] de outro produtor que não era cooperado, entregar sua produção para a rede ceasista, porque como a terra não era dele, ele não podia determinar onde ia vender”.**

Segundo Gilmara, quando a ATER atua de forma fundamental nessa **“distribuição de terra”**, garante que o produtor tenha terra suficiente para gerar renda e que ele tenha um processo de crescimento próprio, gerencie seu negócio, com garantia de uma produção de qualidade. **“Temos atuado também na parte de conhecimento técnico. Eles têm noção de gerenciamento da propriedade, planejamento, implantação de cultura, colheita e pós-colheita, com preocupação com o meio ambiente, entre outros assuntos. Os produtores terem domínio da terra e das técnicas [de produção adequadas] pela ATER é mudança de vida, um projeto transformador, que vem causando impacto na vida deles”.**



Fotos: Juan Suzart.

Acesso ao Crédito fundiário

Para adquirir os próprios lotes de terra, agricultores e agricultoras passaram a acessar os recursos Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), que oferece condições para que os agricultores e agricultoras que não possuem propriedade rural ou só contam com pequenos lotes de terra possam comprar um imóvel rural a partir de um financiamento de crédito especial. A cooperativa buscou então o cadastro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) para poder intermediar esse processo, sendo, portanto, uma das primeiras instituições a acessar o programa por essa modalidade.

O programa exige um profissional habilitado para a emissão dos laudos técnicos e execução dos projetos, e todas as funções foram executadas pela engenheira agrônoma Gilmara.

“Uma grande honra, visto o impacto social que todo o projeto tem surtido no município de Presidente Tancredo Neves”.

A cooperativa já contava com os condomínios agrícolas Eliane Oliveira e Maria Angola, terras adquiridas por meio do financiamento no PNCF e divididas em módulos individuais, para agricultores e agricultoras familiares viverem e produzirem. Neste ano de 2022, via serviço de ATER, foi finalizado o processo de financiamento da Fazenda Mussurunga, que possui 197,8 hectares. Lá estão sendo beneficiadas 16 famílias, de forma direta, que já receberam da Coordenação de Desenvolvimento Agrário (CDA), vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), os títulos dessas terras.

“Os produtores terem o domínio da terra e das técnicas pela ATER é mudança de vida, um projeto transformador que vem causando impacto na vida deles”.

Gilmara de Melo
Engenheira agrônoma
e responsável pela ATER
na COOPATAN



Fotos: Juan Suzart.

“É um sonho ter chegado até aqui, e foi graças à ATER da COOPATAN que consegui uma área para trabalhar. Eu trabalhava para os outros. Agora sou dono da minha área, que está desse jeito graças às orientações que recebi para trabalhar da forma certa com a agricultura. Saí de uma renda que não era de um salário-mínimo para mais de dois salários-mínimos”.

Nildo Nascimento
Agricultor cooperado da COOPATAN

Em 2018, Nildo conquistou a tão sonhada terra. “É um sonho ter chegado até aqui e foi graças à ATER da COOPATAN que consegui uma área para trabalhar. Eu trabalhava para os outros. Agora sou dono da minha área, que está desse jeito graças às orientações que recebi, para trabalhar da forma certa com a agricultura. Saí de uma renda que não era de um salário-mínimo para mais de dois salários-mínimos”.

Para Nildo, a agricultura é uma empresa a céu aberto. “Se fizermos coisas erradas o prejuízo é grande. É melhor fazer pouco e fazer bem-feito. A ATER é fundamental, pois temos orientação para fazer a coisa certa, e isso dá a certeza de que vamos ter resultado. Hoje, com a ATER, trabalhamos com a produção média de 40 toneladas de bananas por hectare. Antes não chegávamos a 20 toneladas. A agricultura sem esse serviço não anda. Orientação técnica é certeza de vitória. Espero que muitos outros agricultores realizem seu sonho de ter acesso à sua própria terra e possam aplicar esses conhecimentos nela”.

Empresa a céu aberto

Nildo Nascimento foi um dos agricultores beneficiados com a ação, e hoje se orgulha em dizer: “Sou empresário rural”. Em seu pedaço de terra, na Fazenda Mussurunga, ele possui dois hectares bem-cuidados e muito produtivos, com abacaxi, mandioca e aipim, mas a principal fonte de renda vem da banana-da-terra.

Sua experiência com o cultivo vem desde cedo. Trabalhou no pequeno plantio que o pai tinha para sustentar ele e os nove irmãos, e, aos 17 anos de idade, começou a trabalhar em parceria como meeiro. O dono da terra entrava com o insumo, enquanto Nildo entrava com a mão de obra, e o lucro era dividido. “Minha parte eu sempre tentava entregar para a cooperativa. Porque, para mim, é o melhor, pois a cooperativa valoriza o nosso produto. E lá tem tudo que preciso para usar na minha propriedade”.



Fotos: Juan Suzart.

Educação do campo e transformação

Outro agricultor que mudou de vida com a oportunidade de acessar a terra foi Benivaldo dos Santos. Com a implantação do Condomínio Agrícola Eliane Oliveira, por meio do PNCF – Nossa Primeira Terra, e investimento de R\$ 450 mil do Governo do Estado, ele foi um dos sete jovens que tiveram acesso à aquisição da terra, onde, atualmente, produz banana, aipim e mandioca para comercialização.

Benivaldo estudou na Casa Familiar Rural de Presidente Tancredo Neves (CFR-PTN), instituição voltada para a educação profissional. **“Eu não tinha muita aptidão para trabalhar com a terra. Trabalhava com meus pais e avós, sem perspectiva de vida. Trabalhava para sobreviver. A Casa Familiar Rural internalizou em mim que é possível viver da terra com dignidade. A terra hoje é o meu refúgio, é onde eu ganho o meu pão de cada dia, é o meu trabalho e a minha única renda”.**

Em 2013, Benivaldo se formou e teve a oportunidade de ter seu pedaço de terra. **“Vim para o condomínio com meu plano de vida e carreira, com metas de curto, médio e longo prazo. Queria adquirir propriedade, casa, carro, constituir família. Conquistei tudo isso com o meu trabalho na terra. Quando construí minha casa, passei um mês para acreditar que eu tinha aquilo, uma casa com banheiro no meu quarto, com ar-condicionado. Não imaginava ter nem um ventilador, quem dirá tudo isso”.**

Beni, como é chamado pela família e amigos, afirma não ter vergonha nem orgulho da vida que tinha. **“Eu sobrevivia. Meus pais moravam em casa de taipa, a gente mal tinha o que comer e vestir, e carne era uma raridade. Eu estudava e sabia que essa não era a vida que eu queria”.**

Hoje a propriedade de Beni possui uma rotina igual à de qualquer empresa. **“Acordo às 5h40 e chego em casa às 18h, de segunda a sábado, uma rotina como toda empresa, e sigo à risca a questão de tempo. Tenho anotado tudo, receita, despesa. E isso vem do aprendizado, da educação, de como adubar, plantar, cultivar e inserir as novas tecnologias. O crescimento não seria possível e eu não teria o sucesso que tenho hoje sem esse conhecimento. Não adianta ter a terra sem saber como tornar ela produtiva”.**

Além dos condomínios existentes, a COOPATAN já deu início ao processo para a aquisição da Fazenda Sapucaia, com 188,6 hectares, onde serão beneficiadas mais 16 famílias.

“A terra hoje é o meu refúgio, é onde eu ganho o meu pão de cada dia, é o meu trabalho e a minha única renda”.

Benivaldo dos Santos

Agricultor cooperado da COOPATAN



Fotos: Juan Suzart.



Fotos: Carol Garcia.

Outros investimentos na COOPATAN

Todos os conhecimentos técnicos colocados em prática geram aumento de produção e produtividade, e tudo que é produzido pelos cooperados e cooperadas tem destino certo: a unidade de beneficiamento de mandioca, banana e milho, situada na localidade de Moenda. A unidade agroindustrial foi requalificada e equipada, com investimentos da ordem de R\$ 3,6 milhões, por meio do projeto Bahia Produtiva, completando o ciclo desde o cultivo até a comercialização da produção, gerando mais empregos e renda no território Baixo Sul.

A partir daí, a COOPATAN vem atuando como agente de transformação financeira, social, econômica e solidária na região, além de garantir a oferta de produtos de qualidade, como tapioca (goma de mandioca hidratada), farinha de mandioca, beiju recheado, aipim descascado embalado a vácuo, chips de banana em quatro sabores, flocos de milho, geleia de mel de cacau, mel, curau de milho verde e palmito, entre outros.

A COOPATAN trabalha com o beneficiamento, principalmente, da mandioca e da banana, e possui uma unidade agroindustrial com capacidade de processamento de 247 toneladas, por mês, de mandioca, 159 de banana e 5.240 unidades de abacaxi. Para o processo de beneficiamento, a cooperativa emprega, diretamente, 22 pessoas, e gera dezenas de empregos indiretos, já que movimenta a economia de toda a região.

O Projeto Bahia Produtiva, além de viabilizar a contratação da profissional de ATER, investiu na contratação de um profissional para qualificar a gestão do empreendimento (ATEG), assim como possibilitou a adaptação da agroindústria para a produção de uma nova linha de produtos, uma antiga exigência do mercado. As ações viabilizaram a chegada de novos clientes e novas parcerias, o que fez aumentar, significativamente, o número de compradores e, conseqüentemente, o volume de vendas.

**Checkfish promove
melhoria na produção
de pescado**



Você conhece Checkfish? trata-se de uma plataforma virtual construída pelo Instituto BioSistêmico (IBS), prestadora do serviço de ATER, e lançada pelo Governo do Estado, no âmbito do Bahia Produtiva. Essa inovação tecnológica vem contribuindo para qualificar o serviço de ATER. Inicialmente, a plataforma atende 64 piscicultores e piscicultoras dos municípios de Barreiras e São Desidério, no território de identidade Bacia do Rio Grande, e de Serra do Ramalho, no território Velho Chico.



A plataforma organiza todo o sistema produtivo da piscicultura, especialmente na criação de tambaquis e tilápias, em tanques escavados nas unidades produtivas de agricultores e agricultoras de organizações como a Cooperativa de Piscicultores do Oeste da Bahia (COOPEIXE), de Barreiras, vinculada à Cooperativa Mista dos Agricultores Familiares (COOMAF), de São Desidério.

A utilização da tecnologia tem sido fundamental para a coleta de dados, registro dos atendimentos e diagnóstico dos agricultores e agricultoras que recebem o serviço de ATER, por meio do Instituto BioSistêmico (IBS). A equipe técnica realiza todo o acompanhamento do ponto de vista produtivo, social, ambiental e econômico.

“Nós fazemos um diagnóstico, a partir da visita técnica, que é colocado no sistema. Além de aglutinar todos os dados dos produtores, esse monitoramento categoriza e enquadra o produtor dentro das suas qualidades e deficiências, facilitando no relatório do profissional. A partir daí, o técnico traça um plano de ação com as mudanças necessárias nas propriedades”, comenta a engenheira agrônoma do IBS, Suzane Nascimento.

A plataforma digital Checkfish criou categorias com o intuito de verificar o que pode ser melhorado em cada propriedade, a partir de um diagnóstico feito com piscicultores e piscicultoras beneficiados.

A estratégia, lançada em setembro de 2021, criou categorias como platinum, ouro, prata, bronze e sem índice de qualificação, com o intuito de verificar o que pode ser melhorado em cada propriedade, a partir de um diagnóstico feito com piscicultores e piscicultoras beneficiados.

“A partir desse primeiro diagnóstico, as atualizações vão sendo inseridas na plataforma, promovendo novas requalificações e melhorando o indicador de cada produtor. Além disso, são categorizadas as mudanças mais emergenciais que devem ser feitas,— nas cores vermelho, amarelo e azul, a depender do nível de relevância das mudanças”, complementa o engenheiro agrônomo do IBS, Thalles Lélis.

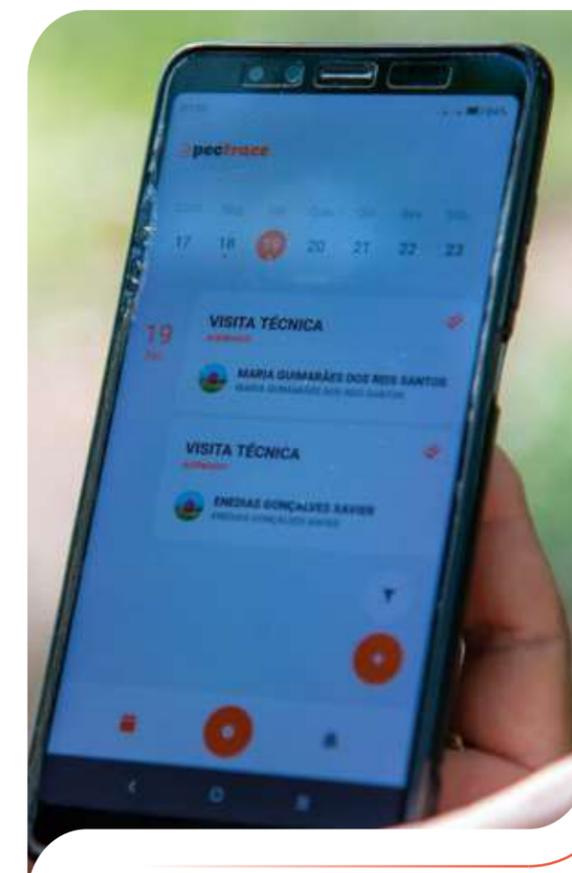


Foto: André Frutuoso.

Colhendo frutos

Os piscicultores e as piscicultoras com a assistência já começam a colher os frutos dessa nova tecnologia. Ebenezoete Sousa, conhecido como Joel, orgulha-se por ser um dos primeiros a abraçar a ideia na região. **“Achei impressionante o trabalho da *Checkfish*. Essa parceria do Estado com a *Checkfish* deu uma força para o produtor. Hoje, minha propriedade produz em torno de 15 toneladas de tambatingas (resultado de cruzamento entre tambaqui e pirapitinga). Eu acredito que, seguindo as dicas da *Checkfish*, junto com a ideia de ter onde vender o pescado, vamos para 25, 30 toneladas por ano”.**

A união entre a tecnologia e a possibilidade de escoamento da produção se dá a partir da ATER realizada por meio do IBS com a *Checkfish*, que é atrelada ao edital Alianças Produtivas, do projeto Bahia Produtiva. O edital tem como foco a relação comercial de cooperativas e associações selecionadas com compradores do setor privado, incentivando a inclusão no mercado e novas oportunidades de negócio.

No total, estão sendo aplicados R\$ 3,2 milhões no serviço de ATER, na aquisição de equipamentos e na requalificação de uma unidade de beneficiamento de pescado, que será operacionalizada pela COOMAF. A unidade vai receber os peixes, realizar o armazenamento e o escoamento da produção do pescado.

De acordo com Thiago Souza, Assistente Técnico em Gestão (ATEG) da COOMAF, contratado por meio do Bahia Produtiva, só os beneficiários da COOPEIXE já terão a capacidade de entregar até 120 toneladas de pescado, ao ano, para a comercialização.



“Antes, eu alimentava muito diferente. Chegava de manhã e jogava uma quantidade enorme de comida. O peixe enchia e só tornava a jogar de noite. Mas aí o técnico disse que eu tinha que dar comida a eles, pelo menos, três a quatro vezes por dia, porque quando eu jogava de vez, só os maiores comiam, e os menores não. E aí, os peixes ficavam sem padrão, uns mais pesados que os outros. E agora está começando a ficar no padrão.”

Enedias Gonçalves
Agricultor e piscicultor

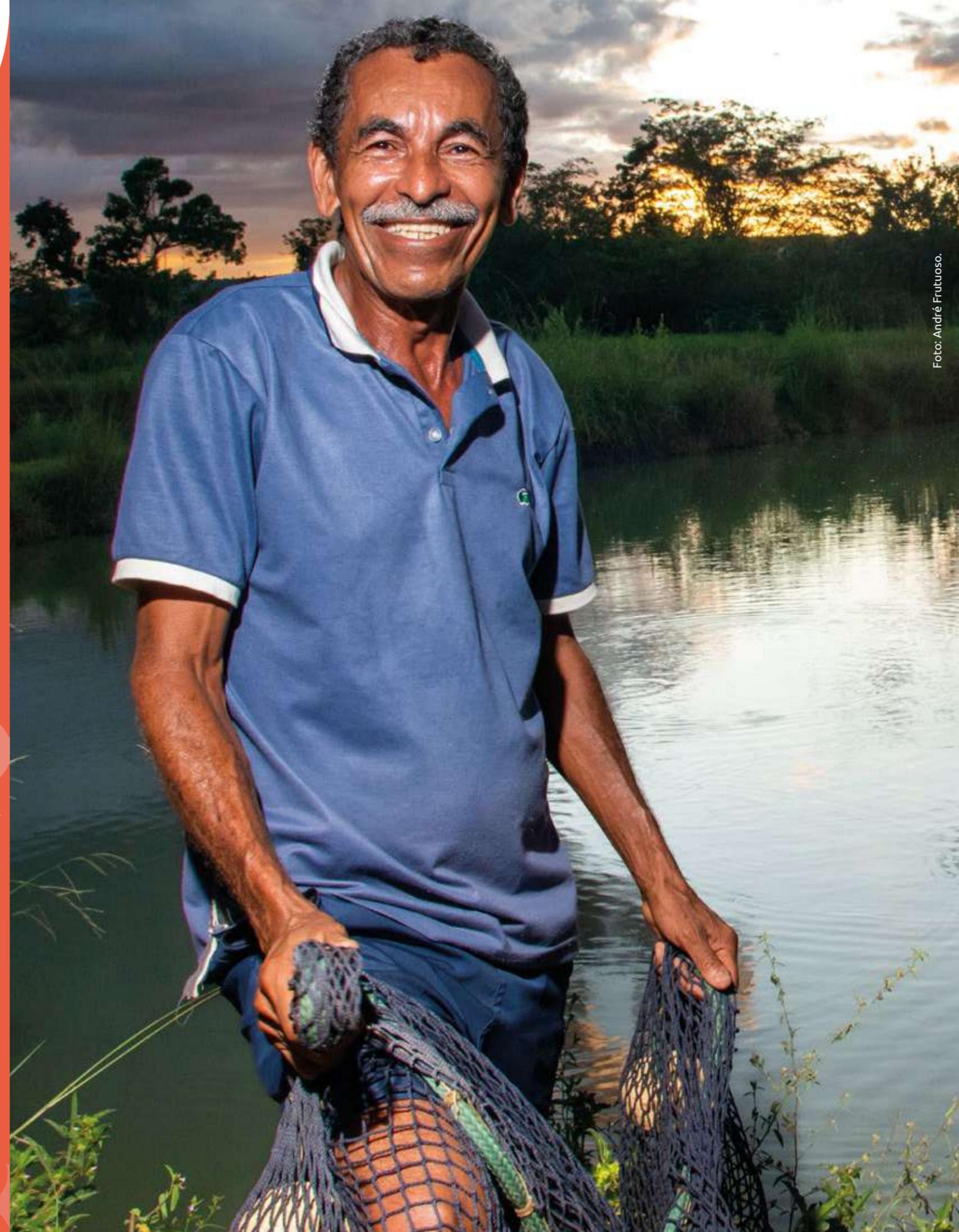
Novos ensinamentos

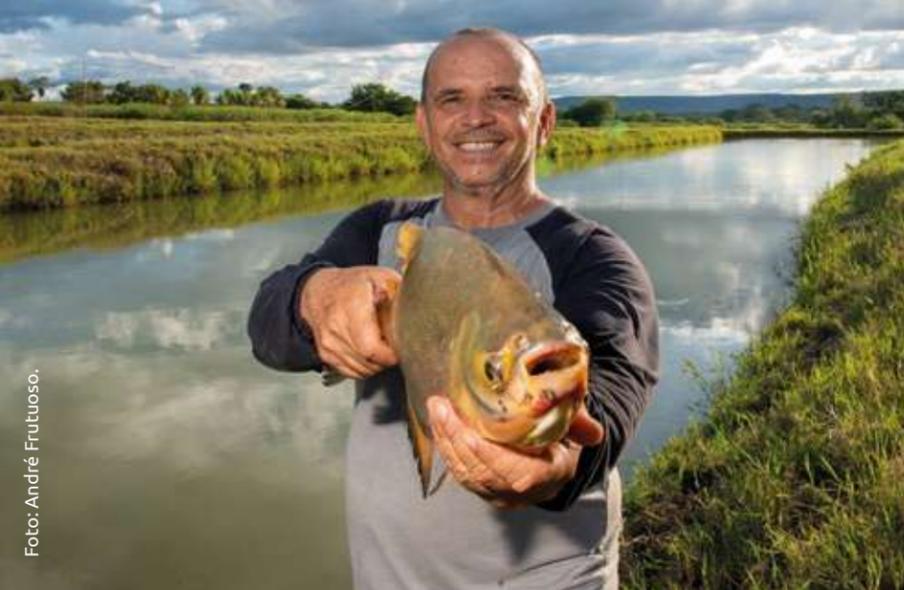
Por meio da Checkfish e da assistência técnica qualificada, muita coisa tem mudado na produção de pescado. Eneidas Gonçalves, por exemplo, já sabe fracionar melhor a ração dos peixes. “Antes, eu alimentava muito diferente. Chegava de manhã e jogava uma quantidade enorme de comida. O peixe enchia e só tornava a jogar à noite. Mas aí o técnico disse que eu tinha que dar comida a eles, pelo menos, três a quatro vezes por dia, porque, quando eu jogava de uma vez, só os maiores comem e os menores não. E aí os peixes ficavam sem padrão, uns mais pesados que os outros. E agora, está começando a ficar no padrão. Eu tenho 82 anos e 20 anos criando tambatinga, e está melhorando, também, porque eu nunca deixei de acreditar na tecnologia”.

A mudança no arraçamento dos peixes pode impactar na qualidade final da produção. “É preciso ter um padrão no lote para a comercialização junto ao frigorífico. Por isso, é preciso parcelar a comida para chegar nessa uniformidade. Ficar atento também à quantidade de ração e à qualidade da água. Seu Eneidas atualmente tira os peixes com dois anos de manejo e, com a nossa orientação, a intenção é reduzir para que, daqui a 12, 18 meses, ele já tenha os peixes em um ciclo de produção mais eficiente”, observa a engenheira Suzane Nascimento.

O piscicultor Cícero Constantino também mudou de hábitos após o Checkfish e as orientações técnicas.

“Facilitou demais, porque agora temos o histórico e sabemos onde estávamos fazendo errado para correr atrás. A Checkfish foi a maneira de abrir uma porta e me mostrar o caminho. A biometria, por exemplo, eu fazia uma vez a cada seis meses, agora faço todo mês e vejo o resultado”.





Ebenezoete Sousa,
conhecido como Joel,
orgulha-se por ser um
dos primeiros a utilizar
a tecnologia na região.

Biometria

Outra técnica compartilhada pela IBS, junto a piscicultores e piscicultoras, é a biometria dos peixes, com periodicidade. **“A biometria ocorre quando você pega de 5 a 10% dos peixes do tanque para acompanhar o peso e o desenvolvimento do pescado. Ela identifica se o piscicultor ou a piscicultora está fornecendo ração corretamente ou se está acontecendo algum problema no desenvolvimento, porque não basta apenas jogar a ração e esperar, ou apenas visualizar superficialmente se está dando certo. Tem de fazer a gestão correta, anotar e verificar como está sendo o desenvolvimento dele”**, explica Suzane.

O piscicultor Cícero Constantino também mudou de hábitos após a *Checkfish* e as orientações técnicas. **“Facilitou demais, porque agora temos o histórico e sabemos onde estávamos fazendo errado para correr atrás. A *Checkfish* foi a maneira de abrir uma porta e me mostrar o caminho. A biometria, por exemplo, eu fazia uma vez a cada seis meses, agora faço todo mês e vejo o resultado”**.

Há 16 anos como piscicultor, Cícero aplaude o serviço de ATER que vem sendo prestado. **“Às vezes, o sujeito está aqui enfurnado, dentro do mato, e, de repente, vem alguém de fora, com uma visão de quem estudou, traz conhecimentos e abre a sua cabeça do que tem de ser feito. Tem gente que não admite que pessoas jovens possam ensinar a gente, que já tem 60 anos. Mas conhecimento nunca é demais. Eu coloquei R\$ 10 mil para investir nos peixes, para vender na Semana Santa desse ano, e tirei R\$ 18 mil. Ou seja, tem uma margem de lucro aí de 70, 80%”**.

Em breve, com a requalificação da unidade de beneficiamento, será ampliada ainda mais, viabilizando a comercialização dos peixes de piscicultores como Enedias Filho, um dos 11 filhos de seu Enedias, que ajuda o pai na produção. **“A gente deseja agora uma mudança para melhor, tirando os peixes com menos tempo e dando a ração certa”**.



“Nós fazemos um diagnóstico, a partir da visita técnica, que é colocado no sistema. Além de aglutinar todos os dados dos produtores, esse monitoramento categoriza e enquadra o produtor dentro das suas qualidades e deficiências, facilitando no relatório do profissional. A partir daí, o técnico traça um plano de ação com as mudanças necessárias nas propriedades”.

Suzane Nascimento,
Engenheira agrônoma do IBS

*Artesanato de piaçava
de mulheres quilombolas
ganha mercado
em Camamu*



**Bella
Quilombolla**

Artesanatos em
fibra de piaçava

A força das mulheres quilombolas e artesãs que trabalham com a piaçava marca a história do Quilombo Pedra Rasa, no município de Camamu, no território Baixo Sul. A arte de trançar fibras vegetais é uma herança ancestral, resgatada por um grupo de mulheres que reencontrou no artesanato mais do que a possibilidade de ter uma renda.



Maria das Candeias, Maria das Graças, Maria Eduvirgens, Maria José e Maria da Glória compõem o grupo de 20 mulheres da Associação dos Moradores e Produtores da Comunidade Remanescente de Quilombos da Pedra Rasa. Em comum, além do primeiro nome, que carrega tanto simbolismo, está a conquista do empoderamento e da autoestima por meio do trabalho com a piaçava.

A piaçava, que é extraída de algumas espécies nativas de palmeiras no litoral da Bahia, é característica do bioma Mata Atlântica e tem alto valor ecológico para esses ecossistemas. A Bahia é o maior estado produtor, sendo responsável por 95% do total da produção nacional dessa fibra.

Nas mãos das mulheres da Pedra Rasa, as fibras da piaçava dão lugar a cestarias, *sousplats*, bolsas, mandalas e outros utensílios confeccionados por elas. Um resgate cultural incentivado pela equipe do Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop), organização social responsável pela Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), nessa comunidade, a partir de contrato com o Governo do Estado, via projeto Bahia Produtiva.

Herança Ancestral

Os quilombos contribuem para a reconstrução da história e para o resgate da cultura do povo afrodescendente. Um povo que traz costumes, conhecimentos e lutas dos seus ancestrais. Atualmente, o estado da Bahia possui a maior concentração de comunidades quilombolas do Brasil. São mais de 500 comunidades, somente na Bahia, das quais 381 já foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares, incluindo o Quilombo Pedra Rasa.

Maria das Candeias nasceu na comunidade e ressalta que o artesanato da piaçava é um patrimônio cultural. “O artesanato aqui sempre foi de raiz. Minha avó produzia artesanato trançado, sem usar outro material. Hoje, evoluímos, resgatamos essa cultura. Participamos de cursos, oficinas e inovamos. Criamos coisas novas, incluindo outros materiais”.

Segundo Maria das Candeias, depois da ATER foi que a comunidade voltou a desenvolver o trabalho. “Nos incentivou. Há uma expectativa de geração de renda ainda maior e de cultivar a nossa cultura e valorizar a piaçava através da nossa arte. O Bahia Produtiva foi a fonte para que a gente chegasse até aqui e para a gente ter esperança de crescer”.



Fotos: Juan Suzart.

Candeias conta que antes trabalhava na roça. “Mas trabalhava junto com os homens, como a maioria aqui, e o nosso trabalho não era reconhecido. Agora, o nosso trabalho tem reconhecimento. A gente conquistou a liberdade de demonstrar o que a gente faz e a ATER foi essencial para isso. A expectativa é que a gente possa crescer, agregar mais valor e trazer sustentabilidade para a nossa comunidade. Que a gente possa incluir nossos jovens e novas mulheres no nosso projeto para que eles conquistem a geração de renda tão almejada no próprio local em que moram”.

O artesanato da piaçava como fonte de renda já é uma realidade para Maria das Graças de Jesus Cardoso. **“A gente sonha em expandir o nosso trabalho para fora. Queremos ter o artesanato como nossa principal fonte de renda. É uma forma de nos reconhecer enquanto comunidade quilombola. Ter alguém usando a minha peça é um sentimento de orgulho e de felicidade de que meu trabalho é visto e reconhecido pelas pessoas”.**

Fortalecimento do grupo de mulheres

A coordenadora do programa Mata Atlântica, pelo Sasop, Cibele Cristina de Oliveira, explica o trabalho desenvolvido na comunidade. “Quando a gente fala da motivação dessas mulheres para o artesanato, a gente também fala da autoestima e de uma vontade que estava silenciada, que era a de resgatar o artesanato, não só da piaçava, mas outros artesanatos, e gerar renda. Mas essa renda vai além, pois interfere na qualidade de vida daquela mulher e, a partir da movimentação da ATER, dessa política pública do Bahia Produtiva, houve um empoderamento dessas mulheres”.



O Sasop trabalhou com a associação temas como o conhecimento sobre a trajetória de resistência da comunidade quilombola e a produção de artesanato, a partir do cultivo sustentável da piaçava. As atividades com o grupo produtivo de mulheres foram conduzidas a partir da construção coletiva da linha do tempo da comunidade, para um resgate da história, com um olhar voltado para a trajetória de conquistas comunitárias até hoje, culminando com o acesso ao edital do Bahia Produtiva.

“Foram realizadas atividades coletivas de motivação e organização do Grupo de Mulheres, para a produção do artesanato de piaçava, entre elas o Círculo dos Sonhos. A partir da Manifestação de Interesse [para o processo de seleção do edital] aprovada, foi realizado um encontro para o levantamento dos sonhos de todas as mulheres envolvidas no projeto e construído um planejamento de atividades

para o alcance desses sonhos. Essa atividade orientou as demais e fez com que as mulheres se motivassem a participar, uma vez que foram elas as responsáveis pelos conteúdos abordados nos encontros consecutivos”, explica Cibele.

Segundo Cibele, trabalhar com a piaçava era o objetivo desse grupo de mulheres. Então, para contemplar todas as mulheres atendidas, foi viabilizada a compra coletiva de piaçava e o mutirão para a limpeza da fibra. “O acesso à piaçava não era igual para todas as mulheres. Com a realização da compra coletiva, todas elas puderam acessar a fibra. Após a compra, foi a vez do mutirão para a prática do artesanato em piaçava e aprendizado coletivo entre as mulheres. As que tinham mais prática passaram a ensinar as com menos habilidade e, juntas, começaram a avançar na padronização das peças. Essas atividades coletivas foram realizadas inúmeras vezes, sempre com o

objetivo de interação e reafirmação da proposta do projeto para a animação do grupo e também para a produção de peças para a comercialização”.

A partir do serviço de ATER, o grupo participou do Intercâmbio de Saberes com a Comunidade Quilombola do Jatimane, do município de Nilo Peçanha, que também produz artesanato em piaçava e biojóias, e a comunidade do Jatimane também visitou a Pedra Rasa. Teve também um mutirão para a limpeza da área coletiva da comunidade, plantio de frutíferas e ervas medicinais, sempre com a finalidade de cuidar do espaço comum, para a harmonia do ambiente, promoção da segurança alimentar e a melhoria das relações interpessoais. Além disso, o Sasop promoveu atividades de organização social, econômica e de acesso a mercados, para a produção do grupo de mulheres.

Segundo o técnico agrícola do Sasop, Alianildo Quaresma, nesses encontros foi possível realizar, também, a capacitação sobre a precificação dos produtos, viabilidade econômica, vendas *online*, e vendas em feiras e demais mercados. **“Um grande marco para a comunidade foi a oficina de construção da marca e a identificação do nome: Bella Quilombolla, que foi definido coletivamente, assim como a arte da identidade visual, a partir de metodologia específica para esse fim, reforçando a trajetória de resistência do grupo e da comunidade”.**

Alianildo destaca que no início algumas integrantes do projeto estavam desmotivadas por ainda não conseguirem comercializar as peças, mas que, a partir das atividades, elas se motivaram e, hoje, comercializam, gerando uma renda que antes elas não tinham. **“Com a chegada do Sasop, foi possível mediar as relações que passam pelo interesse comum de melhoria da vida comunitária, com foco na construção coletiva do conhecimento agroecológico, da segurança alimentar**



Fotos: Juan Suzart.

e nutricional e da garantia de direitos, visando ao desenvolvimento e à emancipação dos sujeitos para uma vida digna e pautada no bem viver”.

O grupo de mulheres quilombolas também conta com o apoio da Agente Comunitária Rural (ACR), Gisele Cardozo da Silva, que atua na mobilização das beneficiárias, realização de visitas regulares nas propriedades, multiplicação dos conhecimentos adquiridos, sugestões de conteúdos alternativos, intercâmbios a outros empreendimentos produtivos com soluções exitosas, e organização da compra coletiva de matéria-prima.

Gisele, que teve sua contratação viabilizada pelo Bahia Produtiva, vem trabalhando, também, na comercialização dos produtos com a divulgação nas redes sociais. “Criei o Instagram [@bellaquilombolla] e, a partir dele, estamos fazendo parcerias para participar de feiras da região e também as vendas sob encomenda”.

Para Gisele, as conquistas já alcançadas pelo grupo como a escolha da marca, a comercialização das peças e o consequente aumento da renda, elevação da autoestima e melhoria da qualidade de vida, são consequências do trabalho coletivo, em que foram valorizadas as histórias de luta e resistência e toda a representatividade da Comunidade de Pedra Rasa.

Mais investimento

Além da ATER, o Governo do Estado, via Bahia Produtiva, está investindo na implantação de uma unidade de beneficiamento de piaçava, com máquinas e equipamentos para a comunidade, além de uma cozinha comunitária, totalizando recursos da ordem de R\$ 650,3 mil.



Fotos: Juan Suzart.

*Turismo de base comunitária
transforma a vida de famílias
ribeirinhas em Canavieiras*



Um local preservado para ser contemplado e vivenciado. Em um breve passeio pelo rio que deságua no mar, rodeado por um manguezal, é possível ver peixes saltitando e diversas espécies de aves sobrevoando. **Nesse ambiente, dá para encher os pulmões de ar puro e sentir a natureza bem próxima e viva. E está! Na comunidade de Campinhos, localizada no município de Canavieiras, a natureza é pulsante e há vida por todos os lados.**



Fotos: Juan Suzart.

Dá vontade de conhecer, não é? Campinhos faz parte da Reserva Extrativista de Canavieiras, unidade de conservação de uso sustentável que tem como principal objetivo a defesa da natureza e das populações tradicionais, em benefício da sociedade Campinhos e das comunidades de Atalaia, Poxim da Praia e Oiticica, que integram um projeto de Turismo de Base Comunitária (TBC).

Neste cenário de inúmeras belezas naturais, as comunidades estão fortalecendo essa atividade a partir de um projeto inovador, que está sendo executado pelo Governo do Estado. A iniciativa tem o acompanhamento da equipe da Humana Brasil, organização não-governamental que presta o serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) no âmbito do projeto Bahia Produtiva, que foi capaz de traduzir os desejos e as necessidades das comunidades em uma ação concreta, que já está em execução e irá reestruturar essas comunidades e potencializar o Turismo de Base Comunitária.



Fotos: Juan Suzart.

Estruturação do turismo de base comunitária

Estão sendo destinados, por meio do Bahia Produtiva, recursos da ordem de R\$ 465,4 mil em máquinas e equipamentos para a estruturação do serviço. A iniciativa está beneficiando cerca de duas mil famílias, assessoradas pela Humana Brasil. As ações vão desde a estruturação dos espaços para o receptivo, com Equipamentos de Proteção Individual (EPI), até a reforma e aquisição de novas embarcações para os passeios.

A iniciativa dialoga com as atividades características dessas comunidades, a exemplo do extrativismo, da pesca e do turismo, tendo em vista sempre a conservação da biodiversidade e dos recursos naturais, e contribui para a permanência dessas famílias com trabalho e renda.

O projeto chega para alavancar essas atividades e trazer melhoria da qualidade de vida dessas populações ribeirinhas por meio da geração de renda, tanto por meio do extrativismo quanto do turismo de base comunitária, além de incentivar o aproveitamento de frutíferas, como coco e mangaba. O projeto prevê ainda a estruturação de cozinhas, para a oferta da culinária típica da região e a vivência cultural com os extrativistas.

Além do acompanhamento técnico para o desenvolvimento do projeto, também são realizadas capacitações para beneficiárias e beneficiários nas diversas áreas relacionadas ao Turismo de Base Comunitária, a exemplo da construção de roteiros, recepção de turistas, dimensionamento das capacidades etc. Dessa forma, as chances de sucesso do projeto são potencializadas.



Fotos: Juan Suzart

Visando o futuro

As comunidades compõem um cenário paradisíaco, que está aberto aos que querem ter uma experiência diferenciada. O público é recepcionado pelos protagonistas dessa experiência turística: os ribeirinhos, moradores das comunidades locais, que recebem os visitantes em suas casas e organizam atividades para mostrar a cultura local e o dia a dia da comunidade. Com o apoio do Governo do Estado, por meio do Bahia Produtiva, essa ação vem sendo incrementada.

Entre os ribeirinhos está João Gonçalves, conhecido por “João Barba”. Ele vive na comunidade de Campinhos e é uma das lideranças do movimento de pesca sustentável em Canavieiras e integrante da Associação Mãe dos Pescadores Extrativistas de Canavieiras (AMEX), que reúne todos os pescadores que lutam por manter viva a Reserva.

É de barco, meio de transporte utilizado pelas famílias ribeirinhas para obterem o sustento, que ele chega à comunidade, onde a principal atividade econômica e produtiva é a pesca, seguida do extrativismo vegetal, da agricultura familiar e da criação de animais. Ao mostrar as belezas naturais dos arredores, João Barba alerta: “Tem que preservar. O oxigênio que esses manguezais têm é para todos nós, não só para o pescador”.

João Barba nasceu e cresceu em Campinhos. Herdou o amor pelo lugar de seus pais, que, por sua vez, herdaram de seus avós, e hoje comemora a chegada do apoio para o Turismo de Base Comunitária, visando o futuro dos filhos de seus cinco filhos e das novas gerações. “Nossa preocupação com esse projeto é de proporcionar aos jovens um futuro. Ter esses parceiros foi muito importante. Conseguimos e, com isso, mostramos aos jovens que é possível trabalhar aqui e evoluir. As coisas não vêm do dia para a noite,

mas se temos pé no chão e pertencimento ao nosso lugar, com trabalho a gente consegue. Campinhos é uma comunidade que não tem como descrever. É o futuro da nova geração da comunidade. Daqui, hoje, saem 40 jovens alunos para estudar em Canavieiras, e o que estamos fazendo aqui, hoje, vai servir para essa geração”.

Dona Marlene Santana também mora em Campinhos com seus nove filhos, 40 netos e nove bisnetos. É na casa dela que os turistas vão se deliciar com as refeições, que têm entre seus principais ingredientes os mariscos, frutos de seu trabalho no mangue. São ostras, caranguejos, aratu, coletados por ela, que se transformam em delícias culinárias preparadas e servidas por suas próprias mãos.

A casa dela é uma das casas que estão sendo reestruturadas. A cozinha vai contar com novos utensílios e estão sendo estruturados mais três quartos, com camas, colchões

e travesseiros, para receber visitantes/turistas que desejarem pernoitar por lá.

Dona Marlene conta que a principal renda da comunidade vem da pesca, e fala de suas expectativas.

“Criei meus filhos pescando aratu, caranguejo, sururu. Entrego tudo para atravessadores em Canavieiras. Essa nova ação, do turismo, vai ser uma benção para todos nós, pois vai ser outra atividade para que a gente ganhe mais. Sem esse apoio não seria possível. Estamos nos aprontando para receber todo mundo com carinho. Isso aqui é saúde, é vida, é tudo para nós. A gente respira ar puro, vive em um paraíso criado por Deus, e vamos poder compartilhar com mais gente”.

Marlene Santana

Mais serviços

Na comunidade Atalaia também está sendo construído um receptivo. É lá que o visitante vai chegar e poder escolher os roteiros de sua preferência. Uma das hospedagens que irá receber os futuros visitantes está sendo preparada na casa de Carlos André Dias. Com os investimentos feitos por meio do Bahia Produtiva, serão estruturadas duas acomodações e a cozinha.

Além disso, Carlos André, que produz e comercializa peças de cerâmica, tem o desejo de implantar o ateliê de cerâmica na comunidade. **“O Bahia Produtiva veio para dar um gás em todas as comunidades e nos fortalecer, para que tenhamos um comércio justo e solidário dentro de um atrativo criativo”.**

Para Carlos André, o trabalho realizado pela ATER é responsável pela transformação que vem ocorrendo nas comunidades.

“Nossa preocupação com esse projeto é de proporcionar aos jovens um futuro. Ter esses parceiros foi muito importante. Conseguimos e, com isso, mostramos aos jovens que é possível trabalhar aqui e evoluir. As coisas não vêm do dia para a noite, mas se temos pé no chão e pertencimento ao nosso lugar, com trabalho a gente consegue. Campinhos é uma comunidade que não tem como descrever. É o futuro da nova geração da comunidade. Daqui, hoje, saem 40 jovens alunos para estudar em Canavieiras, e o que estamos fazendo aqui, hoje, vai servir para essa geração.”

João Barba,
da comunidade de Campinhos.



“Conciliar o conhecimento técnico com o tradicional é fundamental em projetos como esse, pois nós conhecemos a realidade das comunidades, e a transformação que queremos fazer é para continuar vivendo aqui”, afirma Carlos André.

Outro morador de Atalaia é Carlos Alberto, pescador e um dos coordenadores da Comissão Nacional de Fortalecimento das Reservas Extrativistas, Povos e Comunidades Tradicionais Extrativistas Costeiras e Marinha (CONFREM). Ele ressalta que o Turismo de Base Comunitária é um turismo de vivência, onde o turista se integra à comunidade, e não a comunidade que se integra à realidade de um turismo de massa. **“É o modo de vida da comunidade tradicional ser oferecido como uma experiência de vivência, desde os estabelecimentos de hospedagem, como**

na vila com uma pousadinha, até as casas dos pescadores, para aqueles que quiserem ter uma vivência ainda mais próxima”.

Segundo Carlos Alberto, o foco principal é dotar essas experiências de Turismo de Base Comunitária com a estrutura necessária para atender aos turistas. **“A gente ainda não tinha tido essa oportunidade, proporcionada pelo Bahia Produtiva, de infraestrutura, desde a cama até a embarcação e utensílios de restaurante. Por mais que a experiência seja vivenciar a comunidade, o projeto traz a atribuição de dotar esses estabelecimentos de materiais e equipamentos necessários para o bom atendimento ao turista, que quer uma boa cama, uma embarcação e passeios com segurança”.**

**Planejamento e gestão
impulsionam as vendas
de produtos derivados
do leite**



Planejamento estratégico e ampliação gradativa da produção local de matéria-prima, além da reestruturação e reposicionamento de mercado. Esses foram alguns dos resultados obtidos a partir dos investimentos do Governo Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva, em Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), para cooperativas e associações da agricultura familiar da Bahia.



Foto: Juan Suzart.

São milhares de agricultores e agricultoras familiares, que já conseguem garantir segurança alimentar e nutricional para as suas famílias e o aumento da produção e produtividade a partir do manejo adequado do solo dos cultivos e das criações de animais, com os cuidados na base de produção e nos processos de agroindustrialização.

Tudo isso tem gerado resultados comerciais significativos para cooperativas baianas, a exemplo da Cooperativa de Produção Agropecuária de Giló e Região (Coopag), sediada em Várzea Nova, no território Piemonte da Diamantina. Por lá, o salto na produção e nas vendas, a partir do sistema produtivo da bovinocultura de leite, culminou em um faturamento de R\$ 17 milhões no ano de 2021, com a ampliação do acesso ao mercado, em 100 municípios baianos, de produtos como queijos, iogurtes e demais derivados do leite.

Os resultados alcançados pela cooperativa mostram os impactos gerados também pela da Assistência Técnica de Apoio à Gestão, ofertada pelo Governo do Estado, por meio do projeto Bahia Produtiva. “A Coopag saiu de um faturamento médio de R\$ 6 milhões ao ano, em 2019, para R\$ 17 milhões em vendas, em 2021. Só no ano passado, nós injetamos R\$ 11,1 milhões na compra de leite nas mãos dos produtores. Antes, nós tínhamos três vendedores e, hoje, somos 17 vendedores, um supervisor de vendas e duas pessoas na venda institucional”, observa o Assistente Técnico de Apoio à Gestão (ATEG), da Coopag, Jailson Cedraz, que tem formação em Administração de Empresas e é também técnico em Agropecuária.

Os resultados alcançados pela cooperativa mostram os impactos da Assistência Técnica de Apoio à Gestão: A Coopag saiu de um faturamento médio de R\$ 6 milhões ao ano, em 2019, para R\$ 17 milhões em vendas, em 2021.

A contribuição do administrador para os avanços na gestão da cooperativa, a partir da seleção no edital Alianças Produtivas, do Bahia Produtiva, é celebrada pelo presidente da Coopag, Ronaldo Carneiro. Ele ressalta que esses investimentos, de mais de R\$ 4 milhões, aplicados na contratação de profissionais qualificados, como de um ATEG, para a gestão; de um veterinário, para apoiar o serviço de ATER; de um Agente Comunitário Rural (ACR); e também na aquisição de equipamentos, para a utilização na base de produção; de caminhões, para a logística; e de tanques de resfriamento de leite, foram determinantes para alcançarem esses resultados.

“Agente se sente realizado porque, quando lembra da cooperativa lá em 2004, quando começou com 20 produtores, a gente não sabia nem o que era ser uma cooperativa. Hoje, nós fomos capacitados e, depois do gestor, entrou essa questão mais profissional mesmo. As vendas cresceram e nós temos muito a agradecer a esse projeto do Estado por essa parte técnica e de gestão. A assistência técnica na base de produção também foi muito importante porque, além da parte veterinária, o técnico incentivou outras práticas na parte da alimentação [do rebanho]. Hoje, tem produtor nosso com dois anos de comida estocada para a época do verão, quando baixava a produção”, destaca o presidente da Coopag.

Organização e mercado privado

Jailson Cedraz lembra dos desafios que encontrou quando assumiu a gestão da cooperativa, entre eles a ausência de dados organizacionais. “Eu fui buscando os dados e localizando planilhas que eles tinham anotado e vi que precisávamos de um programa de gestão, informatizado. Aí adquirimos o sistema de gestão graças ao suporte financeiro do Bahia Produtiva. Hoje, nós sabemos de tudo o que acontece pelo sistema, de forma integrada.”

Por meio do ATEG foram implementadas algumas práticas na rotina organizacional do empreendimento, a exemplo de reuniões periódicas e também a distribuição setorizada das equipes: Departamento de Vendas Privadas e Institucionais, Financeiro, Recursos Humanos (RH), e Contabilidade e Gestão, além da criação de um organograma da empresa e documentação organizada de todos os contratos e licitações.

Para otimizar a estrutura organizacional da Coopag foram realizadas ainda intervenções nas áreas de faturamento e pagamento, com capacitações realizadas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae); utilizadas contas bancárias, para pagamento de todos os produtores de leite; e realizado o acompanhamento por meio de relatórios mensais dos custos e lucros da cooperativa. “Eu faço as planilhas, gráficos e o relatório mensal todo o fim de mês. Hoje, nós sabemos que tem produtor faturando R\$ 50 mil e quem está recebendo R\$ 100,00. Na média per capita do total de 119 fornecedores de leite, chegamos a uma renda de R\$ 7.500,00 por mês para cada produtor”, ressalta o ATEG.



Foto: Juan Suzart.

Com a Assistência Técnica de Apoio à Gestão foram implementadas práticas na rotina organizacional da Coopag, a exemplo de reuniões periódicas e distribuição setorizada das equipes: Departamento de Vendas Privadas e Institucionais; Financeiro; Recursos Humanos; e Contabilidade e Gestão; além da criação de um organograma da empresa e documentação organizada de todos os contratos e licitações.

Crescimento dos negócios na pandemia

Na comercialização, o grande salto foi evidenciado justamente na época da pandemia da Covid-19. “Quando cheguei, em setembro de 2019, 70% do que era vendido era destinado à alimentação escolar, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Mas no fim do ano as aulas acabaram e a produção continuou, porque as vacas não entram de férias. Em paralelo, com a ATER na base de produção, a gente aumentou a produção de leite e, logo no início de 2020, os contratos com as escolas foram suspensos por conta da pandemia. A opção foi entrar para os mercados privados”, conta o ATEG. Ele recorda que naquela época a produção diária de leite já chegava a 10 mil litros.

A estratégia foi ampliar a equipe de vendas e a equipe do faturamento. “Ampliamos a rota de vendas e, de 33 municípios, chegamos a 100 municípios. Hoje, 95% da nossa venda é para o mercado privado e 5% para o institucional. Esse foi o sucesso do nosso negócio”, comemora Jailson.

Nesse período, ainda durante a pandemia, foi realizada uma campanha com os produtores, fornecedores de leite, que ainda não haviam consumido os produtos processados na unidade

de beneficiamento, pois toda a produção era distribuída para a alimentação escolar. Então, iniciou a campanha para que os produtores, além de conhecerem os produtos derivados do leite produzido por eles, como queijo e manteiga, pudessem também vender para os vizinhos. **“Nós chegamos aqui aos nossos produtores venderem R\$ 70 mil a R\$ 80 mil no mês, de produtos para eles mesmos e para os vizinhos. Eles passaram a comprar da cooperativa. Aí a gente começou a dar um desconto pela compra, ele revendia pela nossa tabela e ganhava 10%”** explica Jailson.

O diretor comercial da cooperativa e empresário, Fred Jordão, parceiro da Coopag na produção dos iogurtes, desde 2010, reconhece a importância da Assistência Técnica em Gestão. **“Toda a empresa tem de ter esse olhar especial para os números e as estatísticas. Quando se trabalha com leite se faz ainda mais necessário, porque é preciso analisar o volume de produção de leite total e de cada produtor, porque a gente tem que fazer um planejamento para que a indústria não fique ociosa na época das chuvas. E na parte técnica também foi fundamental porque a qualidade do leite vem do que a vaca come, então, o veterinário trabalhou a cabeça do produtor com relação ao estoque de comida.”**



Foto: Juan Suzart.

Na média per capita do total de 119 fornecedores de leite, chegamos a uma renda de R\$ 7.500,00 por mês para cada produtor.

Fred Jordão, que começou a ter contato com o cooperativismo aos 15 anos, quando ainda catava umbu e transportava de bicicleta para uma associação de polpa de frutas, já viajou para nove países, especializando-se na área da bovinocultura de leite. Ele ressalta como os investimentos impactaram nos resultados da cooperativa. “A gente fazia um iogurte de forma bem acanhada. Mas, após os convênios com o Governo do Estado, a gente passou a comprar as máquinas certas e equipamentos modernos, que fizeram com que a queijaria se tornasse uma realidade e a produção de manteiga também. Eu era só um cara ousado que viu a oportunidade, mas foi o apoio do Governo do Estado que nos deu a condição de, hoje, ter vendedor nosso com comissão de R\$13 mil em um mês, com a venda dos produtos.”

Segundo Fred, com os novos equipamentos adquiridos por meio do Bahia Produtiva, a capacidade instalada do laticínio deve subir de 22 mil litros para 70 mil litros de leite por dia. Um crescimento que pretende ser gradativo e planejado, para garantir a expansão sustentável do negócio.

Rebanho bem alimentado

Os resultados expressivos da COOPAG são resultados também do Serviço de ATER ofertado pelo veterinário Clóvis Menezes. Com a sua atuação, os agricultores e agricultoras familiares puderam ter mais consciência da sua produção.

“A chave desse negócio é a comida. Se eu tenho alimentação, eu tenho produção. Então, a gente foca muito na parte do armazenamento do alimento por meio da silagem, do feno e do armazenamento de alimentos

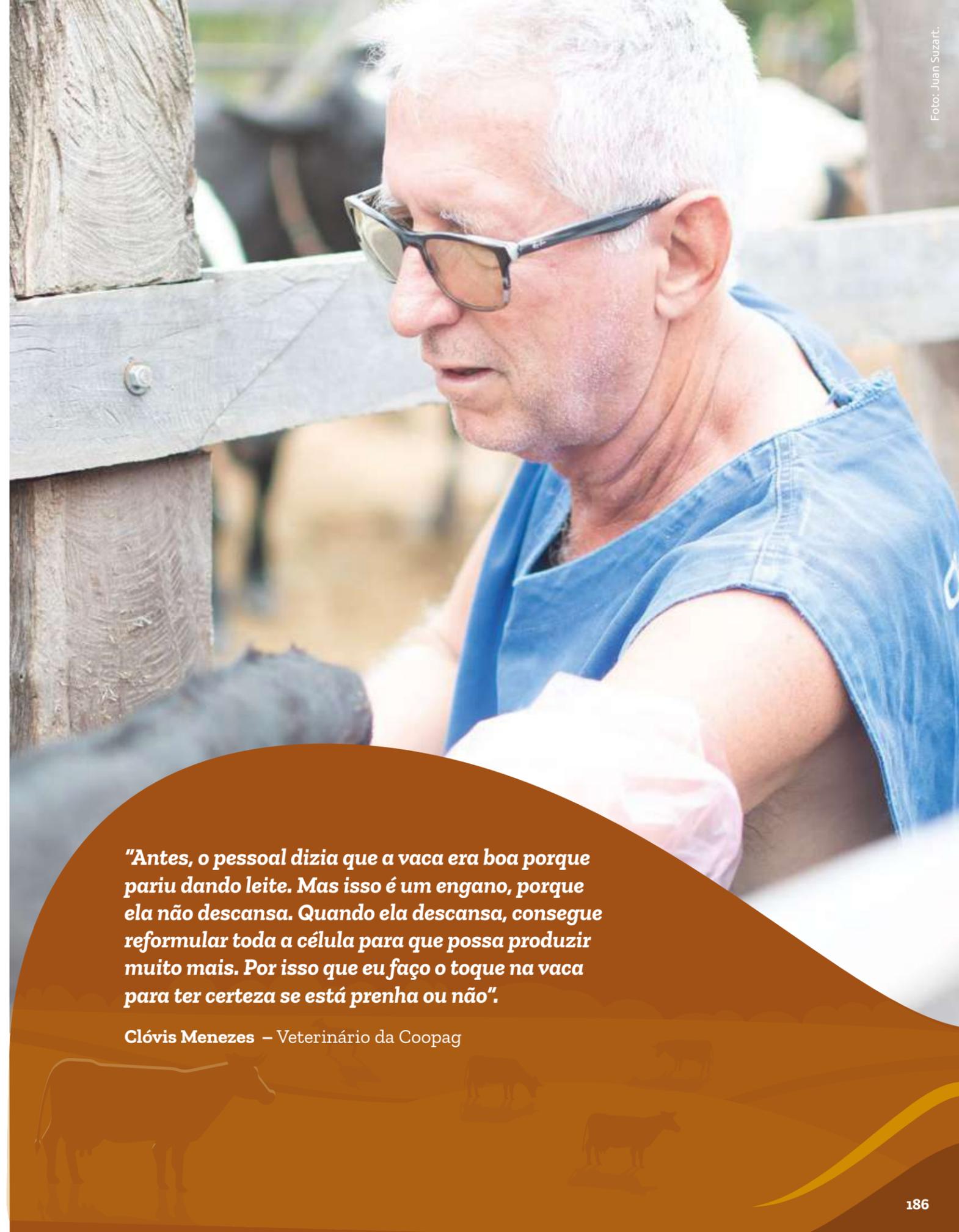
mais comuns na nossa região, como a palma. Atualmente, eles perceberam que podem fazer e estocar o alimento para os períodos secos mais longos”, observa Clóvis.

Ele explica que a produção do alimento dentro das terras de cada produtor reduz também o custo com a alimentação que o animal consome, já que, a grosso modo, uma vaca consome em torno de 50 quilos de palma por dia, além da ração balanceada.

Um dos agricultores satisfeitos com o serviço de ATER oferecida por meio do Bahia Produtiva é Rubeilton de Oliveira. Ele recebeu 20 mil mudas de palma, já vendeu 30 mil mudas e ainda possui 200 mil para alimentar os seus animais.

“São detalhes que fazem a diferença. Eu peguei todas as orientações do Dr. Clóvis, adubei, limpei e hoje tenho o resultado. Eu consegui tirar, em média, R\$ 5.100,00 por mês em 2021. A COOPAG é parceira da gente porque garante a compra do leite. Não importa se você produz 2, 5 ou 10 litros. Ela quer que você produza e valoriza os pequenos produtores. Antes, eu vendia na rua, e depois passei a vender ao atravessador, mas não tinha garantia nenhuma. E, hoje, a COOPAG está aí, garantindo ao produtor que seu leite seja beneficiado”, salienta Rubeilton.

Rubeilton enumera as ações que realiza graças à assistência do veterinário: higienização correta das vacas; **“pós-dipping”**, limpeza do curral toda semana para evitar casco e mastite; utilização de iodo, água clorada e papel toalha, para higienizar o peito da vaca em relação às bactérias; uso do esterco das vacas para adubação; e manejo adequado para a silagem e o feno.



“Antes, o pessoal dizia que a vaca era boa porque pariu dando leite. Mas isso é um engano, porque ela não descansa. Quando ela descansa, consegue reformular toda a célula para que possa produzir muito mais. Por isso que eu faço o toque na vaca para ter certeza se está prenha ou não”.

Clóvis Menezes – Veterinário da Coopag



Foto: Juan Suzart.

“Antes, uma silagem depois de pronta saía a um custo de 30 centavos. Hoje, com o maquinário adquirido com recursos do Bahia Produtiva, eu consegui reduzir para, depois de pronta, 13 centavos o quilo, uma redução bem expressiva”, comenta Rubeilton.

Outra mudança de postura significativa para a transformação dos produtores está relacionada à questão reprodutiva. Segundo o veterinário Clóvis Menezes, o diagnóstico da gestação, que detecta se a vaca está prenha ou não, é muito importante para a qualidade do leite dos animais. “Antes, o pessoal dizia que a vaca era boa porque pariu dando leite. Mas isso é um engano, porque ela não descansa, e quando ela descansa, consegue reformular toda a célula para que possa produzir muito mais. Por isso que eu faço o toque na vaca para ter certeza se está prenha ou não”.

Esse diagnóstico feito pelo veterinário tem ajudado agricultores como Valtemir Rios. “Eu não sabia quando as vacas estavam prenhas. Agora, com sete meses a gente já faz o toque e separa elas. Depois de 60 dias de paridas, elas já voltam com uma qualidade de leite boa”.

“Eu trabalhava cinco dias na semana a R\$ 50,00 e rendia R\$ 250,00. E, hoje, com as vacas, são R\$ 700,00 por semana. É uma diferença grande e não estou precisando trabalhar para ninguém. Hoje, eu tenho um filho de 18 anos e consigo dar um estudo melhor para ele, um transporte melhor”.

Valdemir Rios
Agricultor e produtor

Conhecimento e permanência na terra

Valtemir Rios é um dos exemplos dos muitos agricultores e agricultoras que deixaram de trabalhar para grandes produtores para produzir o leite no quintal de casa. “Eu trabalhava cinco dias na semana a R\$ 50,00 e rendia R\$ 250,00. E hoje, com as vacas, são R\$ 700,00 por semana. É uma diferença grande, e não estou precisando trabalhar para ninguém. Hoje, eu tenho um filho de 18 anos e consigo dar um estudo melhor para ele, um transporte melhor”.

Casos de sucesso com o de Valtemir vêm estimulando também os mais jovens a entrarem na atividade. O jovem Rodrigo Nunes começou na bovinocultura após saber dos resultados dos vizinhos.

“Eu comecei com 22 anos, depois de ouvir que essa atividade estava dando certo na região. Já arrumei a minha casa, comprei outras áreas de terra e tenho feito o melhoramento genético com a inseminação. Tudo com a venda do leite. No início, eu plantei palma nessa mesma área, mas no modelo antigo, aí tirei e os animais comeram em 10 dias. Eu calculo que hoje os mesmos animais que consumiram aquela palma em 10 dias, não conseguem comer em 150 dias, porque eu tenho agora uma produção 15 vezes maior, por causa da utilização do esterco na adubação”, ressalta Rodrigo.

**Cooperativa do Sertão
Baiano eleva o faturamento
com o desenvolvimento
de novos produtos**



*A agricultora
Maria Perpétua
Barbosa
é exemplo
de transformação.*

Assistência técnica qualificada impactou diretamente na ampliação de mercados e no volume de vendas dos produtos da COOPERCUC.



Foto: Geraldo Carvalho.

Conhecida pelos diversos produtos derivados do umbu e de outras frutas nativas da Caatinga, a Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá (COOPERCUC), localizada no município de Uauá, Semiárido baiano, tem voltado a sua atenção tanto para a base produtiva, quanto para a gestão comercial do empreendimento.

Desde 2010, a COOPERCUC acessa investimentos do Governo do Estado para o fortalecimento do trabalho de beneficiamento de frutas típicas da Caatinga, como o umbu e o maracujá-da-Caatinga, mas uma grande evolução aconteceu ao participar do edital Alianças Produtivas, do projeto Bahia Produtiva.

Além da chegada de novos e modernos equipamentos para a agroindústria de beneficiamento de polpas de frutas, a inclusão de um profissional em Engenharia de Alimentos para atuar como responsável técnica na indústria e responsável pelo serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), e de um analista em Contabilidade, para atuar como Assistente Técnico em Gestão (ATEG), mudaram os rumos da cooperativa, fortalecendo e qualificando a gestão do empreendimento.

“Eu falo com muito orgulho desse projeto, porque olhou a relação das cooperativas com o mercado. A gente deu um salto muito grande com a chegada desses dois profissionais. Leidiane (Engenheira de Alimentos) perpassa toda a conjuntura da COOPERCUC, desde a base produtiva até a estrutura aqui dentro, além de desenvolver produtos, organizar o serviço e os nossos registros. E Dailson (Analista em Contabilidade) nos deu um bom resultado, especialmente no mercado privado, que precisava de mais atenção, além de organizar os nossos processos internos de nota fiscal e gerenciamento financeiro”, salienta a presidente da COOPERCUC, Denise Cardoso.

Uma prova dos resultados na cooperativa é o faturamento de R\$ 1,7 milhão, em 2021, com o processamento de 200 toneladas de frutas, e o sorriso das mais de 450 famílias atendidas pela cooperativa, como o da agricultora familiar Maria Perpétua Barbosa, que conta os benefícios provenientes da entrega de frutas na cooperativa.

“Há 48 anos, a renda nossa era o umbu, de ano em ano. Nem o maracujá tinha valor nesse tempo. A gente tirava o umbu daqui da Serra da Besta, minha comunidade, e ia levar em cima de um jegue para a comunidade do Caldeirão, que fica a uns oito quilômetros daqui. Quando chegava lá, se os atravessadores não estivessem, a gente perdia os umbus. Se estivessem, era o preço que eles falavam. Mas depois que veio esse projeto e a COOPERCUC, a entrega passou a ser por semana. Só no ano passado, a gente entregou 5 mil quilos de aipim descascado e selado, para a cooperativa passar para as escolas. Para mim, foi um sonho realizado”, conta Maria Perpétua. Só com a safra do umbu, a estimativa é que cada um dos 272 cooperados e cooperadas garantam, em média, um salário-mínimo por safra, resultado do trabalho realizado na assistência técnica e na gestão do empreendimento, aliado aos outros investimentos do Governo do Estado.

A COOPERCUC saiu de um faturamento de R\$ 1 milhão, em 2019, e alcançou os R\$ 1,7 milhão em 2021.

“Eu falo com muito orgulho desse projeto, porque olhou a relação das cooperativas com o mercado. Leidiane perpassa toda a conjuntura da COOPERCUC, desde a base produtiva até a estrutura aqui dentro, além de desenvolver produtos, organizar o serviço e os nossos registros. E Dailson nos deu um bom resultado, especialmente no mercado privado, que precisava de mais atenção, além de organizar os nossos processos internos de nota fiscal e gerenciamento financeiro”.

Denise Cardoso – Presidente da COOPERCUC

Mão de obra qualificada

Você sabe o que faz uma Engenheira de Alimentos dentro de uma agroindústria? Trabalha, trabalha muito. Quem conta um pouco dessa história é a mineira Engenheira de Alimentos, Leidiane Vieira, contratada em 2019 para atuar na gestão da agroindústria da COOPERCUC.

Entre os desafios que ela teve que enfrentar logo após a sua chegada estavam: desenvolver novos produtos, incluindo sem açúcar, e tornar os produtos, juntamente com o colega Dailson Andrade, mais atrativos ao mercado. Desafio dado, desafio cumprido. Além desses, foi também desafiador chegar à maior coleta de umbu da história da cooperativa, com 70 toneladas de fruta, e o processamento de 90 toneladas de frutas diversas, em três meses.

“Quando cheguei aqui, reestruturamos a documentação de garantia da qualidade [dos produtos], porque temos duas estruturas: uma para o beneficiamento e a elaboração de doces e geleias, que é inspecionado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), e outra estrutura para a produção de sucos e polpas, que é com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Reestruturamos essa parte da documentação, realizamos treinamentos com a equipe e estamos anualmente fazendo exames periódicos dos nossos funcionários. Fortalecemos também a questão da higiene, sobre não usar barba, adornos, ter zelo com os equipamentos e vir para a indústria sem cremes ou perfumes, porque aqui, quem tem de cheirar é o umbu, e não a gente”, explica a engenheira de Alimentos.



Foto: Geraldo Carvalho.

Outra tarefa desempenhada por Leidiane é a liderança da equipe em todas as etapas de processamento das frutas, desde a chegada e higienização das frutas até a rotulagem dos produtos finais. Tudo feito com muito controle e análise de qualidade.

“A análise físico-química é feita durante o processo, com a análise de Brix (escala utilizada na indústria de alimentos) para medir a quantidade de açúcar que tem naqueles produtos ou nas frutas. A variação do Brix é feita também para determinar o ponto de cozimento dos doces. Então, não é uma definição feita por tempo, é dentro da escala, para que a gente tenha um padrão nos produtos, para que o que você consumiu ontem tenha o mesmo gosto do que você consumiu em outubro, por exemplo”, explica Leidiane.

Além da avaliação físico-química, a COOPERCUC também realiza análises microbiológicas. Isso foi possível graças aos investimentos de R\$ 2,4 milhões via projeto Bahia Produtiva.

“O laboratório de microbiologia, que veio com o Bahia Produtiva, facilitou muito a nossa vida, porque a gente pode fazer as análises da água, dos doces, das geleias e dos sucos aqui e ter uma resposta muito rápida. Em vez de enviar uma amostra e aguardar entre 15 e 18 dias, com cinco ou seis dias eu já consigo fazer o acompanhamento desse resultado”, comemora Leidiane.

Outros equipamentos também contribuíram para a evolução do trabalho na agroindústria, como a chegada de uma câmara fria de 90 toneladas e um novo pasteurizador tubular. **“Antes, o pasteurizador que a gente usava era lento, demorava o dia todo para fazer 1.000 litros, e a qualidade sensorial e físi-**

co-química ficava deficitária. Com o novo equipamento, a qualidade de entrega dos meus preparados líquidos ficou excelente e o processo tecnológico gerou uma eficiência de tempo e energia muito boas”.

Desenvolvimento de produtos novos

Muitas pessoas podem pensar que desenvolver novos produtos é apenas sentar, pensar em uma nova fórmula e colocar no mercado. Mas essa atividade é muito mais que isso. **“É feito todo um processo de pesquisa, de conhecer os produtos, de fazer a interação entre os ingredientes, e o laboratório se tornou também um lugar para pesquisa e desenvolvimento de novos produtos. Todos eles foram produzidos dentro do laboratório. Primeiro em escala piloto, depois são feitas avaliações sensoriais e físico-químicas com toda a equipe, são feitos os ajustes de Brix, de tempo de cocção, do tempo certo para colocar cada ingrediente, e só depois é que vai para a parte de rotulagem, embalagem e sai para o mercado”,** observa Leidiane Vieira.

Nesse período em que atuam na cooperativa, Leidiane e Dailson foram responsáveis pela criação e comercialização do preparado líquido para refresco, com o nome Umbuzada, do doce de goiaba com acerola e de três rótulos de cervejas de umbu *Saison*, *Pale Ale* e *maracujá-da-Catinga*.

Sobre o processo de desenvolvimento das cervejas, quem fala com propriedade é o colaborador e mestre cervejeiro Emanuel Gonçalves. Ele, que está na COOPERCUC há sete anos e viu as mudanças na linha de produção, ressalta os avanços que aconteceram com a agricultura familiar da região.

“Estou aqui desde a fábrica antiga. Comecei estagiando lá, virei diarista e, agora, sou colaborador e mestre cervejeiro. Com essa nova fábrica e com a Leidiane, melhoraram muito os processos e, principalmente, o acompanhamento de perto da produção. Isso garantiu a qualidade dos produtos. Sobre as cervejas, eu só tenho a agradecer à COOPERCUC que investiu no meu conhecimento para estudar sobre cerveja e, hoje, temos três cervejas desenvolvidas. É um orgulho imenso para mim, que vim da zona rural, conseguir trazer esse conhecimento de cerveja para a COOPERCUC. É muito orgulho”.

Sobre a criação da umbuzada e do doce de goiaba com acerola, Leidiane salienta que os produtos atenderam demandas comerciais diferentes: a umbuzada veio no atendimento ao público que já conhecia esse sabor tradicional da cultura nordestina, com o pedido de ser zero adição de açúcar, e o doce de goiaba com acerola nasceu da necessidade de um cliente da Alemanha e foi totalmente desenvolvido em Uauá. Hoje é sucesso de vendas em Berlim.

“É um prazer muito grande todas as vezes que eu vejo os nossos produtos e penso: essa goiaba veio lá do Zé Wilson, esse maracujá veio lá da dona Perpétua. Eu fico muito feliz porque nós desmistificamos quando se falava que a agricultura familiar não tem regularidade de entrega. Tem sim. A agricultura familiar é enorme. A COOPERCUC tem 42 produtos diferentes e, mais recente, assumimos um laticínio de leite de cabra, e, nessa perspectiva, eu assumi um Mestrado em Ciência Animal e já estou em pesquisa para a elaboração de um queijo de leite de cabra maturado com

as nossas cervejas”, conta, animada, a Engenheira de Alimentos.

Comercialização

Se o trabalho está gerando frutos na base de produção e na agroindústria, na área comercial os resultados se transformam em dividendos. A COOPERCUC saiu de um faturamento de R\$ 1 milhão, em 2019, e alcançou os R\$ 1,7 milhão em 2021. E as expectativas são boas, segundo o ATEG da cooperativa Dailson Andrade, especialmente pelo processo de internacionalização dos produtos.

“Nós estamos em tratativas comerciais com vários clientes na Espanha, Estados Unidos, Canadá, Arábia Saudita, Holanda e Itália, além da Alemanha, onde nós temos o doce de banana com maracujá, e agora o doce de goiaba com acerola. Esse cliente hoje compra, em média, três mil potes dos dois doces, mas existe uma perspectiva de que a gente quintuple essa entrega este ano. Diferente do mercado nacional, uma venda internacional demora até seis meses para concretizar uma operação, porque nós temos todo um trabalho de explicar o que é o produto e de mostrar que é um produto diferenciado. Então, nós estamos com a perspectiva de, realmente, dobrar o faturamento no mercado internacional”.

O trabalho desenvolvido pelo ATEG impactou, diretamente, na ampliação dos mercados e no volume de vendas dos produtos da COOPERCUC em nível nacional. Outra estratégia desenvolvida pelo gestor que vem trazendo resultados é a criação de centros de distribuição, que facilitaram a entrega dos produtos de Norte a Sul do país.



“Nós saímos de um Centro de Distribuição, aqui na fábrica, para seis centros: dois em Salvador (BA), um em Igaci (AL), um em Brasília (DF) e dois em São Paulo (SP). Esses locais de estoque facilitam na entrega dos pedidos. Se antes um cliente de São Paulo pedia o produto e atendíamos entre 14 e 18 dias, hoje ele recebe em até 48 horas. Isso melhora a recorrência de compra, ou seja, com o CD dificilmente um cliente compra só uma vez”.

Dailson Andrade – ATEG da COOPERCUC

“Nós saímos de um Centro de Distribuição, aqui na fábrica, para seis centros: dois em Salvador (BA), um em Igaci (AL), um em Brasília (DF) e dois em São Paulo (SP). Esses locais de estoque facilitam na entrega dos pedidos. Se antes um cliente de São Paulo pedia o produto e atendíamos entre 14 e 18 dias, hoje ele recebe em até 48 horas. Isso melhora a recorrência de compra, ou seja, com o CD dificilmente um cliente compra só uma vez”, celebra Dailson.

Para atender à demanda crescente, a COOPERCUC já chega em 20 estados brasileiros, e a equipe, coordenada por Dailson,

também aumentou de uma pessoa para seis responsáveis para dar conta dessa demanda. No segmento para empresas/mercados são 264 clientes ativos, e para consumidores/revendedores são 64 clientes e 9 contratos com instâncias de governo.

Um desses revendedores é Wiston Geraldo Guimarães, conhecido como Gereba, dono do mercado Lili e Lourinho, em Uauá. Gereba comenta que fortalece o trabalho da COOPERCUC ao colocar os produtos em seu mercado e recebe elogios de quem consome os itens.

SERVIÇOS TERRITORIAIS DE APOIO À AGRICULTURA FAMILIAR (SETAFS)

SETAF LITORAL NORTE (ALAGOINHAS)

Rua Padre Godinho, 156 - Santa Terezinha
CEP: 48011-320 Tels (75) 3541-7521 / 3423-4219

SETAF VALE DO JIQUIRIÇÁ (AMARGOSA)

Rua Deraldo Bulhões de Souza, 404 - Centro
CEP: 45300-000 Tel (75) 3634-2382

SETAF BACIA DO RIO CORRENTE (BARREIRAS)

Av. Aylon Macedo, 670 - Ed. Porto Brasil - 3º Andar - Boa Vista
CEP: 47806-180 Tel (77) 3611-4658

SETAF VELHO CHICO (BOM JESUS DA LAPA)

Rua Hermes de Lima, 245 - São Gotardo
CEP: 47600-000 Tel (77) 3481-5111

SETAF SERTÃO PRODUTIVO (CAETITÉ)

Praça Rodrigues Lima, 230 - Centro
CEP: 46400-000 Tel (77) 3454-2022

SETAF METROPOLITANO DE SALVADOR (SALVADOR)

Av. Luiz Viana Filho, Conjunto Seplan - CAB
CEP: 41745-001 Tel (71) 3115-3940

SETAF RECÔNCAVO (CRUZ DAS ALMAS)

Praça Gerald Mayer Suedick, 01 - Centro
CEP: 44380-000 Tel (75) 3621-1711

SETAF COSTA DO DESCOBRIMENTO (EUNÁPOLIS)

Rua da Independência, 187 - Edgar Trancoso
CEP: 45820-573 Tel (73) 3281-6735

SETAF PORTAL DO SERTÃO (FEIRA DE SANTANA)

Rua Senador Quintino, 523 - Olhos D'Água
CEP: 44003-615 Tels (75) 3622-0825 / 3622-5311

SETAF IRECÊ (IRECÊ)

Av. Raimundo Bonfim, 512 - Loteamento Coopirecê
CEP: 44900-000 Tels (74) 3641-3931 / 3641-2245

SETAF PIEMONTE DO PARAGUAÇU (ITABERABA)

Av. Rio Branco, 569 - Centro
CEP: 46880-000 Tel (75) 3251-3039

SETAF LITORAL SUL (ITABUNA)

Av. Soares Pinheiro, 705 - Centro
CEP: 45601-097 Tels (73) 3616-1571 / 3212-2688

SETAF MÉDIO SUDOESTE DA BAHIA (ITAPETINGA)

Av. Presidente Kennedy, s/n - Centro
CEP: 45700-000 Tel (77) 3262-2637

SETAF PIEMONTE DA DIAMANTINA (JACOBINA)

Av. Orlando Oliveira Pires, 800 - Centro
CEP: 44700-000 Tels (74) 3621-3059 / 3621-3920

SETAF MÉDIO RIO DAS CONTAS (JEQUIÉ)

Av. José Moreira Sobrinho, 325 - Jequiezinho
CEP: 45200-000 Tel (73) 3525-7752

SETAF SERTÃO DO SÃO FRANCISCO (JUAZEIRO)

Rua Engenheiro Geraldo Viana, 07 - Country Club
CEP: 48903-020 Tels (74) 3611-3933 / 3612-0664

SETAF BACIA DO PARAMIRIM (MACAÚBAS)

Rua Dr. Manuel Vitorino, 9943, 1º e 2º Andar - Centro
CEP: 46500-000 Tels (77) 3473-1421 / 3473-1422

SETAF ITAPARICA (PAULO AFONSO)

Rua Juscelino Kubitschek, 185A - Perpétuo Socorro
CEP: 48603-240 Tel (75) 3281-2962

SETAF BACIA DO JACUÍPE (RIACHÃO DO JACUÍPE)

Rua Alexandre Figueiredo, 98
CEP: 44640-000 Tel (75) 3264-2468

SETAF SEMIÁRIDO NORDESTE II (RIBEIRA DO POMBAL)

Rua Dr. Oliveira Brito, 344 - Centro
CEP: 48400-000 Tel (75) 3276-3772

SETAF BACIA DO RIO CORRENTE (SANTA MARIA DA VITÓRIA)

Rodovia Santa Maria da Vitória - KM 0
CEP: 47640-000 Tel (77) 3483-1466

SETAF METROPOLITANO DE SALVADOR (SALVADOR)

Av. Luiz Viana Filho, Conjunto Seplan, - CAB
CEP: 41745-001 Tel (71) 3115-3940

SETAF CHAPADA DIAMANTINA (SEABRA)

Av. Manoel Fabrício, s/n - Centro
CEP: 46900-000 Tel (75) 3331-1069

SETAF PIEMONTE NORTE DO ITAPICURÚ (SENHOR DO BONFIM)

Av. Agricultura s/n - Cleriolândia
CEP: 48970-000 Tel (74) 3541-7521

SETAF SISAL (SERRINHA)

Rua Joaquim Hortelio, 117 - Centro
CEP: 48700-000 Tel (75) 3261-2026

SETAF EXTREMO SUL (TEIXEIRA DE FREITAS)

Av. Presidente Getúlio Vargas, 5263 A 2º andar, sala 201 - Redenção
CEP: 45985-200 Tel (73) 3263-0181

SETAF VALE DO JIQUIRIÇÁ (AMARGOSA)

Rua Deraldo Bulhões de Souza, 404 - Centro
CEP: 45300-000 Tel (75) 3634-2382

SETAF BAIXO SUL (VALENÇA)

Rua Guilhermina Góes, 42 - Centro
CEP: 45400-000 Tel (75) 3641-2732

SETAF SUDOESTE BAIANO (VITÓRIA DA CONQUISTA)

Av. Deraldo Mendes, 1383 - Urbis II
CEP: 45051-010 Tels (77) 3424-1166 / 3421-8026

ESPECIALISTAS TEMÁTICOS

ESPECIALISTA EM AQUICULTURA E PESCA

Alexandre José de Araujo Macedo

ESPECIALISTA EM MANDIOCULTURA

André Luis Lordelo Silva

ESPECIALISTA EM CAPRINOS E OVINOS

Carina Moreira Cezimbra

ESPECIALISTA EM BOVINOCULTURA DE LEITE

José Antônio Magalhães de Araujo

ESPECIALISTA EM APICULTURA E MELIPONICULTURA

Ana Carla da Silva Bonin

ESPECIALISTA EM FRUTICULTURA

Marcos Raimundo Pitangueira

ESPECIALISTA EM OLEAGINOSAS

Tais Nunes de Almeida

ESPECIALISTA EM SUBPROJETOS SOCIOAMBIENTAIS

Greice Póvoas de Carvalho

ESPECIALISTAS EM AGROINDÚSTRIA

Rafael Rebelo de Matos
Meirelaine Rios de Almeida Mendes

O trabalho da equipe da Coordenação de ATER, do Bahia Produtiva, foi fundamental para o sucesso das estratégias apresentadas, transformando e adaptando as metodologias de acompanhamento em uma relação de confiança e de troca de experiências, sempre em prol da transformação da vida de agricultores e agricultoras familiares beneficiários do projeto.

EQUIPE PROJETO BAHIA PRODUTIVA

COORDENADOR GERAL

Fernando Cabral

COORDENADOR DE ANÁLISE E ACOMPANHAMENTO

Gilberto Andrade

COORDENADORA DE APOIO AOS ESCRITÓRIOS TERRITORIAIS

Dora Helena Passos

COORDENADORA DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Egla Ray Costa

COORDENADORA DE CAPACITAÇÃO

Elira de Andrade

COORDENADOR DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL

Wecslei Ferraz

COORDENADOR DE INTELIGÊNCIA DE MERCADO

Aldir Parisi

COORDENADOR DE ACOMPANHAMENTO DO COMPONENTE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA / CERB

Andrevan Santana

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Sílvia Costa

ASSESSOR ESPECIAL DA DIRETORIA DA CAR

Ivan Fontes

ASSESSORA DE AQUISIÇÕES

Nara Muiños

ASSESSORA FINANCEIRA

Maria Juçara Monteiro

ASSESSOR DE ACOMPANHAMENTO

Antonio Berenguer

ASSESSORA DE ACOMPANHAMENTO DO COMPONENTE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA / CERB

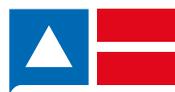
Maria Auxiliadora Cavalcanti



GRUPO BANCO MUNDIAL



**SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO RURAL**



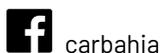
**GOVERNO
DO ESTADO**

SDR - Secretaria de Desenvolvimento Rural
CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional

Sede do Projeto Bahia Produtiva

Av. Luiz Viana Filho, 250 Conjunto Seplan, CAB
CEP: 41745-001, Salvador-Bahia / Tel: (71) 3115-3941

Sites: www.sdr.ba.gov.br | www.car.ba.gov.br





SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO RURAL